

SOL BREV

revista

11
anos

Barbante

VOL. XI - Nº 56 - 31 DE OUTUBRO DE 2023
ISSN 2238-1414



Confira o
Caderno Especial BARBANTINHA



PALAVRAS AOS LEITORES E LEITORAS

Há momentos na vida em que precisamos de pausas como as partituras musicais têm as suas. Estivemos desassossegados querendo voltar, mas esperando o momento exato. As pausas servem também para refletirmos sobre o que significa a nossa existência neste planeta tão belo e cheio de incertezas que nos convidam sempre a ir mais além todos os dias.

Em algum lugar vamos sempre nos deparar com uma boa leitura e que esta seja encontrada aqui nas nossas páginas por algum leitor esquecido num desses lugares em que as horas insistem em adormecerem os relógios.

Neste volume, a Barbante conta com as ilustrações da nossa querida poeta Christina Ramalho fotógrafa residente no estado de Sergipe que com as suas lindas fotografias transmite o seu eu mais profundo observando os murais das cidades e as coisas ao seu redor através da sua lente.

As seções desta edição estão distribuídas em Artigos, Contos, Crônicas, Poemas e Resenhas. Temas e olhares variados dão a este número um caráter bem abrangente e especial, em tempos em que se faz tão necessário capturar todas as possíveis esperanças de um mundo melhor.

Trazemos também o nosso caderno especial escrito para crianças, a Barbantinha, que está belíssimo com ilustrações e textos!

Agradecemos aos/às nossos/as colaboradores/as e desejamos uma bela leitura a vocês,

Boa leitura!

Rosângela Trajano
Samuel de Mattos

ARTIGOS



Educação ambiental sobre o Seridó: uma experiência educacional

Ariane de Medeiros Pereira

Resumo

O texto que ora discorremos trata-se de uma experiência educacional realizada com os discentes da turma de 5º Ano, do Colégio Diocesano Seridoense, da cidade de Caicó/RN. Nesse ensaio buscamos empreender um diálogo interdisciplinar entre os componentes curriculares de História, Geografia e Ciência com vista aos alunos entenderem o meio físico, natural e social no qual eles vivem e são gestores sociais atuantes. Nesse sentido, nossa proposta era trabalhar por meio de metodologias ativas, baseadas em projetos (VIESBA; ROSALEN, 2022), com vista a desenvolver nos alunos a percepção de uma educação ambiental sobre o meio ambiente da região do Seridó Potiguar, tendo em vista que, esta região está sendo afetada pela degradação ambiental e corre o risco de desertificação (SANTOS, 2020). O nosso objetivo nesse escrito é promover um diálogo sobre as experiências educacionais efetivadas com os alunos sobre o reconhecimento da necessidade de preservação do meio ambiente da região do Seridó e o reconhecimento da fauna e da flora do dito espaço. Assim, promover nos discentes a preocupação com o meio ambiente no qual eles vivem e para que, aqueles possam ser agentes educadores de conscientização a preservação do meio ambiente. Podemos perceber que os alunos conseguiram identificar as espécies do Bioma Caatinga, bem como, compreender a necessidade de preservação ambiental.

Palavras-chave: Seridó. Preservação Ambiental. Ensino Fundamental Anos Iniciais. Interdisciplinaridade. Metodologia Ativa.

Environmental education about Seridó: an educational experience

Summary

The text we are discussing here is an educational experience carried out with students from the 5th year class, at Colégio Diocesano Seridoense, in the city of Caicó/RN. In this essay we seek to undertake an interdisciplinary dialogue between the curricular components of History, Geography and Science with a view to students understanding the physical, natural and social environment in which they live and are active social managers. In this sense, our proposal was to work through active methodologies, based on projects (VIESBA; ROSALEN, 2022), with a view to developing in students the perception of environmental education about the environment of the Seridó Potiguar region, taking into account that this region is being affected by environmental degradation and is at risk of desertification (SANTOS, 2020). Our objective in this writing is to promote a dialogue about the educational experiences carried out with students regarding the recognition of the need to preserve the environment of the Seridó region and the recognition of the fauna and flora of said space. Thus, promoting concern in students for the environment in which they live and so that they can be educational agents to raise awareness about preserving the environment. We can see that the

Graduada em História/Licenciatura/Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada em Pedagogia pela UNIFAVENI/SP. Especialista em História dos Sertões pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

students were able to identify the species of the Caatinga Biome, as well as understand the need for environmental preservation.

Keywords: Seridó. Environmental Preservation. Elementary Education Early Years. Interdisciplinarity. Active Methodology.

Introdução

A discussão que ora é tecida tem como papel promover um diálogo sobre a preservação ambiental da região do Seridó, a partir, da experiência educacional desenvolvida na sala de aula, com os alunos do 5 Ano, do Colégio Diocesano Seridoense, da cidade de Caicó/RN, no ano de 2022. Para tanto, entendemos que as metodologias ativas são uma ferramenta que desperta nos discentes o interesse por problemáticas que envolvem seu cotidiano e que reverbera em seu comprometimento para desenvolver meios que possam ajudar a minimizar a problemática envolta.

No ano de 2022, havia três turmas de 5 ano, no Colégio Diocesano Seridoense, que contava em um total de setenta e cinco alunos. Assim, havia vinte e cinco alunos em cada turma. Estes advinham não somente da cidade de Caicó/RN, mas de diversas cidades do Seridó Potiguar. Nesse sentido, diariamente se deslocam pelas rodovias para chegar a referida instituição de ensino; e desse modo, observam constantemente a paisagem natural e humanizada que os cercam e as que estão em torno da cidade de Caicó/RN.

Não é de se estranhar que os alunos gestem múltiplas visões de conhecimento e de percepções ao longo de seu percurso até a instituição de ensino. Reconhecendo as situações ambientais e os problemas sociais que a região do Seridó apresenta. Partimos do entendimento que o meio educacional é o espaço de gestão e organização do conhecimento empírico dos discentes. Todos eles possuem saberes que são sistematizados para que venham a contribuir com o espaço no qual habitam, convivem e atuam.

Ao partir, com este pensamento, compreendemos, também, que os alunos são sujeitos ativos e que, portanto, são gestores e responsáveis sociais pelo desenvolvimento de sua comunidade. De modo que, ao aliar os conceitos das metodologias ativas, ao perceber estes discentes com atores sociais atuantes, lançamos como proposta a discussão sobre a preservação ambiental da região do Seridó com vista aos educandos reconhecerem a fauna e a flora da sua espacialidade e os entraves que existem para a sua preservação.

Para o desenvolvimento da nossa proposta de reconhecimento dos elementos do Bioma Caatinga e sua preservação na região do Seridó optamos por reunir as áreas do

conhecimento; entre elas: Geografia e História ministradas pela professora Ariane de Medeiros Pereira - autora deste texto - e o componente de Ciências ministrado pelo professor Dênis da Costa Azevedo. Por entender que a interdisciplinaridade agrega o conhecimento de várias áreas do saber em busca de soluções viáveis para a problemática abordada. Ademais, contribui para o protagonismo dos alunos e a relação entre os diversos saberes ampliando e sistematizando o conhecimento científico com a situação do problema do cotidiano.

A interdisciplinaridade é percebida como um elemento importante na construção do conhecimento dos alunos por meio de um ensino-aprendizagem de forma efetiva e atuante, no instante que os discentes têm a possibilidade de agregar o diálogo e os saberes das diversas ciências em prol de um problema que aflige uma determinada sociedade. Assim, partimos pelo o entendimento de Pombo (2004) que a interdisciplinaridade "visa integrar os saberes disciplinares" e não de deixá-los resguardado a um único saber. O conhecimento interdisciplinar proporciona a ampliação do conhecimento de forma a uma integração total e relacional.

A interdisciplinaridade é um quesito importantíssimo dentro do trabalho a partir do uso de projetos de ensino que visa promover a relação entre o saber científico e a prática de problemas cotidiano que afetam dada comunidade. Conforme Fernando Hernández (1998) ao se trabalhar com projetos permite-se que os alunos discutam e entendem problemas globais a partir de suas realidades e busquem soluções a partir dos saberes interdisciplinares. Assim, os alunos tem a possibilidade de alinhar a teoria à prática, de modo que, a aprendizagem faça sentido aos mesmos.

Para alcançar nosso intuito começamos discutindo com os alunos a preservação ambiental conforme vem sendo apresentado no material didático dos discentes. Em seguida, fomos inserindo a discussão de modo a debater sobre como está o meio ambiente do Seridó Potiguar e como os alunos percebem a natureza desse espaço sertanejo. A partir daí, fizemos uma roda de conversas interativa na qual os alunos colocavam seus conhecimentos e preposições.

Ao passo que caminhávamos pelas discussões tornava-se evidente que os alunos tinham consciência que a natureza da região do Seridó encontra-se em degradação e necessitando de cuidado urgente. Assim, a nossa metodologia de estudo fazia sentido no instante em que abordávamos o assunto de preservação ambiental a partir da nossa localidade, da nossa região, e da realidade que cerca a natureza do Seridó Potiguar. De modo que, os alunos tiveram a oportunidade de estudar sobre o seu bioma - no caso o Bioma da Caatinga - entender a sua composição, fragilidade e a necessidade de uma educação e preservação ambiental.

A situação da Geografia Física do Seridó é uma questão tão séria e urgente de

discussão que o professor e doutor Saulo Vital afirma que "houve diminuição de 55 km² da caatinga arbustiva dessa região entre 1985 e 2015" (SANTOS, 2020,p.s/n). O que nos permite pensar que existe uma ameaça preeminente da extinção de dadas espécies da Caatinga nesta região. Ainda conforme, Saulo Vital, para o Instituto de Geografia e Estatística - IBGE - essa microrregião do Estado do Rio Grande do Norte já não existe mais, quando considerada pelos valores estatísticos da Geografia. Todavia, diante dos fatores históricos e culturais, a dita microrregião continua sobrevivendo com sua nomenclatura(SANTOS, 2020,p.s/n).

É notório a validade destas discussões no âmbito das salas de aula locais, com vista, a alertar aos jovens sobre o estado atual da degradação ambiental que a região do Seridó Potiguar vem passando ao longo do tempo. Ademais, é a partir destas discussões e das explicações sobre a dita realidade que a sociedade pode gestar o interesse para uma efetiva preservação e educação ambiental da dita região. É evidente que se medidas de proteção não forem tomadas de imediato essa espacialidade tenderá a perder mais espaço e até desaparecer, ao considerar que, "a região do Seridó possui um Núcleo de Desertificação (Núcleo de Desertificação do Seridó Potiguar), que já possui diversos estudos", destaca Saulo." (SANTOS, 2020, p. s/n).

O nosso ensino a partir do viés da metodologia do uso do projeto nos permite abordar o conteúdo que está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC - e apresentar categoricamente a situação da realidade local da região do Seridó Potiguar. De modo a permitir a construção dialógica sobre um sujeito com consciência e senso crítico no que diz respeito ao meio ecológico é preeminente que os atores sociais compreendam a relação existente ente a sustentabilidade com a viabilidade das relações sociais e ambientais. O que estamos abordando com os nossos alunos são formas de se utilizar os recursos naturais de forma consciente e respeitando as suas particularidades.

Com este pensamento claro e objetivo iniciamos nossas discussões pautadas na reflexão crítica e consciente que uma instituição de ensino deve fomentar diálogos de engajamento para uma educação e preservação ambiental com seus educandos, de modo a, permitir que os alunos conheçam a realidade do seu meio social e ambiental para que possam ser mediadores de políticas de preservação a nossa casa comum - o meio natural -.

Nesse sentido, o nosso texto encontra-se dividido em oito momentos, nos quais constam de: um título que permite perceber a problemática do texto, o resumo e as palavras-chave que permitem o entendimento e a forma de trabalho contida no nosso escrito, a introdução que dissecar sobre o conjunto que compõe o nosso pensar. O panoramade como está o meio ambiente e a degradação ambiental da Região do Seridó. A funcionalidade do entendimento sobre o nosso trabalho desenvolvido na sala de aula

política, na qual, em diversas vezes, os próprios governantes não estão empenhados em lidar com a questão com vista a recuperação e preservação dos sistemas ambientais do Seridó. Essa questão é salutar, no momento em que, existem estudos que salientam as condições das áreas e das ecodinâmicas ambientais do Seridó Potiguar. Assim:

" No que diz respeito à região do Seridó/RN, por exemplo, alguns esforços e estudos geoambientais têm sido realizados para o entendimento de sistemas ambientais e da ecodinâmica regional (PEREIRA NETO, 2013; 2015; 2016), da identificação de 'geocomplexos' (DINIZ; OLIVEIRA, 2015) e de "geofácies" (MEDEIROS, 2019)." (NETO PEREIRA; FERNANDES; SALES, 2023. p.2).

É evidente que todos esses estudos estão preocupados com a questão ambiental na região do Seridó e apontam para caminhos contundentes que promovam a preservação e a restauração das áreas de desertificação. De modo que, temos que concordar com o pensamento do estudioso Saulo Vital quando coloca que esta é uma questão de viés político e como tal, necessita do empenho e cobrança por parte da população do Seridó para conseguir proteger e fazer com que a vida ambiental, social e humana se perpetue nos sertões do Seridó Potiguar.

Ao partir por meio destes pensamentos e preocupações torna-se salutar que desde os anos iniciais de estudos, os alunos consigam identificar e reconhecer a grandiosidade do potencial ambiental da região do Seridó, mas também, as suas limitações por meios dos processos de degradação ambiental que existem em seu seio. Ademais, são estes agentes sociais que terão que lutar e exigir das autoridades públicas um posicionamento frente a este debate. Os pesquisadores atuais estão fazendo sua parte, mas a geração seguinte, terá muito a contribuir. Partindo deste entendimento é que nos propomos a discutir sobre o dinâmica ambiental do Seridó, o reconhecimento de suas espécies, o seu potencial, mas o direito de se lutar por sua preservação e a recuperação das áreas que estão em desertificação.

A região do Seridó em seu processo histórico teve sua economia assentada nas atividades agropecuárias (PEREIRA, 2014). Mesmo que estas atividades fossem para o consumo interno, visto que, não tinha um olhar voltado para a exportação causou danos ambientais, tais como: a erosão, áreas de desertificação, entre outros, salinação do solo. Todavia, essas são situações que podem ser viabilizadas com práticas de adoção de medidas de manejo adequadas. Não estamos sendo contrários as atividades econômicas, até porque, elas são essenciais em uma sociedade. O que estamos chamando a atenção é para o uso correto dos recursos naturais a partir de políticas educativas para os agentes sociais que integram essa região.

discussão entorno da instalação das energias renováveis na região do Seridó Potiguar. Neste caso, para a citada área, a energia pensada são os megaprojetos eólicos que se instalam nas serras da região. No ano de 2022, a cidade de Caicó/RN, foi palco de um acaloroso debate sobre a instalação desse tipo de energia - as eólicas - nas serras da região do Seridó, tendo em vista que, estas serras são redutos de biodiversidade e de suporte ambiental. Pereira Neto e Silva (2012) avaliam que as serras são unidades geoambientais com um elevado potencial para a conservação da biota do Seridó; por apresentar altas altitudes e, ao mesmo tempo, declives acentuados que promovem a proteção das espécies animais e vegetais.

Diante da necessidade da preservação da estrutura morfológica e ambiental da região do Seridó como meio de permitir o uso da vida foi que a sociedade organizada, instituições educacionais, pesquisadores e conhecedores da região do Seridó organizaram o "I Seminário regional a vida pulsa no Seridó", realizado em julho, na cidade de Caicó/RN, no ano de 2022, com o intuito de deixar claro a população o que significa a instalação de um parque eólico em uma região como a do Seridó e quais problemas ambientais e sociais advém deste empreendimento. O Seminário contou com a participação de 150 pessoas que estão diretamente preocupadas com a preservação do meio ambiente do Seridó.

Como gesto concreto sobre a ocorrência do "I Seminário regional a vida pulsa no Seridó" foi criada uma Carta Aberta aos poderes constituídos e aos cidadãos do Seridó ressaltando a necessidade da criação de unidades de conservação na dita região, bem como, sobre a preservação das serras (CARTA, 2022). As serras funcionam como elementos reguladores do meio ambiente da Caatinga na região do Seridó, sendo um fator determinante, para a conservação e preservação do meio ambiente.

Dentro desse cenário e a partir das discussões evidenciadas na Semana do Meio Ambiente, decidimos discutir com os alunos sobre a fauna e a flora da região do Seridó ressaltando sua diversidade, sua vida e os riscos que aqueles correm, atualmente, com o processo de desertificação e os empreendimentos das energias eólicas. Dado que estamos em uma área que demanda diversos cuidados e um olhar minucioso sobre a natureza, devido à escassez de chuvas, logo de águas, de solos pobres em nutrientes e uma vegetação de pequeno porte e arbustiva.

Escolhemos, primeiramente, trabalhar com a metodologia de projetos pedagógicos tendo em vista que, a preservação ambiental era uma discussão que vinha de forma abrangente nos livros alunos. Todavia, gostaríamos de abordar o assunto a partir da realidade da região do Seridó Potiguar na qual os alunos moram e convivem. Assim, seguimos pelo pensamento de Bacich & Moran (2018) no qual afirma que os alunos aprendem a partir da aprendizagem baseadas em projetos, ao considerar que, os

Conforme nos coloca Saulo Vital, todavia, já existem práticas agroecológicas que estão sendo colocadas em voga na região do Seridó e que, por sinal, estão sendo primorosas e assertivas. Mesmo assim, essa situação ainda é mínima; o que dificulta a recuperação das áreas afetadas, bem como, a sustentabilidade de outras espacialidades (SANTOS, 2020). Assim, é evidente que essas experiências necessitam serem disseminadas entre os sertanejos do Seridó para que esses tenham conhecimento de como usar os recursos naturais de forma adequadas, sem prejuízo ao meio ambiente e potencializando as atividades econômicas.

É possível perceber que existem experiências positivas para o aproveitamento e a reconstituição das áreas degradadas no Seridó. Saulo Vital coloca que no Assentamento Trangola, no município de Currais Novos, um dos municípios que compõe o Seridó, foi realizado o aumento de infiltração de água no solo para a reconstituição daqueles (SANTOS, 2020). Prática essa que foi bem sucedida, haja vista que, os solos conseguiram reter a água e torna-se produtivo. Assim, com o manejo correto o solo volta a ser fecundo. O que se coloca com um entrave a estas experiências é a falta de investimento do poder público que não tem o interesse em expandir os saberes sobre as medidas agroecológicas. De modo que, se as pessoas não se tornarem conscientes sobre a preservação do meio ambiente, tende-se, cada vez mais, os indivíduos quererem ir morar nas capitais. Ocasionalmente novos problemas sociais e urbanísticos.

A região do Seridó apresenta um grande potencial geoambiental e de vida para a sociedade, contudo, é necessário políticas públicas de convivência com o semiárido, bem como, entendendo os desafios impostos pelo Bioma Caatinga, sua necessidade de preservação e educação ambiental. Conforme Saulo Vital coloca: "Os governantes locais precisam adotar práticas de planejamento e ordenamento territorial" (SANTOS, 2020. p. s/n) com vista a recuperar as áreas desérticas e conservar as ativas.

A educação ambiental no âmbito escolar: o Seridó vivente e respeitado

A região do Seridó Potiguar apresenta uma grande diversidade geoambiental, mesmo que, apresente diversos desafios para sua preservação e reestruturação das áreas que estão afetadas pelo processo de desertificação. Todavia, "em termos gerais, há uma interessante diversidade de paisagens e unidades geoambientais no Seridó potiguar, em que se verificam arranjos e interrelações ecogeográficas diversas" (NETO PEREIRA; FERNANDES; SALES, 2023. p.6). Assim, essa espacialidade apresenta uma dinâmica própria que gera e promove vidas, mesmo enfrentando desafios de ordem estrutural e ambiental.

No século atual, em especial, a partir dos anos de 2020, temos uma grande

com os alunos com vista a entender a preservação e a educação ambiental para a região do Seridó. Seguido por nossas considerações finais as quais chegamos após o desenvolvimento do projeto e nosso estudo sobre o meio ambiente da região do Seridó. Por fim, o referencial teórico que nos permitiu tecer a construção deste escrito. Assim, seguimos pensando como fazer para contribuir, a partir da sala de aula, com a preservação e educação ambiental da região do Seridó?

O meio ambiente da Região do Seridó em pauta: degradação em constância

A região do Seridó Potiguar, ao longo do tempo, vem sendo estudada tanto em seus aspectos historiográficos quanto no que diz respeito a sua estrutura ambiental. Essa região localiza-se na parte central do Estado do Rio Grande do Norte e apresenta uma grande diversidade de sistemas ambientais, bem como, de ecodinâmica regional (NETO PEREIRA; FERNANDES; SALES, 2023). Apesar de apresentar toda essa dinamicidade ambiental e potencial de vida, a dita espacialidade, também, proporciona uma grande fragilidade no tocante a áreas de desertificação sendo considerada, atualmente, como Núcleo de Desertificação do Seridó (SANTOS, 2020).

Mesmo, em face do processo de desertificação, a região do Seridó se apresenta com uma diversidade de paisagens e elementos naturais formadores de unidades geoambientais (NETO PEREIRA; FERNANDES; SALES, 2023) de forma variada e que apresenta uma grande complexidade nas vidas existentes naquelas paisagens sertanejas. De modo a compreendermos que na dita localidade existe grande potenciais ambientais, todavia, exhibe grande necessidade de preservação ambiental, em especial, nas áreas que se encontra degradadas, e até mesmo, em processo de desertificação.

Ao considerar as ponderações do professor Saulo Vital a paisagem sertaneja da região do Seridó - a Caatinga - pode e deve ser preservada e recuperada, no entanto, esta deve ser uma conscientização por parte do poder público e das políticas públicas criadas pelos gestores. Vital assente:

“É possível recuperar as áreas degradadas do Seridó e do Semiárido como um todo. Porém, o maior desafio é conscientizar os gestores públicos a investirem em ações ambientais”, aponta. E dispara: “o que percebo é que eles não querem investir em ações de médio e longo prazo, mas preferem continuar com o carro-pipa, pois dá mais votos”. (SANTOS, 2020, p.s/n).

A partir da afirmação colocada por Saulo Vital é notório que a questão da degradação ambiental e do processo de desertificação do Seridó se tornou uma questão

discussão entorno da instalação das energias renováveis na região do Seridó Potiguar. Neste caso, para a citada área, a energia pensada são os mega projetos eólicos que se instalam nas serras da região. No ano de 2022, a cidade de Caicó/RN, foi palco de um acaloroso debate sobre a instalação desse tipo de energia - as eólicas - nas serras da região do Seridó, tendo em vista que, estas serras são redutos de biodiversidade e de suporte ambiental. Pereira Neto e Silva (2012) avaliam que as serras são unidades geoambientais com um elevado potencial para a conservação da biota do Seridó; por apresentar altas altitudes e, ao mesmo tempo, declives acentuados que promovem a proteção das espécies animais e vegetais.

Diante da necessidade da preservação da estrutura morfológica e ambiental da região do Seridó como meio de permitir o uso da vida foi que a sociedade organizada, instituições educacionais, pesquisadores e conhecedores da região do Seridó organizaram o "I Seminário regional a vida pulsa no Seridó", realizado em julho, na cidade de Caicó/RN, no ano de 2022, com o intuito de deixar claro a população o que significa a instalação de um parque eólico em uma região como a do Seridó e quais problemas ambientais e sociais advém deste empreendimento. O Seminário contou com a participação de 150 pessoas que estão diretamente preocupadas com a preservação do meio ambiente do Seridó.

Como gesto concreto sobre a ocorrência do "I Seminário regional a vida pulsa no Seridó" foi criada uma Carta Aberta aos poderes constituídos e aos cidadãos do Seridó ressaltando a necessidade da criação de unidades de conservação na dita região, bem como, sobre a preservação das serras (CARTA, 2022). As serras funcionam como elementos reguladores do meio ambiente da Caatinga na região do Seridó, sendo um fator determinante, para a conservação e preservação do meio ambiente.

Dentro desse cenário e a partir das discussões evidenciadas na Semana do Meio Ambiente, decidimos discutir com os alunos sobre a fauna e a flora da região do Seridó ressaltando sua diversidade, sua vida e os riscos que aqueles correm, atualmente, com o processo de desertificação e os empreendimentos das energias eólicas. Dado que estamos em uma área que demanda diversos cuidados e um olhar minucioso sobre a natureza, devido à escassez de chuvas, logo de águas, de solos pobres em nutrientes e uma vegetação de pequeno porte e arbustiva . Escolhemos, primeiramente, trabalhar com a metodologia de projetos pedagógicos tendo em vista que, a preservação ambiental era uma discussão que vinha de forma abrangente nos livros alunos. Todavia, gostaríamos de abordar o assunto a partir da realidade da região do Seridó Potiguar na qual os alunos moram e convivem. Assim, seguimos pelo pensamento de Bacich & Moran (2018) no qual afirma que os alunos aprendem a partir da aprendizagem baseadas em projetos, ao considerar que, os

do Seridó? Estas perguntas são importantes para sondar o conhecimento dos alunos e perceber o seu pensamento em relação a temática discutida. Assim, o professor pode mediar a aprendizagem, no sentido de conduzir o ordenamento do saber, se existe algum pensamento equivocado e se necessita de intervenção.

Para continuarmos com nosso diálogo seguimos com o livro didático, do Sistema Sae Digital - material adotado pelo Colégio Diocesano Seridoense - que apresentava os conceitos da preservação ambiental, o espaço natural e suas características e as intervenções feitas naquele ambiente que fazem o mesmo ir se degradando. Ao passo que fomos estudando, debatendo e sistematizando o conhecimento, íamos fazendo a relação como meio ambiente do Seridó e suas características. De modo a tecer nos alunos o entendimento que vivemos em uma região que necessita de um cuidado especial no sentido do uso dos recursos naturais, haja vista que, esta é uma área que já sofre com diversos problemas ambientais e naturais, tais como o processo de desertificação, os solos rasos e as poucas incidências de chuvas (MEDEIROS, 2008).

Ao passo que caminhávamos em nossa construção de conhecimento sobre o meio ambiente do Seridó fomos tocados pela discussão atual que caminhava sobre a implantação do projeto da energia eólica na região do Seridó, em especial, a instalação de suas torres nas serras da dita região. Nesse itinerário debatemos os pontos positivos das energias consideradas limpas e renováveis, bem como, seus pontos negativos; pois, consideramos que toda modificação no meio ambiente promove impactos ambientais. Como estávamos, abordando a região do Seridó, um espaço com características próprias e particulares, pensamos sobre os impactos que serão ocasionados pela implantação da energia eólica no Seridó. Entendo que as serras são refúgios para a fauna, flora, relevo e hidrografia da região.

Para compreender melhor sobre os projetos das eólicas e suas consequências sobre o meio ambiente. Assistimos uma série de documentários - Websérie -, intitulada " P a r a q u e m s o p r a m o s v e n t o s ? " , d i s p o n í v e l em: <https://www.youtube.com/@caritasregionalne2>, em um total de sete documentários, produzidos pela Caritas Brasileira Regional Nordeste II, na qual apresenta desde os entraves ao desenvolvimento social e, em especial, os impactos ambientais que esta fonte de energia vem causando na região Nordeste. De modo que, a cada vídeo fazíamos uma análise crítica e um debate sobre a implementação desse tipo de energia e o que ela poderá deixar de consequências ambientais e sociais na região do Seridó Potiguar. Assim, foi possível compreender por meio dos depoimentos dos atores sociais e as marcas deixadas no meio ambiente que as energias consideradas limpas, também, causam problemas ambientais e sociais em dadas espacialidades.

Após concluir esta série de discussões e debate com as turmas do 5º Ano,

passamos a pensar na confecção do produto final. Optamos, por fazer uma exposição com a fauna e a flora da região do Seridó, ou seja, do Bioma Caatinga com o intuito que todo o corpo social que compõe o Colégio Diocesano Seridoense pudesse apreciar e conhecer os elementos do meio ambiente do Seridó Potiguar. Assim, os alunos fotografaram ou pesquisaram fotos sobre a fauna e a flora do Seridó e no dia combinado trouxeram para a sala de aula para ser montado um painel, como podemos verificar nas imagens a seguir:

Imagem 01 – Turmas do 5º Ano com suas fotografias sobre a fauna e flora do Seridó.



Fonte: Acervo pessoal da professora e autora do texto.

discentes se envolvem com as tarefas, discutem, pesquisam, resolvem problemas, pois estes têm ligação com suas vidas, com o meio no qual moram e com a sociedade. De modo que, possibilita, aos estudantes, operacionalizar o conhecimento aprendido na sala de aula como o seu cotidiano.

Entendemos, também, que a metodologia baseada em projetos permite que os alunos possam desenvolver suas habilidades, seu pensamento crítico referente a dada situação, se posicionar a partir de seu conhecimento empírico, mas refletir a luz dos saberes científicos, e assim, sistematizar e operacionalizar seu conhecimento, de modo a concretizá-lo a partir da vivência, da teoria e colocá-lo em prática. Ademais, os discentes têm a possibilidade de entender que existem várias maneiras para facilitar a solução de um problema, tendo em vista, o pensamento crítico e criativo.

Nesse itinerário, resolvemos, adotar, ainda, a interdisciplinaridade por percebê-la como uma ferramenta na qual os discentes podem agregar vários conhecimentos dentro das áreas de estudo. Assim, optamos por dialogar com as disciplinas de História que possibilitava o entendimento de como se formou e se desenvolveu a região do Seridó do ponto de vista social, econômico e político. A Geografia permitia entender o social e o espacial da região do Seridó, bem como, a formação geoambiental, sua diversidade, necessidade de conservação, preservação. A Ciência que permitia entender a biodiversidade, bem como, a degradação ambiental que esta espacialidade sofre a partir das intemperes naturais e humanas.

Os alunos, por meio dos projetos interdisciplinares, têm a possibilidade de compreender que os saberes estão interligados e que contribuem para a resolução de problemas reais e de seu cotidiano (LAMAS; PRADOS, 2020). É o momento que eles têm de operar os conhecimentos, debaterem e buscarem compreender a sua realidade a luz da ciência e resolver questões desafiadoras. Assim, os discentes passam a ser gestores de sua aprendizagem e formam um pensamento crítico e reflexivo sobre a realidade em que vivem. Ademais, os alunos podem desenvolver diferentes abordagens e conceitos na tentativa de pesquisar seu objeto de estudo e encontrar soluções cabíveis aos casos enfrentados. Os professores, nesse sentido, se tornam mediadores de conhecimento, facilitadores nas metodologias.

Para iniciar o desenvolvimento do nosso projeto principiamos as discussões em sala de aula por meio de questionamentos provocativos nos quais os alunos tinham a possibilidade de colocar seu conhecimento sobre o meio ambiente da região do Seridó no sentido de reconhecer a fauna e a flora e se eles percebiam que haviam alguma forma de degradação ambiental no espaço. Assim, perguntamos quais eram os animais e plantas que os alunos conheciam da Caatinga? Quais eles já tinham visto no Seridó? O que era degradação ambiental? Os alunos já tinham percebido alguma área degradada

Podemos perceber que as três turmas do 5º Ano desenvolveram seu produto final reconhecendo de maneira contundente os elementos naturais e ambientais que compõe a região do Seridó Potiguar, bem como, sua formação geológica, hidrográfica, suas espécies animais e vegetais. Atentamos para que os alunos percebem que a região do Seridó, mesmo sendo situada em uma área afetada pela seca, apresenta uma biodiversidade consistente. Entende que a paisagem se transforma nos momentos dos períodos chuvosos -marcado pelo verde – e na estação da estiagem – marcada pela coloração marrom -, todavia, é uma área que apresenta vida em toda sua complexidade, com um meio ambiente que requer cuidados e proteção para que os seres vivos possam continuar a equilibrar o meio ambiente e o meio social.

A exposição ficou exposta pelos meses seguintes possibilitando que: alunos, professores, apoio técnico, visitantes e demais atores sociais pudessem perceber e conhecer os elementos que compõe o meio ambiente da região do Seridó. Alguns puderam rememorar as espécies que conheciam desde sua infância e que não é mais vista com facilidade, despertando o interesse de preservar o meio ambiente. Dessa forma, nosso projeto logrou êxito não somente com os alunos, mas com toda comunidade que faz parte do Colégio Diocesano Seridoense e os visitantes que veem conhecer a dita instituição.

Considerações finais

A região do Seridó Potiguar, atualmente, é uma espacialidade que requer um grande cuidado ambiental e que necessita de proteção ambiental, tendo em vista que, é uma área que apresenta uma redução em seu Bioma Caatinga (SANTOS, 2020, p. s/n); conseqüentemente, uma redução nas espécies de seu habitat, ou seja, em sua vegetação e na sua fauna. De modo que, torna-se eminente o debate e a preocupação sistemática na preservação ambiental do dito espaço.

Com um olhar atento a esse panorama, tivemos como intuito levar esta discussão para a sala de aula, com os alunos do 5º Ano, do Colégio Diocesano Seridoense; assim, podemos alertar para a necessidade de preservação e conservação das áreas ambientais da região do Seridó, bem como, os alunos tiveram a oportunidade de entender quais são as espécies animais e vegetais que compõem o Bioma Caatinga, além de, compreender suas características do solo, a necessidade de preservação das águas subterrâneas e mananciais hídricos do Seridó frente a necessidade de água que nos afligem dado a seca e a falta de investimentos público para se conviver com o dito fenômeno natural.

Os alunos tiveram a oportunidade de perceber o potencial ecoambiental que o Seridó possui, mesmo enfrentando os desafios de recuperação das áreas que estão em

Pelas fotografias apresentadas é possível perceber que os alunos foram envolvidos com o projeto, tiveram o empenho e dedicação de fotografar e pesquisar sobre a fauna e a flora da região do Seridó Potiguar com o intuito de despertar na comunidade escolar e educacional o desejo de conhecer mais sobre o meio ambiente da citada região, bem como de apresentar seus elementos e suas fragilidades ambientais. Antes da colocação das fotografias no painel para a exposição, cada aluno apresentou sua foto e o motivo de sua escolha por tal representatividade. No caso, se achava que aquela espécie devia ter um olhar especial de proteção, se já estava em extinção, se a área estava degradada e se necessitava de revitalização; estas foram algumas das questões colocadas pelos alunos. Concluída essa etapa, os discentes montaram o painel de cada projeto e colocaram nas paredes externas de suas salas de aula, como podemos verificar a seguir:

Image 02 – Painéis das turmas do 5º Ano sobre a fauna e flora do Seridó.



Fonte: Acervo pessoal da professora e autora do texto.

processo de desertificação, todavia, compreenderam que é possível a reconstituição das áreas degradadas do Seridó a partir do momento que se adota práticas ecológicas corretas e o manejo dos solos. Outro elemento que foi base em nossas discussões, constitui a chegada dos grandes projetos das energias tidas como renováveis, no caso específicos, nos detivemos a debater sobre a energia eólica e suas consequências positivas e negativas na região do Seridó. De modo que, os alunos tiveram o entendimento que a citada energia apresenta contribuições do ponto de vista energético, todavia, para nossa região e dada as suas especificidades, necessita de um planejamento efetivo e com um olhar crítico e minucioso sobre a preservação ambiental, haja vista que, estamos em um ambiente natural fragilizado pelos elementos naturais e as ações humanas.

A região do Seridó, no segundo semestre do ano de dois mil e vinte e três, não diferente de outras áreas do Brasil, vem passando por um elevado nível em sua temperatura, o que desperta mais uma preocupação com a preservação ambiental. No dia quatro de outubro de dois mil e vinte e três, a cidade de Caicó/RN, teve sua temperatura em torno de 38,1 °C e a Umidade Relativa do Ar com 14% (DANTAS, 2023) semelhante a umidade do Deserto do Saara o que causa uma preocupação aos atores sociais e as instituições. A própria natureza desperta os sinais que nossa casa comum não está bem. Precisamos cuidá-la com atenção e carinho para que as espécies possam continuar existindo, e nesta inclui-se o homem.

O nosso projeto, dessa maneira, conseguiu atingir o seu objetivo, ao considerar que, entendemos a aprendizagem como ativa e participativa na qual os alunos têm a possibilidade de compartilhar suas ideias, suas opiniões e alinhar o conhecimento, ou seja, desenvolver o conhecimento prévio em conjunto com o saber científico. O trabalho com o ensino por projetos permite que os discentes promovam um pensamento crítico e reflexivo e encontre possibilidades para resolução dos problemas postos.

Referências Bibliográficas

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias Ativas para Uma Educação Inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 26-44.

CARTA ABERTA. **Carta do Seridó: a vida pulsa no semiárido**. 2022. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2022/07/carta-do-serido-alerta-para-modelo-de-expansao-dos-negocios-do-vento-no-semiarido/>. Acesso em: 20 Set 2023.

DINIZ, M. T. M.; OLIVEIRA, G. P. **Compartimentação e Caracterização das Unidades de Paisagem do Seridó Potiguar**. Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium, Ituiutaba, v. 6, n. 1, p. 291-318, 2015.

HERNANDEZ, Fernando. Os projetos de trabalho: uma forma de organizar conhecimentos escolares. In: HERNANDEZ, F. e VENTURA, M. **A organização do**

currículo por projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LAMAS, Juliana de Souza; PRADOS, Rosália Maria Netto. **Projetos Interdisciplinares como Prática Pedagógica.** XV Simpósio dos Programas de Mestrado Profissional Unidade de pós-graduação, extensão e pesquisa. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. 2020.

DANTAS, Marcos. **Professores do IFRN avaliam impactos da baixa umidade relativa do ar em Caicó.** 2023. Disponível em: <https://marcosdantas.com/professores-do-ifrn-avaliam-impactos-da-baixa-umidade-relativa-do-ar-em-caico/>. Acesso em: 12. Out. 2023.

MEDEIROS, D. B. S. de. **Mapeamento e análise integrada das unidades de paisagem (geofácies) do Seridó Potiguar.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

MEDEIROS, Josimar Araújo de. **Convivendo com a seca & combatendo a desertificação: novos olhares.** Caicó/RN: NETOGRAF, 2008.

PEREIRANETO, Manoel Cirício; FERNANDES, Ermínio; SALAES, Marta Celina Linhares. **Unidades geoambientais do Seridó Potiguar: bases para o planejamento ambiental do território.** Revista GeoNorte, V.14, N.45, p.55-74, 2023.

PEREIRA NETO, M. C. **Fragilidade ambiental da bacia hidrográfica do Rio Seridó (RN/PB – Brasil).** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

PEREIRA NETO, M. C. **Predisposição à desertificação no núcleo Seridó (RN – Brasil):** geocologia de paisagens semiáridas. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

PEREIRA NETO, M. C.; FERNANDES, E. **Fragilidade ambiental da bacia hidrográfica do Rio Seridó (RN/PB – Brasil).** Revista Brasileira de Geomorfologia, São Paulo, v.16, n.3, p. 399-411, 2015.

PEREIRA NETO, M. C.; SILVA, N. M. **Relevos residuais (maciços, inselbergues e cristas) como refúgios da biodiversidade no Seridó potiguar.** Revista Geonorte, Edição Especial, v.1, n.4, p. 262 -273, 2012.

PEREIRA, Ariane de Medeiros. **Escravos em ação na Comarca do Príncipe – Província do Rio Grande do Norte (1870/1888).** Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

POMBO, O. Interdisciplinaridade: conceitos, problemas e perspectivas. In: LEVY, T.; GUIMARÃES, H.; POMBO, O. **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência.** 2. ed. Lisboa: Texto, 1994. p. 8 - 14. Disponível em: <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/mathesis/interdisciplinaridade.df>. Acesso em: 17 set 2023.

SANTOS, João Vitor. **A degradação do Seridó e a estratégia política da seca. Entrevista especial com Saulo Vital.** Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/601946-a-degradacao-do-serido-e-a-estrategia-politica-da-seca-entrevista-especial-com-saulo-vital>. Acesso em: 17 Set 2023.

VIESBA, E.; ROSALEN, M. **Metodologias Ativas: aprendizagem baseada em projetos.** Diadema: V&V Editora, 2022.

Análise da Adaptação de Denise da Luz para o Texto Teatral da Obra Literária: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*

Catiano da Silva Gama

RESUMO: O presente trabalho tratará da obra e vida da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, sendo que essa autora foi apresentada para o restante do mundo a partir da publicação da sua obra literária *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. A representação exercida por Carolina Maria de Jesus, enquanto mulher preta e favelada, será também objeto investigativo deste artigo. A partir dessa apresentação de obra e autora, será possível objetivar uma análise comparativa do texto contido na obra original e o texto e encenação de *Quarto de despejo* segundo a adaptação e interpretação de Denise da Luz. Por fim, será observado o papel representativo da encenação de *Quarto de despejo* apresentada pela companhia Téspis de teatro.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Quarto de despejo. O preto em cena. Adaptação. Representação.

The present work will discuss the work and life of the Brazilian writer Carolina Maria de Jesus, who was introduced to the rest of the world after the publication of her literary work *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus*. The representation exercised by Carolina Maria de Jesus as a black woman living in favelas will also be the investigative object of this article. Based on this presentation of work and author, it will be possible to carry out a comparative analysis of the text contained in the original work and the text and staging of *Child of the Dark* according to the adaptation and interpretation of Denise da Luz. Finally, we will discuss the representative role of the staging of *Child of the Dark* presented by the Téspis theater company.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. *Child of the Dark*. Black in the scene. Adaptation. Representation.

1 INTRODUÇÃO

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é, desde seu lançamento, uma obra que desperta variáveis linhas de investigação. O seu caráter realista

1 Bacharel em Secretariado Executivo pela Universidade Federal do Amapá; Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal do Amapá – PPGLET sob orientação da Professora Doutora Fernanda Cristina da Encanação dos Santos – na linha de pesquisa literatura, cultura e memória. É também servidor público de carreira TAE do Instituto Federal do Amapá - IFAP. E-mail: catianogama@gmail.com.

possibilita o uso do seu texto verossímil tanto dentro do contexto literário como, também, para outras artes. Essa narrativa de Carolina Maria de Jesus desdobra-se, ainda, como tessitura que contribui para o campo da sociologia, formação geográfica de espaços periféricos urbanos no Brasil, e é também um ótimo retrato do cenário da fome e miséria no Brasil em meados do século passado.

Essa obra literária, construída a partir de um diário autobiográfico, foi publicada como livro no ano de 1960. A partir de então, esse texto inspirou diversos outros segmentos da arte: cinematográfica, letras musicais, documentários, enredo de carnaval, espetáculos teatrais, entre outras. *Quarto de despejo* serviu também para alimentar e nortear pesquisas do campo das ciências fora do eixo da literatura e das artes; esse diário transformado em obra literária já foi investigado dentro das ciências sociais, é um importante rastro da história, originou estudos da psicologia humana e ainda serve como um verdadeiro lugar de resistência e memória dos brasileiros que residem às margens sociais.

Enquanto as Roupas corava eu sentei na calçada para escrever, passou um senhor e perguntou-me:
- O que escreve?
- Todas as Lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana (JESUS, 2014, p. 23).

Este artigo em debate falará inicialmente da importância da representação de Carolina Maria de Jesus para tomada e ocupação por mulheres negras e mulheres de grupos minorizados do espaço literário nacional, e ainda será percorrido o quanto a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* contribuiu para a inserção da temática do negro e da própria pessoa negra no espaço editorial e a presença dessa comunidade em outras dimensões das artes. Para tanto, antes de realizar a análise proposta, será necessário apresentar a obra e a sua respectiva autora.

Em um segundo momento, serão abordadas as adaptações realizadas da obra de Carolina de Jesus para o segmento do teatro. Este artigo irá dedicar-se a analisar especificamente a adaptação do texto realizada pela companhia teatral Téspis; nessa etapa, será observado o que a encenação teatral preservou dos relatos da obra e quais as particularidades das representações apresentadas pela atriz que, em um monólogo, interpreta o papel de Carolina de Jesus.

2 VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, no estado de Minas Gerais, em 14 de março de 1914. Carolina foi alfabetizada no colégio Allan Kardec,

onde cursou somente a primeira e segunda série do ensino fundamental. Só foi alfabetizada pela insistência da senhora Maria Leite, que, além de dar serviços para a mãe de Carolina – lavagem de roupas, custeou o material e uniforme de Carolina Maria de Jesus no período em que ela esteve na escola.

Residindo ainda em sua terra natal, Carolina e sua mãe sofreram na pele tudo o que historicamente pessoas pretas vêm sofrendo no Brasil. O preconceito e a situação de flagelo levaram mãe e filha para o cárcere; tudo indica que foram injustamente presas. Carolina esteve nessa situação por mais de uma vez na cidade de Sacramento, sendo que o motivo da sua segunda prisão é o símbolo do enraizamento das várias faces do preconceito e a constante tentativa de marginalizar as pessoas pretas no Brasil, e quando se trata de mulheres pretas o preconceito é ainda mais profundo. Tudo que Carolina viveu em Sacramento parecia um ensaio de tudo o que estava ainda por vir.

Em Sacramento, Carolina foi vítima de muitas injustiças e de preconceito. Foi presa junto com sua mãe, acusadas injustamente de roubar um padre; mais tarde Carolina foi presa novamente, desta vez acusada de feitiçaria por estar lendo um dicionário que policiais tomaram pelo livro de São Cipriano (BOAS, 2022).

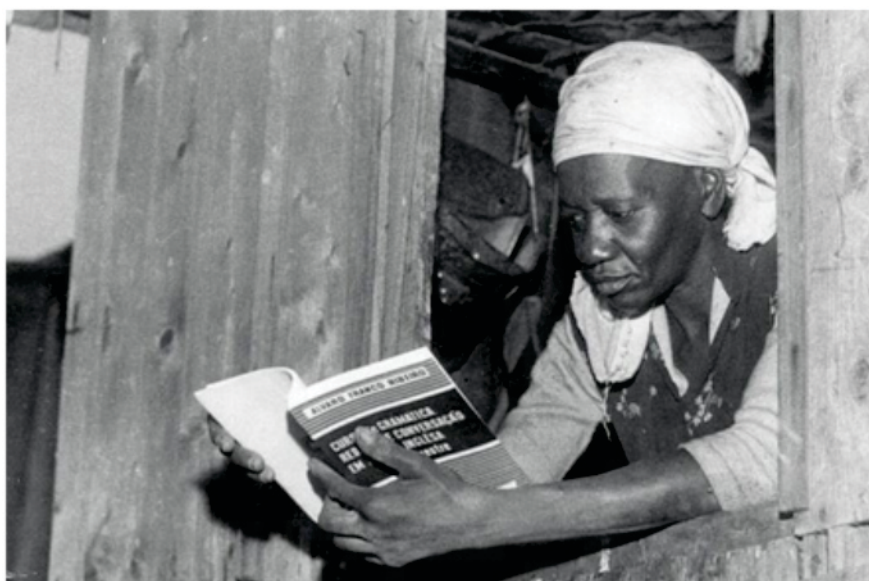
Sua família mudou-se para a cidade de Lajeado e depois retornou para Sacramento. Após o falecimento de sua mãe, Carolina migrou para a cidade de São Paulo, local onde todo o enredo do seu livro vai ser contado. São Paulo já despontava nessa época como potencial centro econômico do Brasil. Essa condição de metrópole em construção atraía e despertava, principalmente nas pessoas pobres moradoras das regiões interioranas próximas, os sonhos de uma vida melhor. São Paulo virou um lugar de esperança para muitos.

Carolina, em um determinado momento, passou a morar na periferia de São Paulo, na antiga Favela do Canindé, às margens do Rio Tietê. Sendo ela mãe solteira de três filhos, morando em uma favela sem nenhum recurso, começou a trabalhar como catadora de materiais recicláveis. Juntava nas ruas da cidade tudo aquilo que dava para vender, mas os recursos financeiros que ela conseguia com o serviço de catadora não eram suficientes sequer para comprar alimentos para si e para seus filhos. Fora a atividade de catadora de materiais recicláveis, Carolina também trabalhou como doméstica. Com o tempo, o lugar de esperança, a capital paulista, mostrou-se maldoso e avassalador.

No entanto, foi nesse trabalho de subsistência, que tanto maltratava e consumia os sonhos mais simples de Carolina de Jesus, que ela conseguiu também garimpar verdadeiros tesouros. Através da coleta de resíduos nas ruas da cidade de São Paulo, ela

começou a ter acesso a produtos de leitura (revistas, livros, jornais) e esse contato com materiais de leitura aguçou ainda mais o seu hábito diário de ler e lhe ajudou a melhorar a sua escrita. Esse exercício, ler e escrever, muito lhe serviu como uma válvula de escape, um momento de refúgio daquela vida tão sofrida que a nossa autora personagem levava; o talento com as palavras, rimas e contação de histórias lhe ajudou a sobreviver.

Figura 1 – Carolina Maria de Jesus lendo na janela do seu barraco.



Fonte: <https://www.correiodocidadao.com.br/>

Mesmo diante de um cenário tão adverso, Carolina sabia que tinha particularidades que a colocavam em destaque dentro da comunidade do Canindé e que isso a fazia diferente da grande maioria dos outros moradores. Usou muitas vezes da sua habilidade da escrita para se defender de alguns vizinhos que a ameaçavam de alguma forma. Mas nem só para se defender a escrita foi utilizada: Carolina Maria de Jesus escreveu poesias que foram publicadas em jornais da capital paulista. Por acreditar que tinha potencial, a escritora encaminhou seus projetos literários para várias editoras, inclusive para fora do Brasil, mas é muito provável que, por se tratar de uma mulher preta e moradora de favela, o mercado editorial tenha desprezado o talento e os escritos de Carolina.

Somente com apadrinhamento o primeiro livro de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, saiu das páginas de cadernos velhos catados no lixo e tomou as prateleiras das livrarias. Essa obra contou com a edição de Audálio Dantas, que foi também o responsável pela condução de Carolina para o mundo editorial. A primeira tiragem de dez mil cópias vendeu rapidamente. Na noite de

autógrafo e lançamento da obra, chegou-se à incrível marca de 600 unidades vendidas; o ano era 1960. Nessa época, o mercado editorial nacional não vendia tantos livros; nem a maioria dos autores e autoras consagrados da época, e muitos desses elevados ao *status* de cânone da literatura brasileira, tiveram livros com tantas tiragens como a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Carolina de Jesus foi um verdadeiro marco para o mercado editorial brasileiro.

Figura 2 – Carolina Maria de Jesus em noite de autógrafa



Fonte: <https://www.correiodocidadao.com.br/>

Apesar das relevantes marcas de venda do seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina por diversas vezes comentou que sentia que não era bem-aceita em meio aos outros escritores. Parece-nos que essa exclusão não estava relacionada simplesmente à natural concorrência existente em todos os meios profissionais. O fato de Carolina ser mulher preta e oriunda de comunidades periféricas pesou mais uma vez na vida dessa talentosa escritora. Carolina de Jesus recebeu homenagem da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo, foi agraciada na Argentina com a “Orden Caballero Del Tornillo” e foi condecorada com o título de doutora *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), porém, como quase todo reconhecimento que essa heroína passou a ter, esse título só foi proferido em forma de homenagem póstuma em 25 de fevereiro de 2021.

Ao passar para abordagem do enredo da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, trata-se de uma obra atemporal. A narrativa escancarada por Carolina de Jesus foi capaz de ultrapassar a barreira do preconceito e ser, ainda hoje, uma das obras literárias nacionais mais acessadas em todo o mundo. Esse sucesso extremo pode ser explicado pela inédita abordagem tratada neste livro e por conta de quem era a autora dessas narrativas. Era uma autora negra falando de suas memórias a partir do seu cotidiano de residente de uma favela; com isso, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* falou de temas políticos, questões raciais, flagelos causados pela fome, falta de políticas sociais, as diversas faces da violência, entre outros temas. A verdade é que o livro escrito por Carolina de Jesus, de certa forma, desmascarou o Estado e boa parte da elite brasileira, que sempre preferiram romantizar e ignorar a favela e as pessoas que lá residem. A condição de mulher preta, favelada, usando de narrativa escrita própria para falar da sua história de vida, de certo modo, despertou a curiosidade de críticos e leitores nacionais e internacionais.

Figura 03 – Carolina de Jesus e Audálio Dantas na Favela de Canindé



Fonte: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas>

Essa obra, autobiográfica, escrita em formato de diário, teve o poder de surpreender todos que a acessaram pela primeira vez. Aquela perspectiva de encontrar o exótico, carregada por muitos, de ver o que uma mulher preta tinha para dizer era rapidamente substituída pela impactante história narrada, pela sua riqueza de detalhes e pela qualidade estética empregada na obra que fora escrita por alguém com baixíssima escolaridade. Não bastassem todas as qualidades presentes nos textos de *Quarto de despejo*, a história verossímil contada retratava um Brasil que muitos leitores da época sequer imaginavam existir ou negavam a sua existência; a força de representação social contida nessa obra é outro fator relevante ao analisá-la.

Não se sabe ao certo se a autora teve a intenção ou se foi um acaso tratar de temas tão ricos para o campo de diversas ciências: o processo de transformações territoriais urbanas, crescentes das migrações internas rumo a São Paulo, os vários cenários políticos tanto locais como nacionais, a ausência do Estado dentro do lugar onde estava a sua morada. São essas abordagens multifacetadas que permitem que a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* seja objeto de tão variáveis linhas de investigação.

Apesar de ter um livro transformado em *best-seller* e de estar sempre à frente do seu tempo, ainda assim Carolina não usufruiu, em vida, desse sucesso; em pouco tempo, ela foi praticamente esquecida pelo mercado editorial da época. Sua obra, no entanto, parece ter sido escrita pensando sempre na posteridade. Carolina de Jesus foi a voz de um povo que nunca teve o direito de falar, escreveu a história da sua penosa vida em um período em que a escrita no Brasil era um produto para poucos e de direito quase que exclusivo de uma dita elite econômica e cultural. Seu feito é heroico e de extrema relevância, especialmente para a comunidade e o movimento dos povos negros no Brasil. Carolina, ainda na contemporaneidade, é o grito a ecoar da voz de um povo historicamente excluído e marginalizado. Carolina Maria de Jesus faleceu em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1977.

3 QUARTO DE DESPEJO SOBA ÓTICA DA ADAPTAÇÃO DO TEXTO PARA O TEATRO DE DENISE DA LUZ

Feita a apresentação e análise da obra e da autora, passamos agora a analisar, como dito no início deste artigo, a obra a partir da sua adaptação para o texto teatral. *Quarto de despejo: diário de uma favelada* inspirou e foi adaptada para além da arte literária; entre tantas adaptações, será feita uma análise restrita da adaptação realizada por Denise da Luz, integrante da Téspis Cia de Teatro. O espetáculo com texto adaptado estreou em 1994.

A cena teatral do espetáculo da Téspis Cia de Teatro interpretou as histórias da obra de Carolina Maria de Jesus utilizando-se do formato de monólogo. Nesse tipo de encenação, uma atriz ou um ator toma o palco de forma solitária e se desenrolam amplos diálogos, e muitas vezes o público tem a impressão de que o palco está ocupado por mais de uma pessoa. A forma de narrar e a *performance* corporal são importantes ferramentas para a apresentação de um monólogo.

O fato de a Companhia ter escolhido o formato monólogo para discorrer a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, ainda que simbolicamente, remete-nos também à vida literária da personagem Carolina Maria de Jesus, pois, por mais que ela estivesse residindo numa ocupação com concentração populacional, ainda assim ela se

descreve como uma pessoa solitária, lutando só para sobreviver; mesmo sem arquitetar, ela usou de uma forte narrativa para representar uma nação de pessoas renegadas. É nesse papel de representação que tanto a atriz que interpreta o monólogo como Carolina Maria de Jesus partem do papel de seres individuais e passam a ser representações coletivas, cada uma com sua representatividade particular.

O texto adaptado por Denise da Luz explorou 32 dias dos mais de 200 relatados no livro; os dias tratados na adaptação funcionaram como marcadores de atos dentro do desenrolar do espetáculo. O texto levado para o ato teatral preservou boas partes das temáticas abordadas na obra literária. A dramaturgia fala de descaso político, conflitos na comunidade, violência contra a mulher, invisibilidade das pessoas negras e, claro, da questão da fome. A obra teve seu texto reduzido para o teatro a fim de não o deixar muito extenso.

Analisando à luz daquilo que idealizou o fundador do projeto Teatro Experimental para Negros (TEN), Abdias Nascimento, posteriormente pesquisado pelo autor Emerson de Paula, a adaptação do texto de Carolina de Jesus para o teatro está, em parte, dentro daquilo que almejava Abdias Nascimento e alinhado também com a proposta dos estudos do professor Emerson de Paula. Ambos buscam um texto que fale das causas, culturas e vivência do negro, preferencialmente escrito pelo próprio negro ou que, pelo menos, quem o escreva preserve e dê destaque às principais questões da causa negra no Brasil.

A pesquisadora Adélia Aparecida da Silva Carvalho, no seu estudo intitulado *A dramaturgia negra a partir de releituras da peça teatral Medeia*, também expõe a necessidade da presença do negro desde a construção textual até a execução no palco. Ela conta ainda de como são ricos os textos da dramaturgia negra.

Encontraremos, dentre as dramaturgias negras existentes, textos que apresentam características como pluralidade cultural em uma perspectiva de léxico, ampliação do lugar de fala da personagem negra e da sua presença na dramaturgia e textos que trazem temáticas relacionadas a questões como identidade, racismo, a escravidão e suas consequências, feminismo negro etc. (CARVALHO, 2020, p. 105).

A diversidade temática e o realismo presentes no texto que relatou o cotidiano da favela de Canindé e dos moradores que lá habitavam contribuem de forma significativa para dar destaque a quanto essa camada social era e ainda é excluída e renegada pela elite. Emerson de Paula cuidou dessa questão da exclusão do negro em seus estudos.

Após a Lei Áurea, o negro se tornara livre, mas ainda a margem do processo histórico. Sua importância no desenvolvimento do país era vista

com limitação. Alguns arquivos históricos contendo o registro do período escravocrata foram destruídos como forma de apagar este fato do pensamento brasileiro, numa atitude que de certa forma destrói parte da memória oficial do negro. O negro continua a ser marginalizado e passa a constituir um elemento periférico dentro da sociedade urbana que emerge no século XX. Somente após longo tempo a cultura negra e o papel do negro na sociedade brasileira passaram a ser estudados, bem como seu abandono e as consequências do mesmo passaram a ser analisadas (PAULA, 2021, p. 19).

A peça teatral *Quarto de despejo: diário de uma favelada* está contextualizada em outro momento da obra que a inspirou. De 1960 a 1994, muita coisa mudou, o Brasil, por exemplo, deixou de ser um país democrático e passou por um longo período de regime militar para tempos depois retomar a democracia, o cenário urbano se multiplicou e as tecnologias começaram a ter grandes e acelerados avanços. No campo das políticas sociais, as causas das pessoas negras começavam a ganhar uma discreta atenção. O que não nos parece ter mudado muito, ainda, era a falta de atenção do Estado para as questões do racismo e diversos outros preconceitos praticados contra a comunidade negra no Brasil.

Adaptar uma obra literária para o teatro, obra essa que retratou todas as mazelas que uma mulher preta e seus pares sofreram entre os anos de 1955 e 1960, foi decerto uma forma de reiterar o quanto o país, no ano de 1994, continuava no obscuro atraso e abandono dado ao povo negro e a toda a sua riqueza material e simbólica. O teatro negro há tempos vem exercendo um forte papel político. Carvalho (2021) alerta que a intolerância e o aumento das manifestações racistas nos tempos atuais exigem desses movimentos teatrais de resistência ainda mais energia para garantir a sua existência.

Essa identidade dos atores, grupos e dramaturgos negros, marcada por sua experiência única, permite que acessem questões, comportamentos, experiências, processos de exclusão e perdas que ainda hoje marcam o indivíduo negro numa sociedade que, por detrás do mito da democracia racial, mantém-se racista e excludente em muitos aspectos. E se o racismo existe e persiste em nossa sociedade, no momento social e político atual tem ficado até mais evidente, devido ao encorajamento que deixou muitos indivíduos mais à vontade em manifestar opiniões e atitudes preconceituosas. E obviamente esse racismo que impera na sociedade se manifesta também ao questionar e negar a existência de uma dramaturgia negra (CARVALHO, 2021, p. 110-111).

A interpretação da atriz Denise da Luz dentro do ato *Quarto de despejo: diário de uma favelada* lembra muito a dramaturgia *Coração Tambor* de autoria de Emerson de Paula (2020), adaptação e releitura do texto *Medeia*. Em ambas as interpretações, o corpo das atrizes é colocado em cena exercendo a função da fala e de todas as emoções que compõem as ações humanas.

A atriz Denise Luz, a cada passagem, consegue ser expressiva com o corpo, a sua comunicação corporal em certos momentos se sobressai aos recursos da fala. A abertura da encenação mostra a protagonista em uma posição de feto (embrionada), frágil, dentro de um carrinho de supermercado que nos parece representar um útero. O parto é o momento de encontro a um mundo doloroso, tão comum às pessoas negras do Brasil e presente na tessitura de Carolina de Jesus. Ao longo de toda a dramaturgia, a atriz que representa Carolina Maria de Jesus e toda a narrativa que envolve a trama parecem levitar em um penoso balé de sofrimento, mas também de lapsos de esperança.

A peça teatral aqui analisada aborda temas muitos sensíveis e presentes em algumas adaptações do texto de *Medeia*, os quais foram analisados nos estudos de Carvalho (2021). Assuntos como cessamento da liberdade, preconceito racial, marginalização, violência contra a mulher, autonomia feminina e supremacia branca são temas tocados em várias adaptações e releituras de *Medeia* por diferentes prismas e muito enfatizados também na obra e adaptação da obra de Carolina Maria de Jesus.

É falando dessa dominância do branco que encerraremos a breve análise da adaptação teatral do Téspis Cia de Teatro da obra literária *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. O pesquisador, político, autor e ativista da causa das pessoas negras Abdias Nascimento dedicou parte da sua trajetória, na organização do TEN e posteriormente na vida política, para contrapor essa prática estrutural de uma dominação das pessoas de pele branca em detrimento das pessoas de pele preta. Abdias Nascimento buscou e ajudou a pavimentar o espaço do negro dentro da cena do teatro e da vida. É por esse espaço de destaque que estudiosos como Emerson de Paula e Adélia Carvalho militam nos tempos atuais. No meado do século passado, Abdias Nascimento se incomodava com o artista branco brochando o rosto de tinta preta e tomando com isso o lugar do negro no palco.

Figura 4 – Atriz Denise da Luz no papel de Carolina Maria de Jesus



Fonte: <https://youtu.be/CiBz9KcC57Y>

Eis que a atriz que interpreta Carolina de Jesus, na adaptação do Téspis Cia de Teatro, é uma atriz branca e ao longo da trama, na altura da interpretação da narrativa que aborda o dia 16 de junho de 1958, a atriz passa a brochar o rosto de tinta preta em pleno palco. Justo em uma obra em que a personagem principal é uma mulher negra e a autora também é negra, temos na cena principal da adaptação feita para o teatro uma atriz branca tomando de posse mais uma vez o espaço, a fala a presença da mulher negra. Essas flagrantes inadequações vistas em cena nos obrigam a refletir cada vez mais e ampliar a reivindicação por uma sociedade mais justa e equitativa.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Enquanto Carolina Maria de Jesus representa a resistência de todas as mulheres negras que lutam diariamente contra um Estado que historicamente se apresenta como excludente e preconceituoso, do outro lado, a cena em que a atriz brocha o rosto representa exatamente o ainda presente processo de tentativa de exclusão total das pessoas pretas de todas as cenas de destaque no Brasil, esta cena representa tudo que os membros do movimento Teatro Experimental para Negro – TEN confrontaram desde o início da sua fundação.

Assim, o espaço literário, bem como a cena teatral, continua sendo, lamentavelmente, um lugar em que a presença protagonista das pessoas pretas ainda provoca incômodo em parte da sociedade, especialmente naquelas pessoas que ocupam os ditos lugares de poder intelectual de destaque. A saia que roda marcando a presença da cultura afro-brasileira nos diferentes palcos ou a lapiseira que escreve as vozes de um público invisibilizado precisam ter seus espaços garantidos e respeitados. Essa conjunção do direito e do respeito é um caminho para a cena da cultura brasileira começar a reparar os flagrantes desprezos prestados aos inúmeros agentes culturais de pele preta desse Brasil continental.

REFERÊNCIAS

BOAS, Eliana Garcia Vilas. Carolina Maria de Jesus: trajetória de uma estrela. **Cultura Sacramento**, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://culturasacramento.com.br/carolina-maria-de-jesus-trajetoria-de-uma-estrela>. Acesso em: 12 out. 2023.

CARVALHO, Adélia A. da S. A dramaturgia negra a partir de releituras da peça teatral *Medeia*. In: FERREIRA, C. J.; GOMES, F. A.; ALMEIDA, L. S.; BARBOSA, S. (org.). **A Cena Simultânea: Literatura E Dramaturgia Em Urdidura**. Boa Vista: EDUFRR, 2020.

CORREIO DO CIDADÃO. **Dia Internacional da Mulher: Escritos de Carolina Maria de Jesus em destaque**. 8 mar. 2022. Disponível em:

<https://www.correiodocidadao.com.br/curta/dia-internacional-da-mulher-escritos-de-carolina-maria-de-jesus-em-destaque>. Acesso em: 3 jul. 2023.

FRAZÃO, Dilva. Carolina Maria de Jesus. **E-biografia**, 22 maio 2023. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/. Acesso em: 12 out. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

PAULA, Emerson. **Coração tambor**. YouTube, ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=En7nqtt2UZ4&t=24s>. Acesso em: 5 maio 2023.

PAULA, Emerson. **O texto do negro ou o negro no texto**. Rio Branco: Stricto Sensu, 2021.

TÉSPIS CIA. DE TEATRO. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Adaptação: Denise da Luz, 1994. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/CiBz9KcC57Y>. Acesso em: 5 maio 2023.

O imaginário sobre a variação linguística entre alunos do terceiro ano do ensino médio

The imaginary about linguistic variation among third-year high school students

Flávio Passos Santana (UPE)

Eliezer Santana Júnior (UFS)

Resumo

O presente trabalho intitulado “*O imaginário sobre a variação linguística entre alunos do terceiro ano do ensino médio*” visa compreender o entendimento e as opiniões desses alunos, estudantes do *Colégio Estadual Emeliano Ribeiro*, a partir de um questionário sobre língua portuguesa e suas variações, para, dessa forma, observarmos, explorarmos e analisarmos o que esses alunos têm a falar sobre esse assunto, mostrando suas concepções sobre a língua, a imagem que eles têm sobre língua portuguesa, variações linguísticas, preconceitos linguísticos, bem como a utilização da língua por eles e por seus familiares em diversas situações cotidianas. Para tanto, utilizamos como arcabouço teórico os estudos de Bagno (1999, 2002, 2004, 2007, 2009), Faraco (2008, 2016), Rajagopalan (2003), dentre outros de igual relevância. O resultado desse trabalho pode ser entendido como uma contribuição para os estudos sociolinguísticos, no sentido de evidenciar a visão dos estudantes sobre a temática e a problemática que gira em torno dela, deixando clara a importância do trabalho com as variações linguísticas em todas as esferas do ensino de forma eficaz.

Palavras-chave: Língua portuguesa; Variações linguísticas; Preconceito linguístico; Alunos.

Abstract

The present work entitled “The imaginary about linguistic variation among students of the third year of high school” aims to understand the understanding and opinions of these students, students of *Colégio Estadual Emeliano Ribeiro*, based on a questionnaire about the Portuguese language and its variations, in order to, in this way, we observe, explore and analyze what these students have to say about this subject, showing their conceptions about the language, the image they have about the portuguese language, linguistic variations, linguistic prejudices, as well as their use of the language and by their families in various everyday situations. For that, we use as theoretical framework the studies of Bagno (1999, 2002, 2004, 2007, 2009), Faraco (2008, 2016), Rajagopalan (2003), among others of equal relevance. The result of this work can be understood as a contribution to sociolinguistic studies, in the sense of highlighting the students' view on the theme and the problems that revolve around it, making clear the importance of working with linguistic variations in all spheres of the field. teaching effectively.

Keywords: Portugueselanguage;Linguisticvariations;Linguistic bias; Students.

Introdução

O Brasil é um país que tem como língua oficial o português, apresentando uma diversidade linguística imensa, pois desde o início da colonização o idioma português recebe a influência de várias outras línguas, sendo algumas delas: indígenas, africanas, europeias, asiáticas. Essa diversidade linguística que passou (e ainda passa) pelo Brasil ocasionou inúmeras variações na nossa língua portuguesa, criando vários sotaques,

1 Doutor em Letras. Professor da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina.

E-mail: flavio.passos@upe.br.

2 Graduado em Letras. E-mail: eliezerjunior111@gmail.com.

dialetos e gírias, aspectos esses que são discriminados e vistos como “errados”, pois não seguem a ideia homogênea adotada pela gramática tradicional.

Como se sabe, no contexto escolar, o ensino é organizado seguindo uma norma padrão, mantendo a ideia de reprodução do “português correto”, conceito esse ensinado na maioria das escolas brasileiras. Essa norma linguística, tratada como a única variante “correta”, vem repleta de visões preconceituosas, que são atribuídas por alguns dos poucos falantes que a dominam, ocasionando, desse modo, os preconceitos linguísticos.

Assim sendo, por conta desses diversos problemas de exclusão dos falantes que não dominam a norma padrão, esse trabalho nasce com o intuito de compreender o que os alunos do terceiro ano do ensino médio (faixa etária 15 a 19 anos), do *Colégio Estadual Emeliano Ribeiro*, situado no município de São Domingos-SE, entendem e pensam sobre a língua portuguesa. O intuito foi observar, compreender e explorar, por meio de um questionário, o que esses alunos têm a dizer sobre esse assunto, mostrando suas concepções sobre a língua, a imagem que eles têm sobre a língua portuguesa, as variações linguísticas, os preconceitos linguísticos, bem como a utilização da língua por eles e por seus familiares em diversas situações cotidianas, a fim de registrar suas visões sobre o tema em questão

Essa pesquisa, então, é uma contribuição para conhecer o entendimento desses estudantes sobre o tema em questão, com o objetivo de que as suas opiniões, as suas compreensões e os seus questionamentos sejam entendidos, analisados e vistos como algo válido e importante, e não como ideias e posições inferiores.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, utilizamos como arcabouço teórico os pensamentos de Bagno (1999, 2002, 2004, 2007, 2009), expondo uma viagem pela mitologia do preconceito linguístico, e quebrando a visão que separa a aplicação da língua como “certa” e “errada”; Faraco (2008, 2016) apresentando as conquistas presentes entre línguas, o surgimento sociopolítico e os imaginários ideológicos. Também utilizamos como suporte teórico Rajagopalan (2003), por meio de suas posições reflexivas, excitando o debate como método provocativo para acordar as ideias dos próprios linguistas sobre a função da linguística na sociedade, como também a relação que há entre ética e identidade.

Tendo em vista toda diversidade linguística encontrada na língua portuguesa, suas variações, sotaques, gírias e dialetos, como também a ideia do “português correto” adotada pela gramática normativa, que ocasiona vários problemas de exclusão dos falantes que não a dominam, o presente trabalho visa conversar, conhecer, analisar e expor o conhecimento que os estudantes do colégio têm a respeito da língua portuguesa, das variações dessa língua, junto com os preconceitos linguísticos que a grande parte desses falantes sofrem e, ao mesmo tempo, acabam praticando em diversas situações do

dia a dia.

Discursos sobre a língua

A capacidade humana de se comunicar, de exercer interação na área das ideias com outras pessoas só é capaz por meio do uso da língua, ou seja, pela utilização do conjunto de sistemas linguísticos que a compõe. A linguística é a ciência encarregada de entender, analisar e definir as características, variedades e evoluções da linguagem humana. Dessa forma, os princípios integradores dessa ciência são, na maioria das vezes, reconhecidos pelos indivíduos. Assim, qual é o falante que não sabe sua língua, ou que não conhece os aspectos principais da comunicação verbal?

Usando como exemplo a língua portuguesa no Brasil, é corriqueiro ouvir da maioria dos brasileiros que o português é muito difícil, no entanto, isso só acontece porque há uma imensa confusão entre o conceito de língua e de gramática normativa. Até porque, como exemplo, conforme Bagno (2002), não há “erro de português” em: “As casa amarela”, o que existe nessa oração é apenas um desvio da gramática normativa, ou seja, uma variação. Nesse sentido, um brasileiro compreenderá muito bem a mensagem dessa oração. Podemos dizer então que a gramática não é a língua, mas sim parte dela. De acordo com Bagno (2002), a língua seria um grande *iceberg* flutuando no mar, já a gramática normativa seria a tentativa de descrever somente uma parte mais visível desse *iceberg*, a chamada norma culta. Sendo assim, as outras partes, as variações, as diversidades linguísticas e os dialetos ficariam invisíveis.

Segundo Bagno (2009), as pessoas, ao seguir o costume tradicional da sociedade, se queixam da quantidade de “erros” realizados por outros indivíduos no emprego da língua, essas ocorrências advêm de diversas explicações para a origem desses “erros”: a inabilidade dos professores, a falta de vontade pela leitura, o desprezo pela própria língua etc. Esses preconceitos querem compreender as manifestações culturais e sociais apenas pela visão do senso comum, sem buscar nenhum tipo de esclarecimento científico, pois, como podemos verificar nos PCN's:

A língua portuguesa no Brasil possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menos prestígio como inferiores e erradas. (BRASIL, 1998, p. 26)

Dessa forma, fica claro que o preconceito linguístico pode apropriar-se de diversos modelos e pode ser direcionado contra vários grupos sociais. Bagno (2009) aponta que ainda é disseminada a ideia de que o nome língua apenas pode ser posto às culturas europeias e outras sociedades milenares de valor; enquanto as indígenas e africanas utilizam um conjunto de elementos linguísticos de pouco prestígio,

considerados “linguajar”, “fala” ou “dialeto”, nunca sendo intitulados como língua, pois denominam esses povos como primitivos e pobres em todos os sentidos, principalmente culturais. Isso pode ser entendido pois

[...] no Brasil embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil, o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro. (BAGNO, 1999, p, 13).

Saussure (2006) vê a língua como um conjunto de valores puros, analisando o estudo da linguagem como duas partes, uma sendo a língua, um sistema de valores, algo imposto ao indivíduo, em razão da interação social com o grupo; e a outra é a fala, utilizando como função individual da linguagem. Para Saussure (2006), toda palavra dispõe de um sentido que são elementos representativos considerados signos linguísticos, sendo eles: significado, a ideia ou pensamento que cada indivíduo tem a respeito de um determinado vocábulo; e significante, a imagem acústica, sendo uma ideia psíquica do som de uma palavra, ou melhor, a identificação cerebral desse som, sem a utilização da sua concretização por meio da fala. Saussure (2006) fala que esses elementos representativos dos signos são extremamente ligados, criando um atrito (SAUSSURE, 2006, p. 80). Isto é, há uma dependência, pois a presença de um compromete a presença do outro, tornado a união entre significado e significante arbitrária.

De acordo com Bakhtin (1997), a língua realmente é um fato social, criada para o uso da comunicação humana, no entanto, o autor concretiza uma visão diferente de Saussure (2006) a respeito do conceito de língua enquanto sistema de regras. Nesse sentido, Bakhtin (1997) visualiza a ação humana em suas diferentes formas com a utilização da língua, para ele, a língua tem a possibilidade de viver e evoluir constantemente ao longo da história dentro da comunicação verbal concreta, sendo matéria estabelecida pelo fenômeno social que produz interação verbal iniciada através da enunciação. Diferentemente de Saussure (2006), Bakhtin (1997) não olhava a língua como um conjunto linguístico estável, sincrônico, muito menos homogêneo, por conta disso, para o autor russo, a língua não era vista como objeto abstrato, mas sim como atividade social, criada na necessidade de interação e comunicação de todos. Dessa forma, a essência da língua é principalmente dialógica. Bakhtin (1997) vê a linguagem como polivalência, ou seja, ela ocupa o lugar de manifestação ideológica, seguida pela palavra como signo ideológico, objeto do contato e da comunicação, mostrando as

diferentes formas de apresentar a realidade.

Segundo Faraco (2016), as línguas estão profundamente ligadas às atividades históricas e políticas, como também as formações produzidas pelo imaginário ideológico das comunidades que são utilizadas. Dessa forma, a língua não é uma entidade independente, pois não existe por ela e para ela, mas sim pelos falantes e as comunidades que a falam.

Seguindo essa linha de raciocínio, para Rosa Virgínia Mattos e Silva, a língua é um evento social, exigida para a comunicação de uma sociedade, podendo ter variações dependendo da região, cultura, e classe social que a utiliza. Silva (2004) aponta que o Brasil, diante da amplitude territorial, é enriquecido com diversidades em vários campos, cujo eles são: social, cultural, econômico, linguístico etc. Essa vasta heterogeneidade é vinculada ao processo histórico que o país passou. No entanto, a norma idealizada parte de modelos literários antigos, que podem ser encontrados como tradição da gramática pedagógica que é disseminada. Contudo, a heterogeneidade linguística é modificada conforme o espaço geográfico e a escala social e está mais popular hoje em dia do que há algumas décadas.

Para Gnerre (1991), a fala que o indivíduo utiliza a língua como meio de dominação tem função de comunicar ao receptor a posição que esse falante está ocupando ou a função imaginária que ele ocupa dentro da comunidade. Em outras palavras, as pessoas falam para que sejam ouvidas e, na maioria das vezes, essa ação de falar é para ter influência em algum lugar e sobre alguém, determinando e “refletindo” uma suposta posição na sociedade.

Por seu turno, para Rajagopalan (1998), a língua cria e desenvolve a identidade de um indivíduo, pois o sujeito não dispõe de uma identidade estável, anterior e fora da língua. De acordo com este teórico, a produção de uma identidade em um indivíduo é a partir da língua e através dela, estabelecendo uma dependência da possibilidade da própria língua em si, como também de uma ação em evolução ou reciprocamente. Ou seja, é socialmente que uma identidade linguística é construída, sempre promovida a mudanças (RAJAGOPALAN, 2003). Rajagopalan (2003) também aborda o fato de a língua ser vista como um fenômeno natural, em que as questões éticas não são levadas em considerações.

Existe uma crença, amplamente compartilhada, de que a natureza desconhece qualquer espécie de ética. Ninguém, por exemplo, discute a dimensão ética de um desastre natural, como um terremoto, por exemplo. As questões éticas podem ser levadas, isto sim, no que diz respeito às atitudes das autoridades – se elas poderiam ou não ter tomado as providências necessárias antecipadamente, inclusive divulgando a tempo os eventuais avisos emitidos pelo departamento de sismologia. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 15).

Dessa forma, o autor explica quão difícil é prosseguir com qualquer debate sobre ética quando a língua é tratada dessa forma, o que não acontece quando ela é vista como fato social, ou seja, produto de nossas ações, seres humanos, em convivência social.

As ideologias da língua

Toda língua é formada por elementos linguísticos que possibilitam a comunicação entre os seres humanos e possui um traço social utilizado por todas as pessoas que efetuam ações sobre ela. E cada indivíduo, por sua unidade particular, a fala, escolhe sua forma de expressa-se com os interlocutores. É notável que uma língua tenha suas variedades e na língua portuguesa isso não seria diferente, pois, como diz Faraco (2008, p. 31), “uma língua é constituída por um conjunto de variedades”.

Em vista disso, não é coerente falar que um brasileiro, que não tenha domínio das regras gramaticais da norma padrão, não sabe falar o português, pois se não soubesse, não conseguiria comunicar-se fluentemente. Essa falta de domínio da gramática, na maioria das vezes, ocasiona uma exclusão social, já que o preconceito linguístico leva em consideração as variações linguísticas, sendo elas: variações fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas ou do uso da língua. Como também suas variedades linguísticas tipológicas: históricas, geográficas e socioculturais.

Assim sendo, podemos dizer que esse tipo de preconceito é criado a partir da concepção de que há apenas uma forma “a correta” de falar português, vista como única e verdadeira, ensinada nas escolas, como também utilizada em livros e dicionários baseados na gramática normativa. A existência de um conjunto de regras padroniza a língua, tornando-a homogênea. Essa visão que acata como “certa” apenas um conjunto de regulamentos, cria mecanismos que são usados como meio de exclusão social. Dessa forma, essa ideia faz uma separação daqueles que dominam a norma culta (grande maioria são pessoas de maiores poderes aquisitivos) daqueles que não dominam (grande parte são sujeitos de classes sociais pobres, esquecidos por um sistema injusto), acarretando um preconceito em cima de diversas formações linguísticas que mudam a partir da região que for falada.

Quando falamos em variações linguísticas e seus regionalismos, é importante ressaltar que as diferenças presentes em nossa língua não representam erros. Isso tudo é fruto de resquícios deixados por sociedades que falavam outros idiomas e que interferiram na construção linguística do português brasileiro. À vista disso, as contribuições existentes em cada parte geográfica do país, junto com a evolução histórica de cada região, fizeram com que nascesse o regionalismo, ou seja, os termos particulares e populares de cada lugar.

Esses processos não são aceitos pela gramática normativista, a qual segue uma

a gramática.

É válido ressaltar que defendemos o ensino de gramática, mas, para isso, o aluno precisa ser conhecedor das estruturas da língua para aplicá-la da forma mais consciente (LIMA, 2006). Até porque

[...] é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficialmente, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. (BAGNO, 1999, p. 52).

Desse modo, as escolas poderiam adotar métodos de aprendizagem em que aplicasse as reais e variáveis condições de uso da língua, tendo como finalidade possibilitar ao alunado o controle e conhecimento de vários tipos diferenciados de comunicação, objetivando que ao fim do processo estejam aptos a escolherem a linguagem mais ajustada às circunstâncias que eles (falantes) apresentam.

Lamentavelmente, presenciamos diariamente ações preconceituosas no campo da língua e que muitas vezes passam despercebidas. Esse preconceito ganha força e reprodução no ensino de língua, no ato de desejar que os discentes pronunciem do mesmo jeito que escrevem, alegando que é a única forma correta de alcançar o conhecimento pleno da língua. (BAGNO, 2007).

Segundo Bagno (2007), os livros didáticos da área de língua portuguesa evoluíram em uma considerável escala no quesito qualidade, essa melhoria foi detectada a partir do *Programa Nacional do Livro Didático*, uma ação do Ministério da Educação, em que os livros são avaliados, comprados e distribuídos para as escolas públicas do território brasileiro.

O processo de avaliação tem envolvido uma grande quantidade de linguistas e educadores, que vêm dando contribuição importantíssima para a elaboração de uma verdadeira política linguística exercida por meio do livro didático. (BAGNO, 2007. P. 119).

Contudo, a abordagem de variações linguísticas em livros didáticos e nas mídias se torna problemática, mesmo com uma parte da sociedade querendo colocar um ponto final nesse tipo de preconceito. Infelizmente, a escassez de um bom suporte teórico gera essa confusão quando o assunto é língua, prejudicando a aprendizagem a partir das variações e suas mudanças, contribuindo para a exclusão social.

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido em duas etapas. Para realização da primeira, foi feito um estudo de campo, visitando os adolescentes da terceira série do ensino médio, do *Colégio Estadual Emeliano Ribeiro*, o qual foi realizado uma pesquisa qualitativa, em que a metodologia utilizada foi a aplicação de uma conversa seguida por um

questionário.

Os dados da pesquisa qualitativa não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são “fenômenos” que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos. Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. Procura-se compreender a experiência que todos os “sujeitos” têm. (RAPAZZO, 2004, p. 58).

Para a entrevista, foi elaborado um questionário com nove perguntas relacionadas à língua, à imagem que os (as) alunos (as) têm sobre língua portuguesa, variações linguísticas, preconceito linguístico, bem como a utilização da língua por eles e por seus familiares, sempre priorizando a descrição particular de cada aluno analisado, objetivando a compreensão da situação de cada indivíduo em seu local de fala. Dessa forma, esse trabalho de campo inclina-se à aplicação de técnicas de observações ao invés de questionamentos.

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. (LAKATOS, 2010, p. 173).

A segunda etapa foi a pesquisa bibliográfica, que foi feita por meio das leituras de livros, com o propósito de recolher a maior quantidade de informações a respeito do assunto estudado para contextualizarmos a pesquisa.

Esse trabalho de campo teve como base uma discussão e um questionário que possibilitou os discentes explicarem com liberdade suas concepções sobre a língua, suas imagens a respeito de língua portuguesa, variações linguísticas, preconceitos linguísticos, suas vivências linguísticas com os familiares, bem como a utilização do uso da fala feito por eles e por suas famílias em diversas situações.

Para manter o sigilo dos indivíduos (discentes) que aceitaram participar da pesquisa, decidimos designar um código para cada um, dessa forma, cada aluno foi enumerado de 1 a 23. Exemplo: aluno 1, aluno 2. Para apresentar as respostas neste trabalho, optamos por transcrevê-las conforme foi escrito no questionário.

Análise dos corpora

Na primeira pergunta do questionário “1- Na sua concepção, o que é língua?”, 22 alunos responderam que a língua é a forma de comunicação do ser humano, isso chamou a nossa atenção, visto que essa resposta vai ao encontro do pensamento de Bakhtin (1997). Este explica que a língua é um fato social, criada para o uso da comunicação humana, desse modo, a língua é vista como uma atividade social, criada e utilizada para

visão tradicional. Ao observar a gramática normativa, a língua portuguesa utiliza um método fechado, seguindo uma linhagem homogênea, em que as variações não são permitidas. De acordo com Lima (2006), a gramática teve origem antes da era cristã na escola de Alexandrina, onde os gregos iniciaram e aplicaram estudos gramaticais com o objetivo de guardar a pureza da língua grega que estava sendo contaminada por bárbaros.

Podemos dizer, então, que até os tempos atuais essa ideia utilizada pelos gregos para proteger a língua é usada, pois segue sendo um método de dominação da língua contra suas influências de desaparecimentos e modificações. Contudo, há mais interesses entrelaçados, como: políticos, sociais e econômicos. Ou seja, a utilização da língua como forma e processo de dominação favorece as preferências de quem a governa. (ANTUNES, 2007).

Isto é, o indivíduo utiliza a língua como meio de dominação, pois tem função de comunicar ao receptor a posição que esse falante está ocupando ou a função imaginária que ele ocupa dentro da comunidade (GNERRE, 1991).

A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais. (BAGNO, 1999, p. 149).

Diante disso, a gramática possui uma intervenção enorme, particularmente nas escolas, local em que começou a estipular o que era “certo” e “errado” na língua.

A escola visa a busca plena do conhecimento de língua, a partir do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, segundo as instituições, ancoradas na gramática, pois creem que o indivíduo só aprende a ler e escrever quando tiver pleno domínio da gramática da língua. Essa idealização do aprendizado dessa gramática é comprovada diante da aplicação diária em sala de aula, tendo como principal foco o ensino de língua portuguesa, metodologia essa limitada ao ensino de estruturas e normas gramaticais, esquecendo seu propósito fundamental: o aprendizado da linguagem em suas diversas formas de interação e comunicação humana.

Ao ensinarem gramática, as escolas acreditam que estão ensinando a língua, dessa forma, cria-se uma ideia confusa ao propor que gramática e língua são as mesmas coisas. A gramática é apenas uma parte que se integra à língua, sendo encarregada de homogeneizar, instituindo determinadas regras. Esse fato também aparece nos docentes, os quais, na maioria das vezes, encarecem de conhecimento ou de uma formação considerável para processar a ideia de que para saber a língua é obrigatório o domínio de sua gramática. Dessa forma, cria-se um desastre linguístico nos discentes, que ao invés de verem a inteira atividade da língua, apenas compreendem isoladamente

a interação e comunicação de todos, com uma essência dialógica. E de acordo com Silva (2004), a língua é um evento social exigido para a comunicação de uma sociedade, o que reforça ainda mais a resposta desse grupo de alunos(as).

No entanto, vale mencionar que apenas um aluno respondeu: “É o idioma e características dos falantes de uma língua”, evidenciando uma visão de língua como característica da identidade de um indivíduo, como também a de um povo, conforme pensamento de Rajagopalan (2003) de que a língua cria e desenvolve a identidade de um indivíduo, pois o sujeito não dispõe de uma identidade estável, anterior e fora da língua. Além disso, Rajagopalan (1998) acredita que a existência e modelação de uma identidade em um sujeito se propaga a partir da sua língua, do mesmo modo que através dela. Dessa forma, instaura-se uma necessidade imensa de possibilidades da própria língua em si, assim como de uma atividade em desenvolvimento ou vice-versa.

Na pergunta de número dois “2- Quais são os tipos de linguagem presenciadas por você no dia a dia?”, os discentes responderam que presenciam em seu dia a dia as linguagens: formais, informais, coloquial, escrita e culta.

De acordo com BRASIL (1998), o idioma português existente em nosso país apresenta uma diversidade dialetal impressionante, em que conhecemos geograficamente e socialmente as pessoas pela forma que executam a fala. Os alunos, ao presenciarem essas diversidades dentro do seu idioma no dia a dia, concordam com o discurso de Bagno (1999) que, em nosso país, Brasil, a língua oficial que é mais falada pela população é o português. No entanto, esse português apresenta uma grande diversidade e variabilidade, não apenas pelo imenso território, criando as variações regionais, mas principalmente pelo abismo social que torna o Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda do mundo.

Na terceira pergunta “3 - Para você, o que é língua portuguesa?” houve uma diversidade maior nas respostas. Três alunos (9, 15 e 19) esboçaram que língua portuguesa era o idioma falado no Brasil, bem como em outros países e que os habitantes desses países utilizavam esse instrumento de comunicação para a interação social, no entanto, esse português muda um pouco a depender do país que for falado. Podemos dizer que esse jeito próprio de falar o português no Brasil se dá por conta do nosso processo histórico, pois sofremos várias influências de outras línguas, como: indígenas, africanas, europeias, asiáticas. Essa diversidade linguística que passou o Brasil ocasionou inúmeras variações na língua portuguesa, criando vários sotaques, dialetos e gírias etc. Silva (2004) diz que o Brasil, diante de tamanha amplitude territorial, é rico em várias esferas, seja ela social, cultural, econômica e, principalmente, linguística.

Por conta disso, não tem como falarmos da riqueza linguística presente na língua

[...] uma língua histórica não é um sistema homogêneo e unitário, mas um diassistema, que abarca diversas realidades diatópicas (isto é, a diversidade de dialetos regionais), diastráticas (isto é, a diversidade de nível social) e diafásicas (isto é, a diversidade de estilos de língua)". (BECHARA, 1989, p.15).

Essas variações da sociolinguística citadas por Bechara (1989) se relacionam e sofrem influências das variedades linguísticas que são presentes dentro de qualquer idioma, constituindo vários "modos de falar" um idioma. Essa diversidade na utilização da língua deixa evidente que, a todo momento, a língua passa por processos de aculturação, recebendo interferência de diversos aspectos sociais como sexo, classe social, posicionamento cultural, religioso, como também, escolaridade, lugar de origem etc.

Diante da quarta questão "4- Como é o convívio linguístico com seus familiares?", treze alunos responderam que em seus convívios familiares usam uma linguagem informal, coloquial, falando de forma espontânea, como também, sem a utilização das normas da gramática normativa.

Segundo Bagno (2009), a ciência da linguagem sempre teve como propósito a tarefa de descobrir e trazer a público as ideias que os falantes sabem, no entanto, não sabem que sabem. Marcos Bagno (2007) explica que o melhor gramático de uma língua são seus falantes, mesmo eles não adquirindo o conhecimento teórico que propagam o funcionamento da língua. Os especialistas trabalham e estudam teorias para sistematizar a execução da língua, formam padrões para explicar o funcionamento, criam nomes científicos, conceitos, porém não conseguem dar conta de todo material que a língua propaga, principalmente do uso espontâneo, informal, corriqueiro, inconsciente e ultra eficiente que cada falante faz de sua língua nativa.

Cinco discentes responderam que o convívio linguístico com seus familiares é bom, porém alegaram que seus parentes falam tudo errado, de forma informal. Segundo um aluno desses cinco, essa utilização "errada" da língua é por conta do baixo nível de escolaridade, no entanto, tudo que é falado é entendido.

Segundo Bagno (2009), as pessoas, ao seguirem o costume tradicional da sociedade, se queixam da quantidade de "erros" realizados por outros indivíduos no emprego da língua. Para tentar conter esse tipo de preconceito, Bagno (2002) explica a gramática normativa e a língua da seguinte maneira: a gramática normativa seria um igapó, um trecho de mata inundada com água parada, às margens de um rio; enquanto a língua seria este rio com um percurso contínuo, sempre em movimento, em constante mudança.

Ainda de acordo com a questão 4, quatro alunos (as) falaram que possuem um bom convívio linguístico com os familiares, só não entendiam algumas palavras e

portuguesa sem ressaltarmos as suas variações. Com isso, quando falamos em variações linguísticas e regionalismos, é importante destacar que as diferenças presentes em nossa língua não representam erros, mas resquícios da miscigenação dos povos que vieram para o Brasil no decorrer de sua história. À vista disso, as diferenças existentes em cada parte geográfica do país, surgidas com a evolução histórica de cada região, fizeram com que surgisse o regionalismo, ou seja, os termos particulares e populares de cada lugar.

Outros seis alunos responderam que a língua portuguesa é um padrão estabelecido com um conjunto de regras, utilizado para falar corretamente no dia a dia. Dessa forma, esses discentes dão à língua uma visão unificada, ou seja, uma ideia homogênea. As falas dos estudantes compactuam com Saussure (2006), que entendia a língua como um sistema de regras linguísticas estáveis, sincrônicas e homogêneas, tratando como anormal e errado tudo que foge a esse pensamento padrão. A existência de regras vistas como “corretas”, padroniza a língua, tornando-a estável e imutável. Essa concepção entende como “certa” apenas um conjunto de regulamentos, com isso, cria mecanismos que são usados como meio de exclusão social.

Consequentemente, essa ideia produz uma segregação entre os falantes que dominam a norma culta e os que não dominam, acarretando um preconceito em cima de diversas formações linguísticas que mudam a partir da região que for falada, ou seja, não tem como falar de preconceito linguístico, língua e linguagem sem abordar as variações linguísticas.

Mais seis alunos responderam que a língua portuguesa é o idioma oficial e dominante no Brasil, a forma como falam e se expressam. Ou seja, essa capacidade humana de se comunicar e de exercer contato no campo das ideias com outras pessoas só é possível por meio da língua, isto é, pela utilização do conjunto de sistemas linguísticos que a compõe.

Sobre a questão de língua dominante no Brasil, Gnerre (1991) fala que o sujeito utiliza a língua como forma de dominação porque tem o propósito de comunicar ao receptor o lugar que esse falante está ocupando ou a função imaginária que ele ocupa dentro da comunidade ou do espaço de fala.

Dois discentes falaram que língua portuguesa é um idioma cheio de variações e evoluções, mudando de região para região e que vamos aprendendo com a cultura do país. De acordo com Bakhtin (1997), a língua tem a possibilidade de viver e evoluir constantemente ao longo da história dentro da comunicação verbal concreta, sendo matéria estabelecida pelo fenômeno social que produz interação verbal, iniciada através da enunciação. Sendo que toda língua, diferente de suas heterogeneidades (época, origem e nação), pode ser apreendida por meio de sua história no tempo (variação histórica) e no espaço (variação regional).

expressões que seus avós diziam. Esse bloqueio (ruído) de entendimento está ligado à evolução e mudança da língua a partir do tempo, as variações etárias, que são os usos de termos linguísticos próprios de pessoas de idades diferentes. É bom sempre lembrar que toda língua muda com o tempo, isso pode ser facilmente provado a partir de uma breve comparação de textos antigos com textos atuais. As diferenças são claras, e os problemas de compreensão vão aumentando a contar do afastamento no tempo. Como podemos ver a partir das palavras de Bagno (2009):

[...] somos nós, os falantes, que, imperceptivelmente, inconscientemente, vamos alterando as regras de funcionamento da língua, tornando ela mais adequada e mais satisfatória para nossas exigências de comunicação e interação. Não existe língua sem falantes. Por isso, não é “a língua” que muda – a língua, afinal, não existe sozinha, solta no espaço, como uma entidade mítica... São os falantes, em sociedade que mudam a língua. E essa mudança não é para melhor, nem para pior: é mudança, simplesmente. (BAGNO, 2009, p.42).

Na questão de número cinco “5- De acordo com sua opinião, existem variações linguísticas dentro da língua portuguesa? Caso haja, quais são?”, vinte e um alunos (as) confirmaram que existem variações linguísticas dentro da língua portuguesa. De acordo com eles, existem as variações regionais que mudam de região para região, alguns falaram de estado para estado. Além disso, uma parte desses vinte e um alunos (as) citaram a presença da variação de gênero, social, formal e o coloquialismo, que muda expressões e influencia a forma de falar, e, em alguns casos, muda até o sotaque.

É notável que toda língua necessita de elementos linguísticos para tornar possível a formação da comunicação entre os seres humanos em que cada sujeito, por meio de seu elemento particular, a fala, pode variar dependendo do sexo, etnia, posição religiosa, cultural, a região que mora, é por isso que Faraco (2008) afirma que uma língua é constituída por um conjunto de variedades.

Na pergunta de número seis “6 - Ao longo do tempo escutamos vários discursos que dizem que o português é muito difícil, e que a maioria das pessoas não sabem usá-lo corretamente, diante disso, para você, o que define um erro dentro da língua portuguesa?”, onze alunos disseram que essa ideia de erro dentro da língua portuguesa está ligada à falta de utilização das regras da gramática, o que ocasiona a falta de concordâncias, os “erros” na ortografia, pronúncias de algumas palavras e expressões “erradas”. Dessa forma, segundo esses alunos, fugindo da norma culta.

De acordo com Bagno (2004), toda essa ideia homogênea da língua teve origem há mais de dois mil anos, quando as análises e estudos feitos nessa área tinham foco apenas na língua literária, já que era o tipo de produção e leitura feita pelos escritores daquela época, sujeitos esses vistos como únicos conhecedores e dominantes da língua tida como “correta”.

Dessa forma, para conseguirem chegar até as suas reais intenções, os escritores e estudiosos daquele período, que também eram chamados de filólogos, decidiram especificar as regras gramaticais que eram utilizadas pelos ditos grandes autores clássicos, criando, assim, um modelo utilizado como único e verdadeiro, como também dominado por poucos. Dessa forma, foi criada a gramática.

Com base nesses apontamentos, no ambiente escolar a reprodução do ensino é planejada para seguir uma norma padrão, uma linhagem estável, sincrônica e homogênea, conservando, com isso, a ideia do “português correto”, concepção essa que é ensinada nas escolas brasileiras. Essa norma linguística é tratada como a única variante “correta” e vem repleta de visões preconceituosas.

Ainda a respeito da pergunta de número 6, dez discentes tiveram outra posição sobre o assunto em questão. Esses alunos falaram que não existe erro dentro da língua portuguesa quando o que for falado for entendido, como também um desses dez alunos alegou que a gramática muda a cada ano.

Segundo Bagno (2009), uma grande quantidade de seres humanos, ao seguirem a visão homogênea da língua, criticam a imensa quantidade de “erros” que se concretizam quando um sujeito começa utilizá-la.

Qualquer indivíduo normal que entre na escola para ser alfabetizado em sua língua materna já é senhor de sua língua, na modalidade oral própria a sua comunidade de fala. Admitido esse princípio, qualquer trabalho de ensino da língua materna se constitui em um processo de enriquecimento do potencial linguístico do falante nativo, não se perdendo de vista a multiplicidade de comunidades de fala que compõem o universo de qualquer língua natural, multiplicidade que variará, a depender das características de cada uma, enquanto língua histórica, isto é, língua inserida tanto sincrônica quanto diacronicamente no contexto histórico em que se constitui e em que se constitui. (SILVA, 2004, p. 27).

Utilizando como exemplo a língua portuguesa no Brasil, é perceptível essa compulsão exclusiva pela gramática normativa, alimentando ainda mais os mitos que afirmam o português ser muito difícil e tudo que for escrito fora dos padrões normativos é denominado como “erros ortográficos”, sendo que na verdade esses “erros ortográficos” são apenas desvios da ortografia oficial. Segundo Bagno (2004), a ortografia ou o modo de escrever não faz parte da gramática do idioma, visto que diversos falantes vivem sem o conhecimento da escrita da sua língua materna, mas falam perfeitamente empregando regras gramaticais que constituem seu idioma.

Na pergunta de número sete “7- Você como falante nativo do idioma oficial do Brasil, considera-se um bom dominador da língua portuguesa? Por quê?”, sete estudantes responderam que sim e alegaram diversas formas para confirmar suas dominações ao idioma oficial do Brasil. Alguns alegaram que não erram seu idioma

nativo, outros disseram que falam muito no dia a dia de forma informal, com traços nordestinos. Porém, salientaram isso não ser um erro, mas sim uma variação linguística. Outros desses sete discentes explicitaram que conseguem passar suas informações perfeitamente e por isso conseguem dominar corretamente seu idioma materno.

De acordo com Bagno (2009), a área que estuda a sociedade é a ciência social, agindo sempre no sentido de analisar a vida das sociedades. A todo momento, esse campo de estudo nota que tudo é regido por normas, com o intuito de dominar os comportamentos e as manifestações da humanidade, dessa forma, mantendo-se um controle social. Dentro desse controle social estão as normas linguísticas.

É perfeitamente justo e compreensível que as pessoas perguntem: “É certo ou errado falar assim?” Mais justo ainda, no entanto, é que as pessoas que vão responder essa pergunta estejam conscientes que as *normas linguísticas, como todas as normas sociais, mudam com o tempo* e que de nada vale lutar contra essa mudança – mais sensato é tratar se adaptar a elas. (BAGNO, 2009, p. 27).

É notório que, nas sociedades ditas democráticas contemporâneas, as normas de conduta e convívio social passaram e passam a todo momento por modificações, para, desse modo, adequar-se ao desenvolvimento social. Isso aconteceu e acontece com as lutas que tentam derrubar as normas que ameaçaram e ameaçam a vida das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos analfabetos, etc. Ou seja, não podemos tolerar o machismo estrutural, o sexismo, o racismo, a homofobia, como também as discriminações linguísticas, pois todas elas são uma ameaça aos direitos humanos, bem como a vida em sociedade.

Ainda diante da pergunta de número sete, quinze estudantes responderam que não se consideram bons dominantes da língua portuguesa porque falam e escrevem errado, não colocam em prática muitas regras que deveriam ser utilizadas, como também não sabem usar algumas regras da língua portuguesa, que, segundo eles (as), deveriam ser usadas. Além disso, alegaram que convivem muito com pessoas que falam de forma informal, à vista disso, não conseguem desenvolver bem a variação formal.

Na questão de número oito “8 – Presumo que seus pais e avós são falantes nativo do idioma oficial do Brasil, eles sabem falar bem a língua portuguesa? Por quê?”. Doze alunos responderam “não” por diversos motivos, porque os pais e avós não tiveram acesso à escola, não foram apresentados a esse tipo de conhecimento, que escrevem da mesma forma que falam, utilizam apenas a linguagem informal, e em alguns casos, esses falantes são analfabetos. Diante disso, eles não têm conhecimento sobre as regras da gramática da língua portuguesa.

Segundo Bagno (2002), a ideia de preconceito linguístico é fundamentada na convicção de que só existe apenas uma única forma correta da língua portuguesa, a qual é trabalhada em instituições educacionais, explicada e exposta na gramática, como

também, listada nos dicionários.

Com isso, a gramática possui uma enorme interferência, em especial nas escolas, onde iniciou a ditar o que é “certo” e o que é “errado” na língua. A escola, muitas vezes, visa apenas a busca plena do conhecimento de língua a partir do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, segundo as instituições que são ancoradas na gramática, pois creem que o indivíduo só aprende a ler e escrever quando tiver pleno domínio da gramática da língua.

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 2002, p. 40).

Já onze estudantes responderam que sim, que seus pais e avós falam bem a língua portuguesa, pois o que eles falam todos entendem, ou seja, em um diálogo, todas mensagens produzidas são entendidas pelos interlocutores sem nenhum problema de compreensão.

Nessa concepção, fica provada que a língua é, de fato, um produto social heterogêneo, múltiplo, que varia em várias esferas, assim como é instável e a todo momento está em um processo de desconstrução e reconstrução, sempre se moldando às necessidades e atividades sociais.

Por sua vez, na questão de número nove “9 - As redes sociais são consideradas um dos maiores suportes para a comunicação humana, onde utilizam-se várias linguagens para falar de diversas coisas. Tendo como base esse pequeno enunciado, quais são os tipos de expressões que você presencia nas redes sociais e acha que é um erro dentro da língua portuguesa?”. Vinte discentes disseram que as expressões que eles presenciam nas redes sociais e consideram erros dentro da língua portuguesa são as abreviações, (vc/vs/vxe//pk/pkê/está on), coloquialismo, palavras “erradas” (agente/nois vai/te amor), a utilização de algumas figuras de linguagens como hipérbole e pleonasma, como também, gírias.

Bagno (2004) aponta que tudo que não for de acordo com a regra da gramática normativa é julgado como “errado”, “hediondo”, “esquisito”, etc. A grande contrariedade arcaica disso tudo é que, à medida que os estudos na área da linguística foram se modernizando, foi esclarecido que não existe erro em língua, a partir do momento que a produção emitida pelo locutor for compreendida pelo interlocutor.

Dois estudantes falaram que não consideram as expressões utilizadas nas redes sociais erros, já que as mensagens produzidas são entendidas completamente.

De acordo com Bagno (2007), a língua portuguesa do Brasil é dona de algumas classificações de variedades linguísticas, sendo elas: dialetos, que caracterizam a forma

do uso da língua de uma sociedade e de uma determinada região; socioleto, que denomina a variação linguística de um determinado grupo de pessoas, levando em consideração a classe social, os aspectos culturais, como também, a profissão; cronoletto, que é relacionado a variação etária; e idioleto, que é o modo particular de falar de cada um indivíduo. Seguindo essa perspectiva, a língua portuguesa é dona de uma imensa variedade de dialetos, que podem ser identificados geograficamente e socialmente os sujeitos pela forma que executam a ação da fala. Com isso, ao tratar-se de língua, só é permitido denominar de erro algo que comprometa a comunicação entre as pessoas (interlocutores).

Considerações finais

Diante das análises das respostas do questionário, foi possível perceber diversas concepções tradicionais que padronizam a forma de falar e de escrever, como também pensamentos inovadores em conjunto com o reconhecimento multicultural que são influenciáveis na língua portuguesa (variações linguísticas, preconceitos linguísticos), bem como a utilização da língua por eles e por seus familiares em diversas situações cotidianas.

Portanto, com base nas observações e análises das respostas dos estudantes, concluímos que precisamos implementar e constituir, na educação brasileira, uma abordagem sobre as nossas origens, envolvendo as culturas e tradições, pois a sociedade e os seus falantes precisam entendê-las em suas variedades, como também, aceitá-las e estudá-las para que seja desenvolvido um respeito correspondente pelos variados usos da fala e da escrita que as pessoas têm. Por meio disso, os sujeitos entenderão como se desenvolveram as variações e o motivo de suas ocorrências, e passarão a respeitá-las de forma natural, sem preconceitos.

Por fim, podemos dizer que o resultado desse trabalho pode ser entendido como uma contribuição para os estudos sociolinguísticos, no sentido de evidenciar a visão dos estudantes sobre a temática e a problemática que gira em torno dela, deixando clara a importância do trabalho com as variações linguísticas em todas as esferas do ensino de forma eficaz.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Ed. Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, Marcos. **Na língua nada é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática.** Opressão? Liberdade? 4 ed. São Paulo: Ática, 1989.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desenvolvimento; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Brasília-DF: MEC/ SEF, 1998.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GNERRE, M. **Linguagem, poder e discriminação.** In: Linguagem, escrita e poder. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação.** 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola. 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

CULTURA AFROBRASILEIRA NO AMAPÁ: RELAÇÕES ENTRE O TEATRO NEGRO E O MARABAIXO

FRANKLIN, Marven Junius
COELHO, Rafael Senra

RESUMO: No presente artigo, iremos comparar duas manifestações culturais que buscam resgatar tradições ancestrais afro-brasileiras. Em um contexto mais geral, falaremos do Teatro Negro e de seu papel na busca por uma legitimação da cultura dos povos negros. Em paralelo, traremos também a manifestação do Marabaixo, que representa uma das mais características expressões da cultura negra no Amapá.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro Negro. Marabaixo. Negritude. Identidade.

1. Introdução

Tanto o Teatro Negro quanto o Marabaixo desempenham um papel fundamental no resgate histórico e cultural das tradições afrodescendentes, trazendo à luz narrativas e expressões artísticas que, muitas vezes, foram marginalizadas ou silenciadas ao longo da história. O Teatro Negro surge como um movimento artístico e político que busca resgatar a memória coletiva da diáspora africana, contando histórias e abordando temáticas relacionadas à negritude. Por meio de peças teatrais, os artistas do Teatro Negro trazem à tona experiências, lutas e conquistas do povo negro, revelando um passado muitas vezes negligenciado nos livros de história convencionais. Ao explorar essas narrativas, o Teatro Negro resgata a dignidade, a resistência e a humanidade das pessoas negras, desafiando estereótipos e preconceitos (TAVARES, 1988).

O Marabaixo, por sua vez, é uma dança típica do estado do Amapá, com fortes influências africanas em sua cultura. Essa expressão artística é um verdadeiro tesouro de memória ancestral, transmitida de geração em geração. O Marabaixo é uma forma de celebração que ocorre em festas religiosas, eventos comunitários e ocasiões especiais. Por meio dos tambores, dos ritmos pulsantes e dos passos de dança marcantes, o marabaixo conecta as pessoas com suas raízes africanas, resgatando a espiritualidade, a ancestralidade e a identidade cultural.

Tanto o Teatro Negro quanto o marabaixo são instrumentos poderosos de resgate histórico, pois trazem à tona memórias coletivas e vivências ancestrais que podem ser esquecidas ou negligenciadas em sociedades que ainda enfrentam desigualdades raciais e culturais. Ao dar

1 Mestrando em literatura e letras pelo PPGLT – UNIFAP – Email: marvenoiapoque@gmail.com

2 Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIFAP, Professor Adjunto no curso de Letras Português do Campus Santana da UNIFAP. Email: rararafaels@yahoo.com.br

voz a essas experiências, o Teatro Negro e o Marabaixo contribuem para uma compreensão mais profunda da história e do legado dos afrodescendentes, promovendo a valorização da diversidade e a construção de uma sociedade mais inclusiva.

No Teatro Negro, as peças e performances destacam-se por abordar temáticas relacionadas à negritude e à experiência afrodescendente. Essas produções teatrais oferecem uma perspectiva única e autêntica sobre a história e o legado dos afrodescendentes, proporcionando uma compreensão mais profunda das lutas, resistências e conquistas dessas comunidades. Ao dar voz a essas experiências, o teatro negro não apenas preserva a memória coletiva, mas também desafia os estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade, promovendo uma representação mais precisa e empoderada da cultura afrodescendente.

De acordo com Nascimento,

Em outubro de 1944, surge a primeira proposta teatral do teatro negro engajado brasileiro: o Teatro Experimental do Negro (TEN). Em seu manifesto o Teatro Experimental do Negro propunha-se a: integrar o negro na sociedade brasileira; criticar a ideologia da branquidade; a valorizar a contribuição negra à cultura brasileira; mostrar que o negro era dotado de visão intelectual e dotar os palcos de uma dramaturgia intrinsecamente negra (NASCIMENTO, 2004, p. 10);

Aqui vale lembrar que o período de surgimento de peças teatrais engajadas no tema da negritude no Brasil coincide com um período politicamente conturbado, em que conteúdos e manifestações relacionados com o legado afro-brasileiro ainda não angariavam a legitimação adequada:

Nesse período histórico, o país estava em luta contra a ditadura do Estado Novo e pela conseqüente redemocratização, via Assembleia Nacional Constituinte. Também em âmbito internacional, agitava-se uma série de levantes e tomadas de posição dos negros, à diáspora e no continente africano (TAVARES, 1988, p.81).

No caso do Amapá, encontramos na manifestação do Marabaixo uma forma de expressão artística que também visa o resgate de memórias ancestrais. Essa dança típica do Amapá apresenta influências africanas profundas, trazendo consigo ritmos, tambores e movimentos que remontam às raízes culturais das comunidades afrodescendentes. O Marabaixo não apenas mantém viva a tradição, mas também conecta as pessoas com sua ancestralidade e espiritualidade, proporcionando um senso de identidade e pertencimento. Por meio da prática do marabaixo, as

vivências e memórias coletivas são transmitidas de geração em geração, preservando assim a história e as tradições afrodescendentes.

O Marabaixo representa, portanto, uma parte imprescindível da vida cultural dos povos negros amapaenses, e é uma peça-chave para compreendermos como a ancestralidade e a africanidade foi adaptada e manifestada no Amapá. Desse modo, podemos dizer que o Marabaixo é:

[...] uma das maiores festas tradicionais de manifestação cultural do Amapá. Pelo período de, aproximadamente, dois meses, com fundamentação no calendário católico, durante o ciclo do Marabaixo, familiares dos festeiros de dois bairros da cidade de Macapá: Laguinho e Favela (hoje, Santa Rita), devotos e visitantes participam dos festejos para a Santíssima Trindade e para o Divino Espírito Santo, por meio de missas, novenas, cantorias, bailes, ladainhas, procissões, busca de mastros, sua levantada e derrubada, compartilhamento de comida, cerveja, gengibirra, danças e batuques que celebram seus ancestrais, tudo ao ritmo do Marabaixo (MONTEIRO et al., 2017, p.11).

Ao trazer à tona essas memórias coletivas e vivências ancestrais, o Teatro Negro e o Marabaixo desempenham um papel fundamental na valorização da diversidade cultural e na construção de uma sociedade mais inclusiva. Essas formas de expressão artística oferecem uma perspectiva autêntica e enriquecedora sobre a história dos afrodescendentes, permitindo uma compreensão mais profunda das experiências e desafios enfrentados por essas comunidades (GONZALEZ, 1988). Ao promover uma representação mais precisa e empoderada da cultura afrodescendente, o Teatro Negro e o Marabaixo contribuem para a desconstrução de estereótipos, preconceitos e discriminações, fomentando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, o resgate histórico e cultural promovido pelo Teatro Negro e pelo Marabaixo permite que as novas gerações tenham acesso a uma herança cultural rica e significativa, fortalecendo a identidade e a autoestima das comunidades afrodescendentes. Ao conhecer suas raízes e ter orgulho de sua cultura, as pessoas podem enfrentar os desafios do presente com um senso de pertencimento e uma consciência ampliada sobre sua contribuição para a sociedade.

2. Valorização da identidade e autoafirmação no Teatro Negro e no Marabaixo.

Tanto o Teatro Negro quanto o Marabaixo desempenham um papel significativo na valorização da identidade e na promoção da autoafirmação

das comunidades afrodescendentes. No Teatro Negro, a valorização da identidade é fundamental, pois essa forma de expressão busca resgatar a história, as tradições e as experiências do povo negro. Através de peças teatrais que abordam temáticas relacionadas à negritude, o teatro negro oferece um espaço de representação no qual as vozes e as histórias afrodescendentes são protagonistas(TAVARES, 1988). Ao verem suas experiências e narrativas sendo trazidas ao palco, as pessoas negras encontram uma forma de se reconhecerem e de se sentirem representadas, o que contribui para a valorização de sua identidade cultural.

Da mesma forma, o Marabaixo desempenha um papel essencial na valorização da identidade das comunidades afrodescendentes. Por meio dessa dança típica, que está enraizada nas tradições e influências africanas, as pessoas têm a oportunidade de se conectar com sua ancestralidade e de fortalecer seu senso de identidade cultural. O Marabaixo é um espaço onde as manifestações artísticas e culturais afrodescendentes são valorizadas e celebradas, promovendo um sentimento de pertencimento e orgulho em relação às raízes africanas(SAMPAIO, 2022).

Além da valorização da identidade, tanto o Teatro Negro quanto o Marabaixo são ferramentas poderosas de autoafirmação. No Teatro Negro, os artistas têm a oportunidade de expressar suas vivências, suas lutas e suas conquistas, reafirmando sua existência e resistência em uma sociedade que muitas vezes os marginaliza. Através do palco, eles se afirmam como protagonistas de suas próprias histórias e desafiam estereótipos e preconceitos, construindo uma imagem positiva de si mesmos e de sua comunidade.

Da mesma forma, no Marabaixo, a prática da dança é uma forma de autoafirmação. Os dançarinos, ao expressarem-se por meio dos movimentos e dos ritmos, afirmam sua cultura e sua identidade, transmitindo um senso de orgulho e valorização de suas raízes. O Marabaixo permite que as pessoas se empoderem ao se conectarem com suas tradições e vivências ancestrais, fortalecendo sua autoconfiança e autoestima(SAMPAIO, 2022).

Tanto o Teatro Negro quanto o Marabaixo desempenham um papel importante na representatividade e no combate a estereótipos, contribuindo para a construção de uma visão mais autêntica e diversa das comunidades afrodescendentes. No Teatro Negro, a representatividade é um elemento essencial. Por meio das peças teatrais, os artistas negros têm a oportunidade de ocupar o palco e representar personagens que refletem suas vivências e realidades(TAVARES, 1988). Essa representação autêntica desafia os estereótipos predominantes na sociedade, que muitas vezes limitam a percepção do público em relação à cultura e à identidade negra. Ao apresentar histórias diversas e complexas, o Teatro Negro

desconstrói as representações unidimensionais e estigmatizantes dos afrodescendentes, permitindo que as pessoas negras se vejam refletidas no cenário artístico e possam se identificar com personagens complexos e multifacetados(NASCIMENTO, 2005).

Da mesma forma, o Marabaixo também desafia estereótipos e promove a representatividade das comunidades afrodescendentes(SAMPAIO, 2022). Através dessa forma de expressão artística, os dançarinos negros têm a oportunidade de apresentar suas habilidades, talentos e criatividade, quebrando estereótipos que possam limitar a percepção de sua cultura e identidade. O Marabaixo oferece um espaço de visibilidade, onde os artistas negros podem mostrar ao público a riqueza de sua herança cultural, reafirmando sua identidade e combatendo estereótipos negativos(SAMPAIO, 2022).

Ao combater estereótipos, tanto o Teatro Negro quanto o Marabaixo desempenham um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao desafiar as narrativas simplistas e unidimensionais, essas formas de expressão artística promovem uma compreensão mais completa e nuance das experiências afrodescendentes. Elas quebram as barreiras impostas pelos estereótipos, permitindo que as pessoas negras sejam vistas em toda a sua diversidade e complexidade, desafiando as expectativas preconcebidas e contribuindo para a luta contra a discriminação e o preconceito.

Além disso, a representatividade e o combate a estereótipos promovidos pelo Teatro Negro e pelo Marabaixo têm um impacto significativo na sociedade em geral. Ao apresentar uma ampla gama de narrativas e experiências afrodescendentes, essas formas de expressão artística educam o público sobre a diversidade cultural e as realidades das comunidades negras. Elas incentivam a empatia, a compreensão e a valorização da cultura negra, abrindo caminho para uma maior inclusão e igualdade.

O conceito de "Teatro do Oprimido" desenvolvido por Augusto Boal (2019) é altamente relevante para a discussão sobre a representatividade e o combate a estereótipos no Teatro Negro e no Marabaixo. O Teatro do Oprimido propõe que o teatro seja uma ferramenta de transformação social, permitindo que as comunidades marginalizadas se expressem e lutem contra a opressão por meio da arte. Ao aplicar esse conceito à discussão do trabalho, podemos entender que o Teatro do Oprimido oferece uma abordagem inclusiva e participativa que dá voz às comunidades negras e permite que elas representem suas experiências e desafios de forma autêntica. O teatro se torna um espaço de resistência, onde as histórias e vivências das pessoas negras são colocadas no centro da narrativa, desafiando estereótipos e empoderando os artistas e o público

(BOAL, 2019).

No contexto do Teatro Negro, o Teatro do Oprimido é uma ferramenta valiosa para enfrentar as desigualdades raciais e culturais. Permite que as comunidades negras expressem suas vivências, lutas e conquistas, promovendo a valorização da identidade e a desconstrução de estereótipos prejudiciais. O teatro se torna uma plataforma de diálogo, reflexão e engajamento, onde questões de discriminação, racismo e exclusão são abordadas e confrontadas (BOAL, 2019).

Da mesma forma, o Marabaixo pode se beneficiar dos princípios do Teatro do Oprimido, ao proporcionar um espaço para as comunidades afrodescendentes expressarem sua cultura e resistência por meio da dança. O Teatro do Oprimido encoraja a participação ativa dos dançarinos e do público, incentivando o diálogo e a transformação social (BOAL, 2019). O Marabaixo se torna uma forma de manifestação artística que vai além da simples apresentação coreográfica, possibilitando a reflexão sobre a história, a identidade e a luta por igualdade.

Através do Teatro do Oprimido, tanto o Teatro Negro quanto o Marabaixo se tornam espaços de empoderamento, onde as comunidades afrodescendentes podem se expressar livremente, combater estereótipos e reivindicar sua dignidade. Essa abordagem transformadora do teatro promove a conscientização, a solidariedade e a ação, engajando o público em um processo de mudança social.

Do mesmo modo, também se revela bastante proveitosa as contribuições de Abdias Nascimento (2005) para a discussão sobre representatividade e combate a estereótipos no Teatro Negro e no Marabaixo é significativa. Como ativista, escritor e teatrólogo, Nascimento enfatizou a importância de valorizar a cultura afro-brasileira e promover a representatividade e o protagonismo negro no campo teatral.

Ao aplicar o conceito de Nascimento (2005) ao trabalho em questão, podemos compreender que a valorização da cultura afro-brasileira no Teatro Negro e no Marabaixo é essencial para a afirmação da identidade negra e para o combate ao racismo. Nascimento defendia que as manifestações artísticas devem refletir as experiências e as histórias das comunidades afrodescendentes de forma autêntica e respeitosa.

No Teatro Negro, isso significa garantir a presença de artistas negros nos palcos, oferecendo oportunidades para que eles expressem suas vivências e narrativas. Promover a representatividade significa que as histórias contadas no teatro refletem a diversidade e a complexidade das experiências negras, desafiando estereótipos e oferecendo uma perspectiva mais ampla e precisa sobre a cultura e a identidade afro-brasileira (NASCIMENTO, 2005). Da mesma forma, no contexto do Marabaixo, a valorização da cultura afro-brasileira envolve assegurar que

a dança e os ritmos sejam preservados e transmitidos de geração em geração, destacando sua importância histórica e cultural. Ao promover o protagonismo negro no Marabaixo, as comunidades afrodescendentes podem afirmar sua identidade e combater estereótipos que possam existir em relação às suas práticas culturais (SAMPAIO, 2022). A aplicação do conceito de Nascimento (2005) à discussão do trabalho enfatiza a importância da representatividade e do protagonismo negro no Teatro Negro no Marabaixo como ferramentas para a valorização da cultura afro-brasileira. Ao dar voz e espaço às comunidades afrodescendentes, essas formas de expressão artística contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde as experiências e contribuições dos afrodescendentes são valorizadas e celebradas.

Outro autor que pode contribuir para a discussão é Lélia Gonzalez (1988) que se debruça sobre representatividade e combate a estereótipos no Teatro Negro e no Marabaixo é extremamente relevante. Como filósofa, antropóloga e ativista, Lélia Gonzalez destacou a importância da representatividade e da visibilidade negra nas manifestações culturais, além de enfatizar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe. Ao aplicar o conceito de Gonzalez (1988) à discussão do trabalho, podemos compreender que a representatividade e a visibilidade negra são fundamentais tanto no Teatro Negro quanto no Marabaixo. Gonzalez argumentava que a arte deve refletir a diversidade e a complexidade das experiências negras, levando em consideração não apenas a questão racial, mas também as questões de gênero e classe. Ela questionava estereótipos e padrões preconceituosos que limitam a representação da cultura afrodescendente.

No Teatro Negro, a abordagem de Gonzalez (1988) destaca a importância de garantir que os artistas negros estejam presentes nos palcos, trazendo à tona suas vivências e narrativas específicas. Isso contribui para a quebra de estereótipos, desafiando representações superficiais e oferecendo uma visão mais autêntica da identidade e da diversidade afro-brasileira. Além disso, a interseccionalidade proposta por Gonzalez enfatiza a necessidade de abordar as experiências das mulheres negras, dos LGBTQ+ negros e das pessoas negras pertencentes a diferentes classes sociais, ampliando a representatividade dentro do contexto teatral. No contexto do Marabaixo, a visão de Lélia Gonzalez (1988) ressalta a importância de valorizar a presença e a participação das comunidades afrodescendentes, destacando sua contribuição para a cultura e a identidade local. A interseccionalidade de gênero, raça e classe permite uma compreensão mais abrangente das dinâmicas culturais, desafiando estereótipos e promovendo uma representação mais autêntica e inclusiva.

Ao aplicar o conceito de Gonzalez, tanto o Teatro Negro quanto o Marabaixo se tornam espaços de expressão e resistência, onde as vivências e as lutas das comunidades negras são representadas e valorizadas. Isso contribui para a construção de uma sociedade mais igualitária, onde a diversidade e a complexidade das experiências negras são reconhecidas e respeitadas.

3. Papel na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária

O Teatro Negro e o Marabaixo são expressões artísticas que desempenham um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Ambas as formas de manifestação cultural promovem a valorização da diversidade e o combate aos estereótipos, contribuindo para a construção de um mundo mais justo e equitativo.

No contexto do Teatro Negro, essa forma de expressão busca dar voz e visibilidade à comunidade negra, que historicamente foi marginalizada e invisibilizada. Ao abordar temáticas relacionadas à negritude e às experiências dos afrodescendentes, o Teatro Negro desafia estereótipos e preconceitos, promovendo a representatividade e empoderando a comunidade negra. Por meio de suas narrativas e performances, o Teatro Negro contribui para a construção de uma sociedade que reconhece e valoriza a pluralidade de culturas e identidades (TAVARES, 1988).

Da mesma forma, o Marabaixo desempenha um papel relevante na promoção da igualdade e inclusão. Originário do Amapá, estado brasileiro com forte influência africana, o Marabaixo carrega consigo as tradições e a história do povo afrodescendente. Essa dança típica, acompanhada por tambores e letras que abordam temas de ancestralidade e resistência, conecta as pessoas com suas raízes africanas. O Marabaixo fortalece a identidade cultural afrodescendente, reafirmando a importância da diversidade étnica na construção de uma sociedade mais justa e igualitária (SAMPAIO, 2022).

Tanto o Teatro Negro quanto o Marabaixo têm o poder de impactar as percepções e as mentalidades da sociedade em relação à negritude. Ao desafiar estereótipos e promover a representatividade, essas formas de expressão artística desempenham um papel transformador, questionando as desigualdades históricas e buscando construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária para todos.

Além disso, o Teatro Negro e o Marabaixo são espaços de empoderamento, onde as vozes e histórias afrodescendentes são protagonistas. Ao proporcionar uma plataforma de expressão para artistas negros, essas manifestações culturais contribuem para a quebra de

barreiras e preconceitos, ampliando as possibilidades e oportunidades para a comunidade negra. Dessa forma, o Teatro Negro e o Marabaixo atuam como agentes de mudança social, impulsionando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos os indivíduos.

4. Considerações Finais

O Teatro Negro e o Marabaixo desempenham um papel fundamental na preservação da diversidade cultural e no fortalecimento da comunidade negra. Ambas as formas de expressão artística contribuem para a valorização das tradições afrodescendentes, promovendo a conscientização sobre a importância da herança cultural e o empoderamento da comunidade negra.

O Teatro Negro, por meio de suas performances, narrativas e representações artísticas, resgata e reconta histórias muitas vezes esquecidas ou negligenciadas. Ao abordar temáticas relacionadas à negritude, o Teatro Negro se torna um espaço de reflexão, permitindo que a comunidade negra se reconecte com sua história e identidade. Essa forma de expressão artística contribui para a preservação da diversidade cultural, ao destacar a contribuição dos afrodescendentes para a formação da sociedade e ao desafiar narrativas dominantes que marginalizaram e silenciaram suas vozes (TAVARES, 1988).

Da mesma forma, o Marabaixo é uma manifestação cultural que fortalece a comunidade negra e reafirma sua identidade. Essa dança típica, que ocorre em celebrações religiosas e eventos comunitários, transmite conhecimentos ancestrais e perpetua tradições. Os tambores, o ritmo e os passos de dança do Marabaixo representam a conexão com as raízes africanas e a resistência da comunidade negra. Ao preservar e transmitir essas práticas culturais de geração em geração, o Marabaixo contribui para o fortalecimento da comunidade negra e para a valorização de suas origens (SAMPAIO, 2022).

Tanto o Teatro Negro quanto o Marabaixo também promovem o fortalecimento da comunidade negra por meio do empoderamento e da autoafirmação. Ao oferecer um espaço de expressão e representatividade, essas formas de manifestação artística incentivam artistas negros a compartilharem suas experiências e a reivindicarem seu lugar na sociedade. O Teatro Negro e o Marabaixo atuam como catalisadores para o orgulho e a autoestima da comunidade negra, permitindo que seus membros se reconheçam como agentes de mudança e protagonistas de suas próprias narrativas.

Além disso, o Teatro Negro e o Marabaixo desempenham um papel importante na promoção do diálogo intercultural e na construção de pontes

entre diferentes comunidades e grupos étnicos. Por meio dessas formas de expressão artística, o conhecimento sobre a cultura afrodescendente é disseminado e compartilhado, permitindo uma maior compreensão e apreciação da diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2019

GONZALEZ, L. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero. 1988.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. In.: **Estudos Avançados**. Vol. 18. N.º 50. São Paulo: 2005, pp. 209-224.

NASCIMENTO, A. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Editora Selo Negro. 2005.

SAMPAIO, Drieli Leide Silva. **Marabaixo: discurso e identidades negras na tradição amapaense. 2022. 230 f.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

TAVARES, Júlio César. “Teatro Experimental do Negro: contexto, estrutura e ação”, **Dionysos - Teatro Experimental do Negro**. No. 28. Rio de Janeiro: Minc e FUNDACEN, pp. 79-88. 1988.

AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA À APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: PERSPECTIVAS DE CARL ROGERS

Rita de Cassia de Freitas

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de investigar as contribuições dos estudos de Carl Ransom Rogers para a educação, sobretudo no que diz respeito aos conceitos envolvendo a aprendizagem significativa. Apresentam em sua teoria vários conceitos relevantes para o contexto educativo tais como: Campo fenomenal, *Self*, *Self Ideal*, Congruência e incongruência, a compreender melhor essa teoria e desmistificar algumas crenças que persistem em vigorar em alguns espaços, principalmente no âmbito escolar. Este artigo compreende a uma revisão bibliográfica baseada em artigos, livros e sites da internet, uma abordagem instigante e emocionante do que entendemos aqui como reconhecidamente uma teoria da educação que por muitos ainda é negada, acredita-se que por falta de leituras aprofundadas no tema e pela ventilação desprovida de respaldo teórico que ora se percebe em muitos espaços. A teoria rogeriana podendo assim ser atribuída a ele, vai além de uma visão passiva que acredita que o aluno é mero receptor ou que é incapaz de guiar, conduzir seus percursos investigativos, caminhos profissionais, e onde ele fala que a aprendizagem significativa se adquire com a experiência. Emite um sentido formativo ao professor que ajudará o aluno a reconhecer-se nessa caminhada rumo ao sucesso e realização pessoal.

Palavras-chaves: Fenomenologia. Educação Significativa. Contribuições.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica que teve como pano de fundo a obra de Carl Rogers, no âmbito da Abordagem Centrada na Pessoa aplicada à educação e que designou por Aprendizagem Centrada no Aluno. Pretende-se evidenciar a determinante importância das contribuições deste autor, da corrente humanista da

1 Graduada em História pela Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador - FTC. Graduada em Psicologia pela Faculdade Santíssimo Sacramento. Graduada em Mediação de Conflitos pela Faculdade Estácio de Sá (2023). Cursos de Formação nas áreas Formação de Professores, Fundamentos da Educação Inclusiva; Métodos de Aprendizagem; Prevenção de Drogas para Educadores de Escolas Públicas; Docência no Ensino Superior. Possui as seguintes especializações: Coordenação Pedagógica e Planejamento pela Faculdade União Cultural do Estado de São Paulo (2015); Docência no Ensino Superior, pela UNIASSELVI (2014); Culturas Afro-Brasileiras, pela FTC (2013); Educação Inclusiva, pela FTC (2012); Planejamento Educacional e Políticas Públicas, pela Faculdade Integrada, AVM (2012), Psicologia Hospitalar e da Saúde, Gestalt Terapia, Psicologia Positiva: ciência do bem-estar e da autorrealização (Prisma Cursos). Mestre em Teologia (área de concentração dimensões do cuidado e práticas sociais). Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Rio Real; Professora da área de Ciências Humanas no CEM (Centro Educacional Moranguinho) no Ensino Médio; Professora nos Cursos de Bacharelados em Administração, Direito, Enfermagem, Ciências Contábeis da Faculdade Santíssimo Sacramento. Tem experiência na área de Teologia, Educação - Formação de Professores, Educação - Coordenação Pedagógica, Professora em Cursos de Pós Graduação "Especialização" - Educação, Administração e Serviço Social, Tutoria em cursos de Pedagogia e História, docência na Educação Básica: Multisseriado "Educação do Campo", EJA, Ensino Fundamental anos Finais e Ensino Médio História / Filosofia / Geografia / Sociologia; Palestras na área das Ciências Humanas e Educação Emocional. Escritora do livro Curandeiros, Benzedeiras e Rezadores na Formação do Ser Mítico - São Paulo: editora Becaete, 2021., artigos publicados - Cyberbullying e suicídio: impacto em grupos adolescentes "Cientíssimo-coletânea de artigos científicos 2022, Perspectivas Fenomenológicas e Existenciais: contribuições para a psicologia "Revista Barbante".

Psicologia, para uma maior eficácia no processo de aprendizagem, bem como para as teorias contemporâneas da Educação.

Assim, o objetivo fundamental será o de tentar estabelecer uma ponte entre os princípios enunciados por Carl Rogers, no âmbito da Abordagem Centrada para a Educação e o processo de aprendizagem, partindo do pressuposto de que estes princípios conduzirão a uma melhoria na relação pedagógica e conseqüentemente do processo de aprendizagem.

Ao tomar esta posição, temos em mente a afirmação de Carl Rogers de que o Sistema Educativo deverá ter sempre como objetivo o desenvolvimento das pessoas, de uma forma plena e, simultaneamente, que as conduza à sua autorrealização (1974, p. 380). Não foi por acaso que o autor agora referido considerou que o homem educado é o homem que aprendeu a aprender (ROGERS, 1986: 126), e que dentro do Sistema Educativo como um todo, deverá implementar-se um clima propício ao crescimento pessoal do aluno (ROGERS, 1986:244).

Segundo o autor "tem-se de encontrar uma maneira de desenvolver, dentro do sistema educacional como um todo, e em cada componente, um clima condizente ao crescimento pessoal; um clima no qual a inovação não seja assustadora, em que as capacidades criadoras de administradores, professores e estudantes sejam nutridas e expressadas, ao invés de abafadas. Tem-se de encontrar, no sistema, uma maneira na qual a focalização não incida sobre o ensino, mas sobre a facilitação da aprendizagem autodirigida" (Ibidem).

Como propostas para este trabalho, são apresentados os pressupostos fundamentais do modelo da Abordagem Centrada na Pessoa, assim como os seus princípios e atitudes aplicados à Educação, no modelo a que Rogers designou por Aprendizagem Centrada no Aluno, além das discussões de conceitos e contribuições trazidas por autores contemporâneos acerca da aprendizagem significativa.

2. A TEORIA ROGERIANA NA EDUCAÇÃO

Rogers apresenta um modelo educativo que se pode considerar no mínimo inovador, pois, o centro das suas considerações é a pessoa do aluno, em contraste com um modelo tradicionalista em tudo gira à volta da figura do professor. Podemos considerar que o autor faz uma autêntica revolução copérnica no campo da educação. Das obras consultadas podemos destacar alguns princípios definidos pelo autor como fundamentais para o desenvolvimento do processo de aprendizagem:

1. O ser humano contém em si uma potencialidade natural para a aprendizagem (Rogers, 1986: 28).

2. Não podemos ensinar, apenas podemos facilitar a aprendizagem (Rogers, 1974: 381)

3. A aprendizagem significativa acontece quando o assunto é percebido pelo aluno como relevante para os seus propósitos, o que significa que o aluno aprende aquilo que percebe como importante para si (ROGERS, 1974: 382).

4. A aprendizagem que implique uma mudança ameaçadora na percepção do self, tende para a resistência (ROGERS, 1974: 383).

5. As aprendizagens são melhor apreendidas e assimiladas quando a ameaça externa ao self é reduzida ao mínimo (ROGERS, 1974: 384).

6. A maioria das aprendizagens significativas é adquirida pela pessoa em ação, ou seja, pela sua experiência (ROGERS, 1986: 136-137).

7. A aprendizagem qualitativa acontece quando o aluno participa responsabilmente neste processo (ROGERS, 1974: 390).

8. A aprendizagem que envolve a auto iniciativa por parte do aluno e a pessoa na sua totalidade, ou seja, dimensões afetiva e intelectual, torna-se mais duradoura e sólida (Ibidem). 9. Quando a autocrítica e a autoavaliação são facilitadas, e a avaliação de outrem se torna secundária, a independência, a criatividade e a autorrealização do aluno tornam-se possíveis (ROGERS, 1974: 404-405).

10. A aprendizagem concretiza-se de forma plena quando o professor é autêntico na relação pedagógica (ROGERS, 1986:11).

11. Para uma aprendizagem adequada torna-se necessário que o aluno aprenda a aprender, quer dizer que, para além da importância dos conteúdos, o mais significativo para Rogers é a capacidade do indivíduo interiorizar o processo constante de aprendizagem (Rogers: 1986:126).

Para que estes princípios estejam presentes na relação pedagógica é fundamental que o professor se torne no que Rogers designou por facilitador do processo de aprendizagem. E para que tal aconteça é essencial que haja uma segurança por parte de quem educa que lhe permita acreditar na pessoa do aluno, na sua capacidade de aprender e pensar por si próprio (ROGERS, 1983, GOBBI et al., 1998: 26). Para além de enunciar os princípios que facilitam o processo de aprendizagem, Rogers propõe também um conjunto de qualidades que considerou como fundamentais para a transformação de um professor num facilitador da aprendizagem.

A primeira qualidade refere-se à Autenticidade do facilitador, que considerou

como a mais básica e que designa como a capacidade de o facilitador ser real, sem máscara nem fachada na relação com o aluno (ROGERS, 1986). A segunda qualidade, a que designou por Aceitação e Confiança e que se expressa numa capacidade de aceitar a pessoa do aluno, os seus sentimentos, as suas opiniões, com valor próprio e confiar nele sem o julgar. Finalmente, a terceira qualidade refere-se à capacidade de compreender empaticamente o aluno, ou seja, compreendê-lo a partir do seu quadro de referência interno.

Resumindo, podemos dizer que os princípios e as atitudes atrás enunciados permitem não só o desenvolvimento intelectual do aluno, como também o seu crescimento enquanto pessoa total, promovendo a aprendizagem significativa e a interiorização do processo de aprender. Rogers definiu aprendizagem como sendo uma "insaciável curiosidade" inerente ao ser humano e que a sua essência é o significado (ROGERS, 1986) o que significa que o foco está no processo e não no conteúdo da aprendizagem. O professor deve ter em conta que os alunos aprendem aquilo que para eles é significativo. Por essa razão, a passividade muitas vezes vivida na sala de aula, produto e produtora de desinteresse, é um dos maiores inimigos de uma aprendizagem eficaz.

O objetivo primordial deste modelo proposto por Rogers é o de que o aluno abandone a passividade e adquira um papel ativo, de intervenção no seu próprio processo de aprendizagem, o que significa que a aprendizagem deixa de estar centrada no professor, para passar a estar centrada no aluno. Neste sentido, aprender traduz-se num processo de construção, no qual o aluno tem um papel decisivo na construção do seu conhecimento e onde o professor será o orientador, ou melhor, o facilitador desse processo, na medida em que o coordena e tutela.

Ensinar requer, assim, e de acordo com este modelo, um nível de maturidade e segurança por parte do professor, que lhe permita, por um lado, diminuir a assimetria do seu poder enquanto docente, partilhando a responsabilidade do processo de aprendizagem e, por outro, acreditar na capacidade de aprender e pensar por si próprio do aluno (ROGERS, 1986).

Por tudo o que foi referido, aprender é um processo dinâmico, que exige concentração, interesse, empenhamento e motivação, e por tal razão é importante que as relações de cooperação e participação entre professor e alunos estejam presentes. A classe poderá, deste modo, transformar-se num grupo de pessoas, deixando os alunos de ter os olhos postos exclusivamente no professor, para passarem a olhar uns para os outros de forma interativa. Deixam de ser um agregado de indivíduos que estão lado a lado, sem direito a comunicar, para passarem a ser um organismo vivo, em que todos os

membros mantêm relações entre si. Da mesma forma, também deve acontecer na educação. Uma relação interpessoal, afetuosa e de interesse tanto do professor quanto do aluno, em conjunto, caminhando para uma aprendizagem significativa. Um aprendendo com o outro, todos os dias. Essa humildade por parte do professor o levará a uma relação autêntica e transparente com o aluno. A autenticidade será a principal ferramenta do educador que levará o aluno ao aprendizado final.

Rogers luta contra o aprendizado de "tarefas", que só usa operações mentais, não considerando o indivíduo como um todo. Esse tipo de aprendizado é esquecido ao longo do tempo, pois não tem relevância com os sentimentos, emoções e sensações do aluno, e não provoca uma curiosidade que leva o indivíduo a se aprofundar cada vez mais. Ensinar é mais do que transmitir conhecimento – é despertar curiosidade, é instigar o desejo de ir além do conhecido. É desafiar a pessoa a confiar em si mesmo e dar um novo passo em busca de mais. Trata-se de educar para a vida e novos relacionamentos.

A sobrevivência é um estímulo ao aprendizado, desde que o conhecimento transmitido seja imutável. Quando uma pessoa vive em um ambiente hostil e nisso há novas situações constantemente, qual é o ponto de conhecimento transmitido por seus antepassados? Ainda mais hoje, no mundo globalizado, tudo muda muito rápido, inclusive o conhecimento científico. Nada é garantido, nem mesmo o conhecimento de hoje. O que se sabe profundamente hoje pode ser considerado errado em dez anos (PINHEIRO, BATISTA, 2018).

Uma pessoa educada é capaz de se adaptar às mudanças que ocorrem durante sua vida (o aprendizado é contínuo). A vida é um processo de mudança – tudo ao seu redor é questionável e tudo se mistura. Então não há ninguém que saiba e aquele que ensina, todo mundo sabe de algo e todo mundo aprende algo com alguém. É neste contexto que Rogers vai expor sua teoria. O professor é considerado um facilitador da aprendizagem, não mais aquele que transmite conhecimento, mas aquele que ajuda os alunos a aprender a viver como indivíduos no processo de transformação. O aluno é instado a buscar seu próprio conhecimento, consciente de sua constante transformação.

O facilitador se reconhece como um material de apoio humano para o aluno. Enquanto um bom professor é um estrategista de educação, ele usa seu tempo planejando o currículo escolar, suas aulas e faz isso muito bem. O facilitador, por sua vez, cria condições de interação pessoal com os alunos, prepara o ambiente psicologicamente favorável para recebê-los, fornece aos alunos materiais de pesquisa, instiga a curiosidade inerente ao ser humano para promover uma aprendizagem significativa. O que um facilitador ensina aos alunos é buscar seus próprios conhecimentos, tornar-se independente e produtor de seu próprio processo cognitivo.

Rogers considera o indivíduo como um todo: mente e corpo, sentimento e intelecto são partes integrantes do mesmo ser e são não inseparáveis. Na educação moderna apenas a parte intelectual está sendo valorizada, como se o conhecimento cognitivo pudesse ser separado das experiências do ser humano. Um indivíduo que apresenta problemas emocionais não consegue manter um bom aprendizado, por isso é necessário considerar que a atmosfera psicológica é fundamental para o processo de aprendizagem (PINHEIRO, BATISTA, 2018).

Para alcançar um bom resultado como facilitador você precisa ter ou desenvolver algumas qualificações. O mais importante de tudo é a autenticidade, qualidade que ganha o respeito dos alunos. Neste caso, o facilitador precisa aprender primeiro a ser autêntico consigo mesmo e, em seguida, expor aos alunos seus limites, suas dificuldades. É necessário largar a máscara do educador bom, compreensivo e tolerante; ser verdade sem transferir suas próprias frustrações para os alunos. É preciso mostrar à pessoa como ela também é: com defeitos e qualidades, sentimentos e desejos, alegrias e tristezas. Um ser real e comum com sua própria história de vida. Essa transparência ganha a confiança e o respeito dos alunos (KUPFER, 2018).

A segunda qualificação é valorização, aceitação e confiança. Isso significa cuidar do aluno, por tudo o que ele representa; considera suas ações e reações, e aceitá-los como pessoas reais como você. O facilitador confia nesse ser em transformação, que possui qualidades e defeitos, em busca de satisfazer seus desejos e ansiedades, como qualquer ser humano.

A terceira qualificação é a compreensão empática, que ocorre quando o facilitador deixa o julgamento de lado e entende o aluno, tornando a aprendizagem significativa. Aqueles que essa habilidade não classificam o aluno, mas se integram para que ele ou ela entre no grupo. Ele tem a capacidade de olhar um para o outro do seu ponto de vista e isso será de extrema importância para o aprendizado. Se você colocá-los na posição do outro, olhando o ponto de vista do aluno, são fatores fundamentais para a abordagem do facilitador e do aluno (MOREIRA, 2020).

É, portanto, essencial que um facilitador confie em seres humanos, suas potencialidades e habilidades para escolher o caminho traçado para seu próprio aprendizado. A pessoa que não confia no outro ser humano não pode se tornar um facilitador. É necessário aceitar as perguntas, os caminhos errôneos, as propostas diferentes das planejadas. Todos os alunos são confiáveis, todos são importantes e devem ser respeitados independentemente do contexto e da realidade.

O facilitador arrisca viver na incerteza das relações pessoais, permitindo que a sala de aula tenha vida e liberdade de expressão, sem saber o que essa relação interpessoal pode

Uma das formas de criar responsabilidade pelo seu próprio aprendizado é estabelecer um contrato estudantil independente ou em grupo, no qual as regras são feitas em conjunto com o aluno. No contrato, as regras a serem cumpridas por ambos serão pré-estabelecidas. Dessa forma, os alunos se tornam seguros e responsáveis. Ao final do contrato, que será avaliado por ambos, o aluno se reportará ao facilitador sobre tudo o que aprendeu e pesquisou. A aprendizagem centrada na pessoa é revolucionária e transformadora, aproveitando o desejo natural de cada aluno de participar e interferir em seu próprio processo.

3. PERSPECTIVAS CONTEMPORANEAS ACERCA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE CARL ROGERS

A aprendizagem significativa é progressiva, o aluno constrói o conhecimento a partir do que já sabe e a aprendizagem ocorre progressivamente. Na medida em que o aprendiz interage com esse conhecimento, ele é um receptor ativo. Contrastes são aprendizagem significativa arbitrária e aprendizagem mecanicista, em que o aprendiz é um receptor passivo e o conhecimento é memorizado de forma não significativa. Esse tipo de aprendizagem é bastante comum na escola, Rabelo (1994, p.38) afirma que:

Este modelo clássico de conceber o ensino baseia-se fundamentalmente na ideia e na prática que temos de fazer uma escola para a transmissão do conhecimento através da transmissão da informação. Ou seja, a escola detém o conhecimento e sua única função é passá-lo como está, pronto e acabado, para seus alunos, informando-os sobre isso, acreditando e esperando que o aluno se aproprie dessa informação e a transforme em conhecimento. Aqui, a informação é entendida como simples dados armazenados arbitrariamente na memória.

Essa forma de gerar ensino proporciona pouca ou nenhuma interação entre as novas informações e as já existentes na estrutura cognitiva. Ausubel et al (apud MOREIRA, 2020) apresenta os princípios programáticos para facilitar a aprendizagem significativa: diferenciação progressiva, reconciliação integrativa, organização sequencial e consolidação. Para o autor, os conhecimentos gerais da disciplina devem ser apresentados desde o início e, progressivamente, diferenciados em especificidade e as ideias gerais constantemente retomadas por meio de situações-problema que, além de proporcionar diferenciação progressiva, também podem ser exploradas as relações pertinentes a conhecimento, da disciplina visando uma aprendizagem significativa através da conciliação integrativa, organizando a sequência das unidades de estudo respeitando a relação de dependência entre elas.

Finalmente, forneça o domínio do conhecimento que está sendo estudado antes

de introduzir novos conhecimentos. É de fundamental importância que o aluno esteja predisposto a aprender para que haja uma aprendizagem significativa. Gowin (apud MOREIRA, 2020, p. 05) afirma que: “Para aprender de forma significativa, o aluno tem que manifestar uma disposição de relacionar, de forma não arbitrária e não literal, com sua estrutura cognitiva, os significados que ele capta de os materiais educacionais, potencialmente significativos, do currículo”. Em relação à predisposição para aprender, como fazer com que o aluno perceba a relevância do conhecimento que queremos que ele construa? Na visão de Moreira (2020) apenas com a aprendizagem crítica significativa, que esclarece como “aquela perspectiva que permite ao sujeito fazer parte de sua cultura e, ao mesmo tempo, estar fora dela” e o autor (2020, p.06) complementa sua ideia afirmando que:

É por meio da aprendizagem significativa crítica que o aluno poderá fazer parte de sua cultura e, ao mesmo tempo, não ser subjugado por ela, por seus ritos, mitos e ideologias. É por meio desse aprendizado que ele poderá lidar construtivamente com a mudança sem ser dominado por ela, lidar com a informação sem se sentir imponente diante de sua grande disponibilidade e velocidade de fluxo, desfrutar e desenvolver a tecnologia sem se tornar um tecnófilo.

Analogamente aos princípios programáticos facilitadores de Ausubel apresentados na aprendizagem significativa, propomos remeter às propostas de Postman e Weingartner na percepção de Moreira (2020), que são muito menos radicais e mais viáveis de serem implementadas nas escolas. Alguns desses princípios, ideias ou estratégias que facilitarão a aprendizagem significativa crítica serão apresentados a seguir, tais como: o princípio da interação e questionamento social; o princípio da não centralidade do livro didático; o princípio do educando como preceptor/representante; o princípio do conhecimento como linguagem; o princípio da consciência semântica; o princípio de aprender com o erro; o princípio de desaprender; o princípio da incerteza do conhecimento e o princípio de não usar o quadro-negro.

Os princípios propostos visam facilitar o aprendizado crítico, em que a interação social é fundamental para a concretização de uma ideia, um ensino baseado na resolução de exercícios feitos pelo professor sem a participação efetiva do aluno tende a gerar um aprendizado mecânico, da mesma forma. Dessa forma, o professor não deve contar apenas com o livro didático, é necessário utilizar materiais diversificados. A comunicação entre o aluno e o professor só será possível à medida que eles buscarem perceber as disciplinas pedagógicas do currículo de forma semelhante, e o aprendizado também ocorre com erros. Neste artigo não pretendemos fazer uma análise detalhada de todos os aspectos relacionados ao ensino de geometria, mas acreditamos que a formação de professores nesse processo é relevante, está presente em suas práticas pedagógicas.

gerar dentro e fora da sala de aula. Agindo assim, sem medo, ele faz do aprendizado parte da vida de seus alunos.

O professor que ajuda o aluno a pensar por si mesmo (ajudá-lo com autenticidade, confiando em sua habilidade) e, com carinho, levando-o ao caminho da participação e independência é realmente um bom facilitador da aprendizagem. Olhar para a disciplina com os olhos do aluno – (não com o olhar acima e o planejamento curricular e predeterminado, mas do ponto de vista do aluno) o incentiva a buscar os recursos para que ele possa trabalhar essa disciplina sem prejuízo do currículo escolar. O facilitador fornece recursos que aguçam a curiosidade dos alunos na busca e aprofundamento de seus conhecimentos. O ser humano já nasce com uma tendência de direção e o que tem que ser explorado ou restaurado nos alunos é essa tendência que é tirada dele, todos os dias um pouco, dentro do ensino tradicional (PINHEIRO, BATISTA, 2018).

O aluno não precisa se preocupar em ser avaliado pelo professor, pois faz parte do processo de aprendizagem a autoavaliação responsável. Lembramos que, na aprendizagem centrada na pessoa, o aluno se torna o gestor de seu próprio processo de busca de conhecimento. Também aprende a estabelecer critérios, determinar os objetivos a serem alcançados e verificar se eles foram alcançados. Dentro desse critério baseia-se na autoavaliação do aluno e na avaliação do professor (ROGERS, 1986).

Toda criança tem, por natureza, a necessidade de ensinar o que aprendeu. Nesse tipo de aprendizado e na busca por novos conhecimentos, o aluno também é responsável pelo desenvolvimento de outros colegas. Dessa forma, eles também aprendem a desenvolver uma relação interpessoal com colegas e familiares. Quanto ao erro cometido pelo aluno durante o processo de aprendizagem, ele será orientado pelo facilitador a encontrar o caminho certo, sem ser diminuído, julgado ou desprezado por todos. Uma vez que o aluno se sente seguro e confiante em uma relação respeitosa e sincera dentro da sala de aula, ele não tem medo de falar sobre suas experiências e experiências fora da sala de aula.

Faz parte da vida de um facilitador nutrir a curiosidade e as questões de seus alunos, permitindo que alunos brilhantes e criativos desenvolvam seus interesses e exponham suas ideias, mesmo quando parecem sem sentido. A nutrição dessas ideias pode levar a grandes experimentos. ROGERS (1986, p. 150) explica: "Em grande parte com todas as crianças, mas excepcionalmente com crianças brilhantes, não é necessário ensiná-las, mas elas precisam de recursos que possam alimentar seus interesses. Para oferecer essas oportunidades, é preciso muita imaginação, reflexão e trabalho."

Ao enfrentar o conhecimento construído profissionalmente com conhecimento autoral na formação profissional, Tarde; Lessard; Lahaye (1991, p. 231 apud MOREIRA; DAVID, 2003, p.72) referem-se a uma relação crítica:

O saber da experiência adquire também certa objetividade em sua relação crítica com o saber curricular, as disciplinas e a formação profissional. (...) Os não professores rejeitam totalmente outros saberes; ao contrário, eles os incorporam em sua prática, mas os retraduzem em categorias de seu próprio discurso. Nesse sentido, a prática como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e uma adaptação à profissão, eliminando o que parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade.

Os professores nos ensinam a necessidade de uma análise reflexiva da retradução crítica dos autores dos alertas profissionais a serem desenvolvidos para a prática, ou seja, o profissional é um preceptor e o que ele ensina é fruto de sua percepção, que se baseia na Psicologia Cognitiva. Apesar de todas as dificuldades dos professores em lidar com o fenômeno transferencial, os psicanalistas que se dedicam aos estudos relacionados ao campo da psicanálise e da educação são defensores de que, assim como no tratamento analítico, no download a educação é o que garante o sucesso do processo pedagógico. Não é possível ensinar se não houver download. O aluno deve, portanto, apoiar o professor com conhecimento. É a partir desse pressuposto ou de sua ausência que o professor se funda, ou não, como figura de autoridade.

Como baixar e se instalar no processo de ensino e aprendizagem? Maria Cristina Küpper (2018), que trata da psicanálise e do trabalho, defende a transferência na relação pedagógica “se, quando o desejo de saber o que produzir se prende a um determinado elemento, que é a pessoa do professor”. Instalado por download, a figura de sentido é esvaziada e apresentada pelo aluno de acordo com sua fantasia. Transferir é, para o autor, atribuir um significado especial, uma figura determinada pelo desejo. O professor, na transferência, é algo que pertence ao aluno e é carregado pelo aluno, investido de uma importância especial, que lhe garante poder e autoridade na sala de aula. O professor capturado pela transferência passa a fazer parte do inconsciente do aluno, e é a partir desse lugar onde ele está inserido que ele será ouvido, ou seja, tudo o que o professor disser será ouvido por meio dessa posição particular que não ocupará o sujeito. Isso, segundo Kupfer (2018), explica, em parte, o fato de alguns professores específicos marcarem a trajetória escolar dos alunos.

Não é raro encontrar pessoas que testemunham que, na escolha da profissão, foram influenciadas por seu professor favorito. Quantos não escolhem seguir a mesma profissão de seus mestres ou não foram influenciados por eles? Quantos adultos têm um carinho especial por um ou mais professores desde a infância? O desejo do aluno transfere para o professor um significado que não é possível conhecer, diz Kupfer

(2018). O desejo é sempre inconsciente; “O professor só poderá tê-lo por alguns flashes, se estiver especialmente atento ao seu surgimento”. O aluno está interessado em que o professor apoie o lugar que lhe é atribuído na transferência, porém, para o professor isso nem sempre é uma tarefa fácil, pois, nesse lugar, esvazia-se seu sentido de pessoa para dar lugar a outra que ele não sabe.

Para Küfer (2018), na educação, o melhor seria o professor renunciar, da mesma forma que o analista, ao mesmo lugar do Ideal de Si, dado pelo aluno, pois assim não mais corresponder às suas expectativas contratransferências, ajudando-o a se livrar de seu passado de infância. No entanto, segundo o autor, a tendência é que o professor faça uso do lugar e do poder que lhe são dados para importar ao educar suas ideias e valores, ou seja, impor seu próprio desejo.

Ao ceder a essa tentação, o poder de desejo do aluno cessa. Por ser o detentor do aluno absoluto, o professor se coloca como um ser completo, possuidor do que falta e pode completa-lo. A tarefa do professor se resume a contribuir para a formação de um ideal que tenha função reguladora. O aluno, por sua vez, “poderá aprender fielmente os conteúdos, esculpir informações, espelhar o saber do professor, mas provavelmente não sairá da relação como sujeito pensante”. Ele ficará aprisionado pelo desejo do professor, prejudicado em seu crescimento e autonomia intelectual. Tudo isso, é claro, pode acontecer sem que o professor tenha consciência disso, pois, assim como o aluno, o professor também é marcado por seu próprio desejo inconsciente.

O inconsciente introduz o desconhecido, o imprevisível em todas as atividades humanas, o que impossibilita a criação de uma metodologia pedagógico-psicanalítica, pois todo método sugere uma previsibilidade. Então, como o professor pode aprender a ensinar considerando que o sujeito pode? Kupfer (2018) responde que, para o professor, em favor da sujeição, ele também deve renunciar a outros ideais, como a formação com métodos didáticos ou didáticos, além de abandonar as técnicas de adição, recompensas e prêmios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias do norte-americano Carl Rogers (1902-1987) para a educação são uma extensão da teoria que desenvolveu como psicólogo. Nos dois campos sua contribuição foi muito original, opondo-se às concepções e práticas dominantes nos consultórios e nas escolas. A terapia rogeriana se define como não-diretiva e centrada no cliente (palavra que Rogers preferia a paciente), porque cabe a ele a responsabilidade pela condução e pelo sucesso do tratamento. Para Rogers, o terapeuta apenas facilita o processo. Em seu ideal de ensino, o papel do professor se assemelha ao do terapeuta e o

do aluno ao do cliente. Isso quer dizer que a tarefa do professor é facilitar o aprendizado, que o aluno conduz a seu modo.

Hoje existem várias teorias que desenvolvem a aprendizagem por meio da valorização da pessoa, e a teoria de Rogers inspirou muitas escolas a ousarem e colocarem essas teorias democráticas em prática. As escolas que apostaram nessas teorias enfrentam problemas, mas não se intimidam diante deles. Pelo contrário, todos juntos aprendem, um com o outro, a se fortalecer e solucionar as dificuldades encontradas pelo caminho. É primordial aceitar que o ser humano não é estático, mas um ser em constante mudança. E assim sempre será qualquer lugar onde houver um ser humano. Todavia, para ousar transformar uma sala de aula, ou uma escola, o educador precisa aceitar a si próprio e ao educando em um processo de transformação vital. Neste processo de respeito e amor ao próximo, pode-se pensar em uma escola melhor.

Com citado no começo deste trabalho a solidão na infância seria um processo de criação de gênios? como Roger e Freud. Que modificaram drasticamente o processo de ensino aprendizagem com as suas teorias ou apenas uma pequena coincidência. Enfim a introdução das teorias rogerianas as aulas fizeram com que o aluno "passivo" se tornasse "criativo".

Tornado as aulas mais interativas onde existia aquele paradigma professor centralizado, foi sendo deixado para trás e assim os alunos poderão desenvolver-se tendo que criação de uma aprendizagem significativa para Roger se dá através da unificação dos conceitos adquiridos pelo aluno podemos dizer que seria uma espesse de criação de experiência. Mas como qualquer outro as teorias de Roger nem sempre são aceitas como verídicas por alguns. Há de se ter cuidado para que estudos pioneiros e precursores de novos olhares como o de Rogers não caiam no esquecimento. Sem dúvidas as teorias de Carl Ransom Rogers é ponte para novos estudos e quebras de paradigmas na área da educação.

REFERÊNCIAS:

BATTÁGLIA, M.C.L. Mediação Escolar: Uma tecnologia de aprendizado em administração de conflito. 2010. Disponível em: Acesso em: junho de 2012.

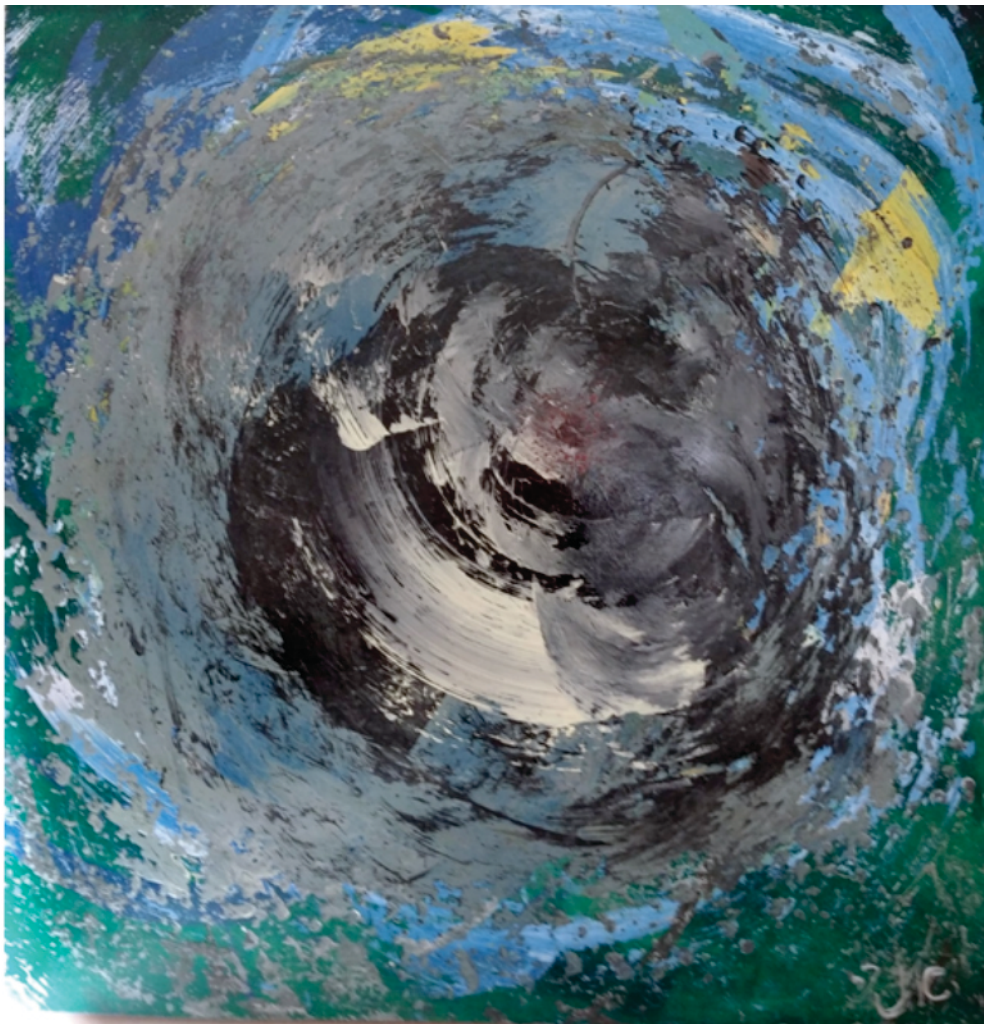
DAVIDOFF, L.L. Introdução à Psicologia. 3. ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2009.

SANTOS, J. M. S. A Transferência no Processo Pedagógico: Quando Fenômenos Subjetivos Interferem no Processo de Ensino-Aprendizagem, Dissertação defendida junto a Faculdade de Educação da UFMG, 2009.

- FADIMAN, J.; FRAGER, R. Teorias da Personalidade. São Paulo: Harbra, 1986.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.
- KUPFER, Maria Cristina Machado. O sujeito na psicanálise e na educação: bases para a educação terapêutica. *Educação & Realidade*, v. 35, n. 1, 2018.
- MOREIRA, Ana Paula Gomes; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Situação-limite e potência de ação: Atuação preventiva crítica em psicologia escolar. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 21, p. 204-215, 2016.
- PINHEIRO, Marlene Nogueira; BATISTA, Eraldo Carlos. O aluno no centro da aprendizagem: uma discussão a partir de Carl Rogers. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 7, n. 8, p. 70-85, 2018.
- ROGERS, C.R. Tornar-se Pessoa. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ROGERS, Carl, (1979) – Poder Pessoal, trad. B. Sá Nogueira, Moraes Editores, Lisboa.
- ROGERS, Carl, (1977) – Tornar-se Pessoa, 4.ª edição, trad. M. J. Carmo Ferreira, Morais Editores, Lisboa.
- ROGERS, Carl, (1972) - Liberté pour apprendre, trad. Daniel Le Boom, Dunod, Paris. ROGERS, Carl, (2004) – Terapia Centrada no Cliente, trad., Lisboa, Moraes Editores.
- SILVA; Morais; Barbosa as implicações da teoria de Carl Rogers para a educação em ciências. *Revista Amazônica de Ensino de Ciências* | ISSN: 1984-7505. 2016.
- SOUZA, Marcus Vinícius Linhares de; LOPES, Eduardo Simonini; SILVA, Lara Lúcia da. Aprendizagem significativa na relação professor-aluno. 2013.

ARTES VISUAIS.





Autoria: Ana Paula de Oliveira Gomes. Título – A DESCONSTRUÇÃO. Ano – 2023. Técnica – acrílico sobre material reciclável (MDF) com grafite. Dimensões – 46 cm X 48 cm. Fonte da imagem – fotografia diretamente captada.

CARTAS



CARTA À CONCEIÇÃO

Querida abayomi,

Existe, na sua escritura, a potência dos ancestrais, pressageira de Òsányin, que traz a cura das doenças. As águas doces e salgadas cultuam a fecundidade assente no seu dizer de Oxum, deusa do amor profícuo e das fontes criadoras. A gênese da vida encontra abrigo nas insubmissas lágrimas de sua negritude, assim como negra é sua palavra firme, que extrai da dor o estopim da resistência.

A fortaleza de seus ensinamentos rebumba nos becos da memória – a recordar os atabaques de Loanda. Mulher valente como quê, guerreira dos Malês, capoeira de faca no cós, versejo de recordação. Desde a primeira vez, absorvi-lhe da palavra o negror das rainhas-avós. Eis que se desenhou a trança, o turbante, a sinuosidade viva dos rios angolanos, o rigor de linguista, o silêncio rebelado de Yabá.

Ponciá desceu do arco-íris e me alimentou, feito Oxumarê dando de comer e beber às nuvens. Agora, componho desejos de constelação etrago oferendas, porque alcancei aprendizado. Agradeço por me fazer compreender o peso da pele que sustento. Por me presentear com Olhos d'água. Por me engajar no canto comunheiro das lutas sociais. Por descansar sua mão de Ossaim sobre meus ombros.

A milagreira presença de suas obras abalam os alicerces da Casa Grande e Senzala e encabulam Narcisos. Ressoa, na sua poesia, a alma que sangra nos mercados da carne. Por isso, seguiremos lutando, lado a lado, para que a coisa se torne cada vez mais preta.

Axé.

Sinval Farias



SINVAL FARIAS (Fortaleza-CE). Mestre em Estudos da Linguagem. Professor de Língua Portuguesa do IFCE. Escreve poemas, contos e crônicas, alguns premiados em concursos literários locais, nacionais e internacionais. *Instagram: @profsinvalfarias.*



NOSSOS COLUNISTAS



Badra

Marcia Batista Ramos

*“O pecado é que eu não era uma pedra
E os problemas do mundo me mantêm acordado
E eu me protejo com poesia
E me faz companhia quando estou longe de casa
E a poesia é a minha mochila que carrego sempre comigo”
Mbarka Mint al-Barra'*

Era um dia entre maio e julho e o Harmattan do Nordeste, um vento poeirento, soprava ar quente e seco. No entardecer ferido, Badra, com apenas quinze anos, deu à luz sua filhinha Lalla, que nasceu esguia e magra. A parteira, uma mulher alta, magra e experiente, franziu a testa e olhou para a mãe da Badra, uma mulher de trinta anos, que segurava em suas mãos roliças a mão também roliça de sua filha Badra, e, sem parar por um momento com suas tarefas a parteira lhe disse:

- Sua neta vai precisar de “gavagem”, muita “gavagem”. Não sei por que continuamos assim, no século XXI. Apenas aumentamos as diferenças por género, aumentamos a distância com estes costumes de antes de Maomé.

- A nossa sociedade é tão tradicional que é muito difícil mudarmos mentalidades. É muito difícil erradicar estas práticas porque se baseiam nos costumes, na herança cultural e num conceito de submissão das mulheres. Tanto é que você ficou sozinha, fazendo nascer os filhos alheios, sem ter a bênção de Allah para parir os seus próprios filhos.

- Os filhos não são um fruto necessário para todas as mulheres, não entendo a dificuldade em entender isso. Há muito que fazer no nosso país, não se trata apenas de povoá-lo com mais pessoas pobres. Desde a minha infância, tive a oportunidade de ver muita discriminação contra as mulheres no nosso país, a Mauritânia. A dominação dos homens em todos os sectores e as mulheres numa situação recessiva. Nunca gostei de ver tanta diferença.

- E seus pais? Eles apoiaram você?

-Minha mãe e o meu pai sempre foram muito abertos, talvez porque meu pai estudou em um país estrangeiro e minha mãe sofreu muito com as imposições culturais daqui, claro, o ritmo de ingestão e a pouca mobilidade a que as mulheres estão submetidas, para evitar a queima de calorias resulta em doenças gastro intestinais e cardiovasculares, hérnias, vômitos

Metamorfosis

Clara, se levantaba cada día viendo brillar el sol aunque lloviera. Su optimismo a toda prueba la hacia tropezar con algunas dificultades prácticas de la vida diaria. Tal vez por eso, cuando se encontró con el conde no lo reconoció. Tal vez lo haya confundido con el *muñeco maldito* de las películas de terror que veía de chica. El conde era algo oscuro pero Clara, tal vez, no lo quiso ver. Fue así que el conde se le fue aproximando cada vez más. El conde, de a poco le iba sorbiendo la sangre a Clara. Clarita, como le gustaba llamarla estaba cada vez más delgada. ¿Nadie veía nada? Día a día Clara se iba apagando como una vela, la luz era cada vez más débil. Cuando terminó de beber la sangre de Clara, el conde empezó a comerle la piel. Clara quedó en carne viva. ¿Nadie escuchaba nada? El conde era feroz, ávido de sangre, carne, piel. Llegó el turno de masticar y triturar los huesos. El conde decidió finalmente terminar con Clara. ¿Nadie sentía el olor? Después de algún tiempo, alguien hizo la denuncia en la comisaría del barrio. ¿Dónde estaba Clara? ¿alguien sabía algo? Dicen que poco después, fueron a buscar al conde a la casa. Este era un individuo de piel rosada, casi no tenía arrugas y la recepción fue cálida. Nadie pudo acusar al conde, se había vuelto una persona de lo más sociable. A mi, sin embargo, no pudo engañarme, clavándole un puñal en corazón, lo maté. De Clara, se sabe ahora, no queda nada más que esta historia.

(c) Araceli Otamendi

Escritora y periodista argentina

Ciudad Autónoma de Buenos Aires

<https://revistaarchivosdelsur.blogspot.com.ar/p/araceli-otamendi-escritora-y-periodista.html>

e dores de cabeça. Minha mãe chegou aos oitenta quilos aos doze anos; cumpriu esta tradição, o seu processo de engorda foi bem-sucedido e as consequências arruinaram a sua saúde para o resto dos seus dias. Se tudo fosse natural e agradável...,mas, você sabe que essa prática inclui torturas para as meninas que não comem, como ingerir o que vomitam e apertar as articulações das mãos ou dos pés para causar muita dor, massagens com rolos para romper os tecidos e acelerar o processo de ganho de peso nas pernas... São práticas que deixam marcas dolorosas. Tanto sofrimento e dor, meus pais não queriam repetir o sofrimento comigo. Eles me impediram de sofrer os danos físicos e psicológicos relacionados à alimentação forçada. Eles não se importavam com a pressão social. Graças a Alá!

A parteira ossuda foi muito ágil, num piscar de olhos deu banho e envolveu Lalla, colocou-a nos braços da sua mãe-menina e recebeu a placenta em uma bacia. Ela aseou a Badra e pediu ajuda à mãe, Latifa, para apertar a enorme faixa branca de algodão na barriga da parturiente. Após o esforço, ela começou a vestir a Badra enquanto Latifa foi buscar uma mistura de ervas que ela preparou quando as dores do parto da menina começaram. A mistura de ervas era um segredo, para restaurar a saúde da mãe no pós-parto.

Badra sorria para a filha, ela estava feliz, fazia muito tempo que ela não tinha uma boneca nos braços. Já fazia muito tempo que ele não sorria. Ela havia abandonado as bonecas e os estudos exatamente aos nove anos de idade, quando sua avó lhe recitou o velho provérbio: “uma mulher ocupa no coração de um homem o mesmo espaço que ocupa em sua cama”. Naquele dia, sua tortura começou com alimentação forçada; uma prática tradicional, discriminatória e prejudicial à saúde de qualquer mulher. Felizmente a avó não a mandou para uma fazenda de engorda.

Prática ancorada em costumes ancestrais, com o objetivo de engordar as mocinhas com uma finalidade estética, dado que o cânone de beleza para certos homens mauritanos, de origem árabe, é o das mulheres obesas, traço de fertilidade e sucesso económico que lhe permite casar com aqueles que possuem um certo património e recursos económicos.

Precisamente, aqueles que lutam para sobreviver em desertos áridos apreciam a gordura como um sinal de bem-estar. Infelizmente, grande parte das mulheres, em todo o planeta, está sujeita a ideias culturais sobre o que é desejado e atraente, e esses conceitos têm implicações importantes no desenvolvimento da imagem corporal e podem favorecer práticas que

alcancem ou mantenham essa imagem específica, sem priorizar a saúde e o bem-estar das mulheres e meninas. Em todas as latitudes do planeta azul, as mulheres têm de se adaptar ao que se espera delas. Na verdade, em todo o mundo, a percepção que as mulheres têm do seu próprio corpo é ditada pela sociedade em que vivem.

Ser forçado pelas famílias a comer excessivamente é estar submetida à violência física e psicológica. A prática do leblouh ou gavage começa cedo, quando as meninas são submetidas a uma dieta excessivamente hipercalórica, de até dezesseis mil calorias por dia.

À medida que os tempos mudaram e as mentalidades permaneceram fossilizadas, muitas famílias utilizam atualmente cortisona ou produtos de engorda de gado para reforçar a gavage, o que acarreta riscos acrescidos para a saúde.

Latifa olhou com ternura e pena para a filha com uma criança tão pequena nos braços, sua emoção foi tanta que não conseguiu conter as lágrimas. Badra olhou para ela e quebrou o silêncio:

-Não entrarei nessa espiral em que nos perdemos nas imposições; que as cumprimos sem questionar. Isso destrói nossa confiança. Não quero satisfazer todas as exigências sacrificando minha filha. Quero estudar e quero que sua vida seja diferente da minha. Não permitirei que minha filha percorra um caminho cheio de pedras, obstáculos e pressões. Eu nunca farei isso. Ela não sofrerá os vestígios do infortúnio que experimentei; essa coisa de engordar é uma forma de abuso. Não foi sua culpa, mãe! Mas você vai me ajudar a mudar o futuro da minha filha e deixar para trás a duna da ignorância que nos esmaga.

Suas palavras foram precisas e inteligentes. Certamente a dor do parto, que ela suportou estoicamente, permitiu-lhe tirar as palavras presas na garganta. Sua voz firme abriu um caminho diferente para Lalla. Sem saber que começava a emitir os primeiros lampejos de luz num lugar mergulhado em profunda escuridão.

A parteira, para ouvi-la parada no umbral da porta, com a bacia com a placenta nas mãos.

Latifa, banhada em lágrimas, pensou que as palavras de Badra tinham tirado sua cegueira. Ele tinha certeza de que nunca mais voltaria às trevas e que estenderia a mão para tirar da escuridão todas as mulheres e meninas que cruzassem em seu caminho.

...

Enquanto em algum lugar do planeta uma menina procurava a sabedoria do mundo através das palavras.

CONTOS



Jojô, a menina serelepe **Eduardo Martínez**

A menina corria serelepe pela casa dos avós. Ela acabara de saber que iria passar o próximo domingo na companhia dos tios no clube. "Se quieta, Maria Alice!", a avó tentava conter o roubo de alegria da neta, que parecia não prestar atenção naquelas palavras, talvez, sem sentido, ainda mais para ela, que era filha única e necessitava, mais que a maioria, da companhia de outras crianças.

Já no sábado, ela foi dormir na casa da tia. Ela já queria acordar no dia seguinte e ir logo pro clube. Ansiosa como ela só, não pregava os olhos. Rolava tanto na cama, que a tia, preocupada, colocou um colchão no chão para proteger a criança, caso caísse. O tio, no outro quarto, também estava eufórico com o dia seguinte. Ele não era menino há décadas, mas agia como tal sempre que a mulher avisava que iriam ao clube. Adorava piscina! Coisa de menino.

A Maria Alice e o tio foram os primeiros a levantarem no dia seguinte e já foram preparar as coisas. A tia levantou mais tarde, abriu a cortina do quarto e olhou o céu cinza. Levantou-se ainda com preguiça, calçou os chinelos e foi ao banheiro. Depois foi ver o que a sobrinha e o marido estavam aprontando. Encontrou-os tomando café. A menina, com um grande naco de pão na boca, sorria com todos aqueles dentes de criança. O marido bebia aquele café preto com algumas gotas de adoçante.

_ Não vai dar pra irmos ao clube.

_ Por quê, tia? - a menina abriu tanto a boca, que quase deixou aquele resto de pão cair.

_ O tempo está ruim.

A Maria Alice voltou o rosto para o tio, esperançosa de um alento. Ela acreditava nas palavras dele, que sempre vinha com pontas de esperança.

_ No clube é diferente! Sempre tem sol! - o tio disse olhando para a sobrinha.

O rosto da menina voltou a sorrir. A tia, que conhecia bem o marido, tentou sorrir, mas aquele humor azedo, amigo de praticamente todas as manhãs, não a impediu de torcer a boca e disse:

_ Que história maluca é essa de que no clube não chove?

_ Você não sabia? Ih, Maria Alice, ela não sabia disso!

_ Tia, todo mundo sabe disso!

Terminaram de comer, a tia se levantou e foi para a sala, onde se sentou no sofá, pegou o controle ao lado e ligou a enorme televisão. Parecia determinada a passar um bom tempo ali. No entanto, logo a menina a puxou pelo braço.

_ Vamos, tia!

_ Se aquieta, Maria Alice! - a tia repetiu as mesmas palavras da sua mãe.

A menina, quase chorando, buscou os olhos do tio, na esperança de que ele a salvasse daquele momento desesperador, tão angustiante, mas que muitos adultos já se esqueceram. Ele se sentou perto da esposa, a abraçou, lhe deu um beijo carinhoso na face esquerda. Nada disse, simplesmente colocou a mão sobre a dela, que desligou a televisão e foi se arrumar.

Poucos minutos depois, talvez uns 10 ou 15, que pareceram horas para a menina, lá estavam todos dentro do carro. O portão automático da garagem se abriu e o veículo tomou a rua, quase deserta. Mal chegaram no final da rua, começou a chover. Uma chuva forte!

_ Tá chovendo! Vamos voltar!

_ Tia, no clube sempre faz sol!

A chuva parecia não querer dar trégua, cada vez mais forte. Mas lá ia o tio dirigindo o veículo, a mulher com cara de poucos amigos ao lado, a Maria Alice, atrás, ia confiante nas palavras do tio. Faltava não mais que um quilômetro para chegarem ao destino quando, de repente, lá estava um céu iluminado pelo astro-rei. O tio simplesmente se virou para a esposa, que sorriu. Ele observou, pelo retrovisor, o rosto da sobrinha, que estava radiante.

Assim que entraram no clube, colocaram as bolsas numa mesa embaixo de uma barraca e foram direto fazer exame para poderem entrar na piscina. Cada um ganhou uma pulseira. A menina e o tio correram para a piscina, enquanto a tia caminhou a passos lentos para a barraca, onde pediu uma caipirinha e se espreguiçou.

A Maria Alice e o tio, agora mais menino que nunca, brincaram na piscina. Era uma alegria radiante, que se espelhava no rosto daqueles dois. Crianças! Coisas de crianças! Elas vivem um mundo mais divertido, que a grande maioria dos adultos nem sequer se lembram que existe.

Após algumas horas, a tia foi até a piscina, onde se juntou àquelas duas crianças, que ainda estavam com o maior pique. Ela passou alguns minutos se refrescando naquela água, talvez um pouco mais fria que o esperado.

_ Maria Alice, você precisa comer alguma coisa.

_ Ah, tia, não estou com fome!

_ Você tem que comer alguma coisa! Vou pedir alguma coisa pra gente agora.

A tia se dirigiu à lanchonete. A menina e o tio ficaram ali na piscina. O pedido chegou, a tia foi até a grade que cercava a piscina e acenou para os dois, que acataram a ordem. Emburrados, saíram da piscina, mas logo o sorriso voltou aos olhos daquelas duas crianças: Batata frita!

Comeram tanto, mas logo quiseram voltar pra piscina. A tia disse que não, que deveriam aguardar um pouco. Aguardaram e aguardaram. Aqueles minutos lentos como lesmas, fizeram a menina olhar para a outra piscina, logo ali ao lado. Um mundaréu de pirralhos correndo de um lado para outro, escorregando pelo tubo de plástico até as águas rasas.

_ Tia, posso ir?

_ Vai lá. Mas cuidado!

A menina correu mais do que nunca. No entanto, chegou timidamente na piscina, entrou como se pedisse permissão. Mas isso não durou mais do que meros segundos. Logo uma outra menina a chamou para entrarem naquele tubo de plástico e escorregarem. Eufóricas, subiram as escadas, desceram escorregando, subiram as escadas novamente, desceram, subiram, desceram... Não sei quantas vezes ficaram ali. Criança não se aquieta mesmo!

Enquanto isso, o tio já havia ido e voltado da piscina duas ou três vezes. Agora, sentado debaixo da barraca, ouvia a esposa contando as notícias. De vez em quando eles comentavam sobre os ocorridos, até que apareceu a Maria Alice, com uma das mãos na testa e cara de choro. Nenhuma lágrima! Até para chorar, a menina era tímida. A tia, muito preocupada, lhe perguntou o que havia acontecido, no que ela respondeu que, durante uma das subidas das escadas, deu um encontrão com um menino. Testa com testa! Isso dói! Como dói!!!

A Maria Alice disse que o menino saiu chorando da piscina e foi direto para a mãe. O tio se levantou e foi pegar um pouco de gelo na lanchonete para colocar no galo que já despontava na cabeça da menina. Ao retornar, enrolou o gelo numa blusa e pediu para a Maria Alice ficar segurando bem em cima do galo.

_ Sabia que eu vi a mãe do menino chorão procurando por você? Ela perguntava pra todo mundo: você é a Maria Alice?

_ Vamos embora, tio! Ela vai me bater!

_ Vai nada! Basta mudar o seu nome. Você quer se chamar como?

A menina pensou brevemente e disse que gostava de Joelita, que era o nome da sua professora. Então, o tio começou a chamar a Maria Alice de Joelita. Dessa forma, a Maria Alice, agora Joelita, ficou mais tranquila e, mesmo com aquele galo enorme querendo cantar, ela achou graça de tudo e começou a rir, até que chegou a hora de irem embora.

Os tios da Joelita a deixaram na casa da avó, onde os pais a pegariam mais tarde. Ela ficou com aquela pulseirinha durante muito tempo, apesar dos protestos dos pais. A Joelita, depois de um tempo, deixou de ser chamada por esse nome. É que o seu tio começou a chamá-la de Jojô. Aquele galo já sumiu faz tempo. Mas o apelido continua. Na família, todos sabem quem é a Jojô.

Eduardo Martínez começou a se enveredar pela literatura através do romance “Despido de ilusões. Atualmente, é cronista/contista do Notibras (<https://www.notibras.com/site/>) e do Blog do menino Dudu (<https://blogdomeninodudu.blogspot.com/>).



Aconteceu...

Evandro Valentim de Melo

— 'Desencuca!' – Disse-lhe imperativamente.

Ele vacilava...

Ela acrescentou, com olhar provocativo:

— Esqueça o que estiver depois daquela porta. Viva o aqui e o agora!

Em derradeiro esforço – sem muita pujança, registre-se – ele ainda pensou em argumentar não ser tão simples... Não houve tempo; quase como uma agressão, os lábios lhe foram golpeados; outra boca cobriu adele, 'amordaçou-o'; qual serpente constritora, outra língua enroscou-se na sua a exigir reciprocidade.

As hesitações e a diligente consciência foram soterradas pela avalanche do desejo ou banidas. Tudo aconteceu.

Os encontros seguintes passaram a ser ansiados por ambos. Momentos de puro encantamento temperados com a picância do proibido. Ninguém jamais poderia saber!

— Fique aí, quietinho! – Ela tinha um jeito mandão. Ele acatava. Coração a mil, a retumbar no peito. Ansiedade.

— Feche os olhos! – Outra ordem. Ele os cerrou. Respiração acelerada.

A porta rangeu, como aquelas de filmes de terror.

— Pode olhar.

Nunca, jamais, em tempo algum deparara-se com uma mulher tão espetacular e especialmente produzida. Traje totalmente preto, brilhante e sedutor; capaz de ressuscitar até os mortos: microssaia, meias finas até a altura das coxas e um laço nos cabelos a contrastar com a pele alvíssima e os cabelos cor de caramelo. Nada mais.

A criatividade dela sempre o surpreendia e o transportava para outra dimensão. Explicava tamanha entrega com simplicidade, na pergunta retórica:

— Ué, não é melhor assim?

Por mais envolvido que se encontrasse na explosiva e proibida relação, de vez em quando, ao encarar a esposa, ele sentia um quê de arrependimento, que durava até surgir oportunidade para novo encontro com aquela mulher que o atraía como ímã ao ferro.

Ambos viviam a se provocar pelo celular. Ela a lhe enviar fotos e vídeos picantes; ele escrever pequenos textos, às vezes, até poéticos, a pedir mais ou a antecipar, em rimas, o que fariam no próximo encontro. Essas mensagens, por segurança, eles as apagavam imediatamente depois de lidas.

Um certo vilão penetrou na trama. De início, no cantinho, de forma discreta. Aos poucos, fortaleceu-se, desrespeitou fronteiras e mostrou a que veio.

Em especial, nos feriados prolongados como o natal ou a virada de ano, momentos em que as famílias se reúnem para celebrar a vida, certo azedume passou a constar nas mensagens que ela enviava a ele.

— Vocês aí comemorando e eu aqui sozinha, sem ninguém com quem brindar...

Ele, em resposta, escrevia:

— Jamais me dei o direito de lhe pedir que viva só, afinal, eu tenho alguém. Você já me conheceu casado, não foi? Se você se envolver com alguém, sentirei falta, mas compreenderei...

Ela emudecia.

A corrosão ampliava suas fronteiras. A solidão nunca permite a ninguém ser só. Deita-se ou senta-se ao lado e aconselha...

Os encontros se espaçaram; o encantamento arrefeceu. Em um, no mesmo 'esconderijo' que sempre iam, sequer se despiram. Deitaram-se. Ela com a cabeça no ombro dele.

— Viver tanto tempo como “a outra” 'tá' me fazendo mal. Não consigo me interessar por outro homem com você por perto. Essa situação tem meincomodado. Que perspectivas de futuro eu tenho, ou nós temos...?

Ele a abraçou mais forte, fez-lhe um cafuné, mas permaneceu vestido e calado. Ouviu dela:

— Acho melhor a gente dar um tempo.

Naquele encontro, os corpos não se molharam de suor, como sempre ocorria. O sal veio nas lágrimas dela.

Implacável, incontrolável, imune a tudo e a todos, o tempo transcorreu.

Apesar de trabalharem no mesmo edifício, raramente se

encontram. Quando ocorre, um mero bom dia insosso... Talvez se perguntem o que um e outro devem estar pensando...

Às noites, ela continua a trajar camisolas curtíssimas. As mesmas que usava quando enviava a ele vídeos provocantes a desafiá-lo a acertar a cor do que vestia por baixo. Nunca havia nada... A diferença é que, agora, ela fecha os olhos e faz preces. Pede algumas coisas, agradece outras...

Ele, encostado à esposa –há muitos anos dormem de 'conchinha'–, gosta de rememorar a aventura experimentada. Ama a mulher que está a seu lado e não a trocaria por nenhuma outra, contudo, lembra-se de ter dito à “outra” que ela era a detentora do troféu de a mulher mais terrivelmente ferosa, capaz de levar um homem ao pleno êxtase.

As recordações, por vezes o excitam. A esposa, quase a dormir, percebe e desperta. Vira-se para ele; beija-o calorosamente e puxa-o para si...

Nas Asas do Avião: Correndo com os Pássaros de Metal

Jefferson Machado

O ano era 1963, era verão, na cidade amazônica de Portel, no Marajó. Eu tinha meus 11 anos e morava com meus pais e irmãos. Do outro lado da cidade, havia um pequeno aeroporto que recebia pequenos aviões vindos da capital, Belém. Os meninos da cidade corriam para ver os aviões chegarem. Eu e Manoel Preto corríamos para ver aqueles grandes pássaros aterrissarem.

Eu admirava e ficava imaginando como era voar naquele monte de metal. Me questionava como era possível aquele monte de lata voar. O barulho que fazia era inconfundível. Quando passava, deixava tudo que fazia e corria para vê-lo sobrevoar a cidade. Ele vinha descendo até tocar o chão e toda a molecada corria para falar com o piloto e receber as pessoas que chegavam na cidade, que não eram muitas.

Era costume a gente ir pela manhã para a beira do aeroporto e ficar esperando os aviões chegarem. Ficávamos na beira da grade esperando eles descerem. Alguns meninos corriam atrás dos aviões e agarravam na cauda traseira, só para sentir a adrenalina.

Certo dia, estava eu e Manoel Preto e pulamos a grade de proteção e corremos atrás do avião.

Eu disse para Manoel Preto:

— Corre, corre!

Manoel Preto correu com toda sua força e nos agarramos na cauda do monomotor.

— Sabazinho, segura com força, não larga. E o pequeno avião ia nos levando e correndo com mais velocidade. O vento dos motores batia em nossos rostos, enquanto a aeronave corria na pista de terra batida. Muitas

vezes, a molecada dos bairros ao redor do aeroporto nos acompanhava na nossa aventura, e quando víamos, a pequena asa estava tomada daquele bando de moleques morcegando o avião.

Hoje eu tenho meus 65 anos e há 40 anos que não vou à minha saudosa Portel. Essa pequena cidade, no Marajó, da minha infância. Ao visitar a pérola do Marajó e rever parentes e amigos de longa data, passei por um terreno largo e comprido que separava dois bairros. Era ali que ficava o aeroporto, de onde desciam os aviões que faziam a alegria de toda a garotada.

Parei e fiquei relembrando tudo aquilo que vivi há mais de 40 anos. Toda a aventura que aquilo representava para os meninos e que instigava nossa imaginação.

Jefferson Machado é professor de História, jornalista e especialista em Amazônia. É um entusiasta da leitura, especialmente de contos amazônicos. Nos finais de semana, pode ser encontrado praticando sua outra paixão: a corrida.



Close the door

Eu tinha 15 anos quando tudo começou, quando a vi pela primeira vez. Salto alto, calça jeans, camisa social branca, bolsa da marca do jacaré e uma gramática em mãos. Loira, cabelos ao vento, olhos verdes. Por um instante pensei que ela foi a musa inspiradora de Machado de Assis, quando criou a personagem Capitu. Apesar de alguns fios brancos se destacarem, ela não era tão velha assim. Quando começou a falar enrolando a língua ninguém entendeu nada, até que ela declamou em nosso idioma. Era uma professora de inglês, que acabou de voltar de New York city, onde viveu os últimos dez anos. Eu ficava hipnotizado em todas as suas aulas, fazia questão de sentar na frente, primeira cadeira. Ela pensava que eu gostava daquela história de verbo to be, mas eu só prestava atenção nela, sabia que o meu amor platônico era impossível, que jamais uma professora iria dar bola para um fedelho que só tinha visto mulheres nuas nas revistas.

Quando chegou ao fim do semestre, ela apresentou as notas das avaliações e com uma surpresa estampada na face ela me entregou a prova e disse que me aguardava na sala dos professores após a aula. Ela queria entender como o aluno mais atencioso da classe teria ficado com a pior nota da turma. Tão experiente, deveria saber que eu não prestava atenção na aula, já que não fazia nenhuma pergunta. Ela achava que eu entendia tudo, quando na verdade só olhava para ela, mas nesse momento quem ficou sem entender foi eu, ela pegava em minha mão, fazia carinho no meu rosto, dizia que iria me ajudar, me olhava com aqueles olhos de cigana oblíqua e dissimulada, igual a Capitu, como descreve o seu marido Bentinho. Ao pé do ouvido ela disse, em inglês, para fechar a porta.

Foi a primeira vez que eu de fato entendi inglês. Sutilmente, ela revelou me olhando nos olhos, “eu sei que você me olha, eu percebo você me despindo com um único olhar, como você faz quando se tranca no banheiro da sua casa com aquela revista toda suja”. Nesse instante o medo tomou conta de mim, ela começou a me despir, abriu o zíper da minha calça jeans comprada em liquidação. Eu não sabia o que dizer ou

o que fazer, na verdade eu só deixei que ela fizesse. Suas mãos são tão macias que eu não imaginaria, que uma professora tão calejada com aquelas regras gramaticais fosse tão delicada ao me tocar, como quando se dá banho em bebê, com todo cuidado para não machucar.

Nossos encontros se tornaram diários, por três longos anos. Todo dia depois do horário nos encontramos em sua sala, para aulas de reforço. Enquanto eu gaguejava aquelas frases em inglês, ela movimentava a cabeça para frente e para trás, fazendo um sinal com a mão para que eu continuasse a leitura. Na noite da formatura ela me chamou em sua sala, disse que estava orgulhosa da minha trajetória e que agora que eu tinha aprendido toda aquela conjugação verbal e até já conseguia conversar com um nativo, era merecido um presente de despedida. E assim fizemos, bem ali onde tudo começou, verbo para um lado, artigo para outro, preposições e conjunções para cima e para baixo. Nós rasgamos toda a gramática inglesa, nos divertimos como se estivéssemos na Charlotte Street. Enquanto todos jogavam os chapéus para o alto, nos enrolávamos na beca, naquele minúsculo sofá, no qual todos os professores usavam para descansar entre uma aula e outra, sem nem saberem que ali tinha vestígios, que aquelas manchas ressequidas não era mofo. O som parou, as luzes foram apagadas e comecei a me vestir, meus pais me esperavam no carro, achando que estava no banheiro aliviando aquela dor de barriga que sempre sentia quando tinha crise de ansiedade. O que diriam se soubessem o que eu estava aliviando e em quem eu estava enfiando toda aquela juventude? Quando estava saindo e aceitando que era a última vez, naquele breve silêncio que tomou conta da escuridão, sua doce voz ecoou do fundo da sala dizendo “close the door”.

JoãoBathista.

Margaridinhas

Rosangela Mariano

São Leopoldo RS

Ele largou a enxada no momento em que o toque suave da garota chamou a sua atenção. Olhou-a do alto dos seus 1,90 e esperou pacientemente pela pergunta. “Criança é um ser difícil de lidar” – costumava dizer aos amigos mais íntimos. Ensaiou um gesto de impaciência, porém algo o deteve. Ana o observava de uma forma diferente e trazia nos braços miúdos algumas margaridinhas do campo. Esperou... e nada! Ela apenas o olhava!

O que queria a filha, afinal? O olhar atento dela começou a incomodá-lo. “O que estaria aprontando esta criaturinha insolente?” – uma voz interior deixou-o de sobreaviso. Quando o silêncio lhe pareceu insuportável, ela sorriu de forma angelical. Isso o irritou mais do que mil gritos ou um dos seus inúmeros porquês.

Como se guardasse um segredo, a criança lhe alcançou uma braçada de margaridas... As pétalas ainda estavam úmidas devido à chuva que caíra ao amanhecer. O gesto não o surpreendeu. A filha adorava presentear-lo com objetos inúteis! Aceitou as flores com displicência, jogando-as ao solo rapidamente e retornou ao trabalho interrompido. Ela, no entanto, cutucou-o com sofreguidão. Voltou-se, muito zangado:

- Filha, afinal, o que quer?

- Por que o adulto não sabe dar valor às coisas simples? Essas margaridas...

- Sim, margaridas... que tem? Eu já peguei o seu presente! Obrigado, filha!

Ela o olhou, mais uma vez, daquela forma estranha, quase desafiadora, depois disse:

- Como irão entender as crianças, pai? Os adultos sequer compreendem a beleza das flores...

Afastou-se com os olhos negros brilhantes de indignação e pena.

Para trás, deixou um homem pensativo, imerso em reflexões. No chão, as margaridinhas jaziam... Solenes.

Instagram: marihanaescritora

Meus Netinhos Na Minha Casa

Tenho cinco crianças fantásticas que visitam constantemente a minha casa. Elas são os meus sobrinhos-netos, ou melhor, os meus netinhos de coração, os quais tanto amo.

Seus nomes são :Nathália, Cecília, Luan, Lorena e Luísa.

Elas são as majestades do Reinado Infantil da minha família.

A casa com a presença deles tem graça. E a algazarra é uma festa.

Não faltam gritos e risadas, correm pra lá e pra cá, sobem nas cadeiras, bancos e o que encontram pela frente.

As perguntas? são pra quê, o quê é isso? Como é o nome disso? e muitas outras.

Pedem para comer e já sabem os alimentos que gostam e desgostam. As com mais idade reclamam dos mais novos, porque desmancham suas brincadeiras e também do choro deles.

É uma animação por todo tempo.

Cantam, dançam, contam histórias, e pedem por muitas vezes, para que eu conte fábulas, lendas que já conhecem e as que desconhecem.

Brincam de massinha, de desenhar, de pintar papéis, de bonecas, de bola, até com caixas de sapato, com as panelas e de fazer comidinhas.

Elas são as estrelas que não cessam de brilhar em nossas vidas.

E refletem boas energias, vibrações positivas.

São os anjinhos de luz, do bem!

E como é gratificante proporcioná-los um ambiente de amor, de doçura, de compartilhar com eles o descobrir das coisas.

Quando vão embora, recebo abraços sinceros, olhares cintilantes, seus jeitinhos ternos e o aceno de mãos mais inocentes.

A casa fica vazia e os momentos vividos jamais esquecidos.

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA é natural de Maceió-Alagoas.

Filha de José Inocêncio Leão Costa (em memória) e de Maria Cleuda Malta Costa . Possui 04 irmãos :Nazaré, Glaucia, Cleide e Junior .

Casada com Júlio César Catunda,sem filhos. Servidora Pública da Secretaria de Saúde do DF no cargo de Médica Neonatologista. Atualmente aposentada .

Publicou seu primeiro livro de poesias O OLHAR DA VIDA, há um ano e meio.

Tem participações em diversas antologias impressas e em e-books, também em Revistas Digitais e físicas e foi selecionada em 05 concursos literários.

Fumaça, silêncio e luar (conto)

1. *Tardes quentes.*

— A gente vai morrer com esse calor, Isabela! — disse-me Arthur, hesitante e ofegante, na primeira vez que subiu até o sótão de minha casa para fumar e beber comigo. — É só garantir que o vinho esteja bem gelado para gente se refrescar... Relaxe, menino! — retruquei e ri diante do escândalo à toa que ele fez. Tão logo ele cedeu à hesitação e passou a vir ao sótão, com frequência, após atinar o quão agradável e singular era estar ali, a despeito da poeira e do mormaço das tardes quentes do Ceará. Não era só o mero sótão de uma casa, não era apenas um depósito desorganizado de bugigangas, era também um refúgio, um lugar que Arthur também passou a adorar tanto quanto eu, desde que o apresentei para ele, naquela tarde escaldante de fevereiro de 2017. O assoalho de madeira do sótão ficava deliciosamente quente à tarde, com a luz solar a atravessar as vidraças empoeiradas e opacas, tornando evidente o aglomerado de partículas suspensas no ar. Sentada no chão e em direção aos feixes luminosos enquadrados pela janela aberta, com os olhos cerrados e as mãos enlaçadas sobre os joelhos cruzados, sentia a brasa na pele, o arrepio pelo corpo inteiro, a boca na ardência da sede amena, o coração batendo paulatinamente e a alma imersa em um estado harmonioso de plenitude nectárea e de intensa vivacidade. Abria os olhos e contemplava as coisas sob aquela luminosidade vertiginosa, enquanto escutava o vento a soprar pelo telhado... As paredes abarrotadas de traças; as caixas de papelão repletas de tralhas e antiguidades; o ranger insistente da madeira a cada passo ou mínimo movimento; o batente polvoroso da veneziana; a antiga cadeira de balanço na qual, há alguns anos, minha avó se balançava, calma e diligentemente, enquanto tecia mantas e roupas; a coleira esverdeada de Nick pendurada no gancho da parede; os lápis de cor e as folhas de papel rabiscadas dentro de caixas de sapatos; a vida incandescente que esmorecia no fim da tarde; a calidez da madeira ressecada exposta à luz do sol; a claridade prateada da lua cheia a refletir nas vidraças; a exuberância estonteante dos alvoreceres e dos ocasos vistos pela janela minúscula; a neblina do amanhecer a embaçar a janela; a água da chuva a escorrer pelas vidraças e pelas canaletas do telhado; a beleza da inexatidão de dias cinzentos. Essa exuberância das minúcias faziam com que aquele lugar me suscitasse a mais profunda nostalgia, como se, ali, houvessem resquícios de tudo que, até então, já havia perdido: a inocência, a ingenuidade, Nick, minha avó, meu pai, os sonhos dourados e vívidos de minha adolescência, a criatividade pungente para ressignificar a vida. Ali, tudo que se foi ainda permanecia vivo, de alguma maneira misteriosa e emblemática, para mim. Tinha um grande apreço por aquele cantinho, grande parte do que fui e ainda era estava ali, de forma clandestina, sutil, discreta. Arthur sabia da importância desse lugar para mim, apesar de eu nunca lhe ter dito explicitamente. Na verdade, bastante coisa ele atinava acerca de mim apenas pelos pormenores, sem que jamais lhe tivesse contado... Tão imensa e encantadora era a sua predisposição para a compreensão e o cuidado em

relação a mim, como se fosse o meu irmão mais velho. Toda essa afinidade inexplicável explicava a razão de sermos melhores amigos. E foi ali, naquele cômodo improvável e subestimado, naquele *nosso lugar*, que também vivemos uma parte significativa de nossa história.

Desde que nos conhecemos e nos tornamos amigos, andávamos juntos com frequência, vivíamos quase grudados um ao outro, fumávamos e bebíamos várias vezes, conversávamos sobre livros, filmes, séries, sentimentos, ânsias e frivolidades com uma conexão admirável, como se já nos conhecêssemos de vidas passadas. A comunicação era tão fluida, natural, leve. Não precisávamos forçar uma espontaneidade entre nós. Entre nós, nada pesava nem cansava. Pela primeira vez, era alentador e gratificante poder chamar verdadeiramente alguém de melhor amigo. A mansidão incólume aliada à acentuada e magnética delicadeza de se expressar definiam a essência de Arthur, com seu cabelo castanho encaracolado, um verso de poema de Hilda Hilst tatuado no antebraço, um piercing no nariz, uma incógnita atraente nos olhos melífluos, os trejeitos de poético sonhador e suas roupas pretas. À primeira vista, ele parecia desengonçado e ingênuo, alguém que, assim como eu, estava tentando, embora de modo caótico e indisciplinado, alinhar-se às responsabilidades impiedosas e rigorosas da vida adulta, mas, tão logo nos conhecemos e começamos a dialogar a esmo, percebi imediatamente o seu pendor e a sua maturidade admiráveis para discorrer, de modo profundo, acerca de qualquer coisa. Seu senso de humor confirmava o poder aconchegante de sua aura. Estar perto dele era a concepção mais próxima e simbólica de lar, pois ele me trazia a sensação de proteção e reforçava, em mim, o conforto dos recomeços, a cautela artesanal de amar os detalhes e suas entrelinhas. Pela primeira vez, sentia-me confortável de ser plenamente quem eu era ao lado de alguém, sem me sentir envergonhada por expressar minha personalidade.

Estudávamos na mesma universidade, porém fazíamos faculdades distintas, mas, quando os horários livres de ambos se convergiam durante a semana, marcávamos algum horário à tarde para nos encontrarmos no campus e, então, fumávamos, bebíamos vinho em copinhos de plástico e conversávamos sobre asneiras e profundidades por horas a fio. Mas, naquela tarde de fevereiro, após uma manhã exaustiva de aulas, eu queria fazer algo diferente, queria que a gente fumasse e bebesse no sótão de minha casa. "O quê?" — disse ele, estupefato, diante daquela ideia aleatória. Não lhe falei o motivo daquele desejo, apenas lhe disse que seria uma experiência agradável, o que ele acatou sem mais delongas. Na realidade, eu não estava bem emocionalmente e só ansiava por estar no único lugar do mundo que poderia me trazer certo conforto. Mal sabia que aquela seria a primeira de diversas outras tardes inesquecíveis que passaríamos juntos naquele microcosmos.

Em uma mistura dicotômica de risadas afloradas e ensurdecedoras prosseguidas de silêncio imersivo e introspectivo, emanávamos as nossas

mais profundas verdades e maneiras de ser, sem filtros, omissões, receios e reticências. Sublime, leveza, completude. Luz, sonoridade, fragrâncias. Amor, simbiose, vida. Três palavras, um trio de inteireza (corpo, mente, espírito), Três Marias. Mar, sol, arco-íris. Epifania, prosa, poesia. Era assim que Arthur buscava conceber ideias próximas do que sentia em instantes de elevada meditação ou de afloramento intenso dos sentidos, sem limitar, mas sempre ampliando os instantes diante de sensações incógnitas: abrangendo as apreensões físicas e atando elementos externos aparentemente desconexos. Vivendo, sentindo, sincronizando o interior e o externo harmonicamente: nesses átmos de transcendência, o equilíbrio entre caos e paz prevalecia. As forças antagônicas internas se apaziguavam, o corpo todo pedia silêncio, os olhos vagueavam das mais frívolas banalidades até as mais profundas minúcias.

Uma rachadura no teto, uma fissura perdurável na alma. Uma lamparina resplandecendo em meio à escuridão. O tênue burburinho do esvoaçar das folhas de um livro aberto diante da janela e sob a luz dourada da manhã. As secretas razões pelas quais o coração prossegue batendo perante tanta tormenta, melancolia e dor à espera de resoluções. Um instrumental melancólico e emotivo de música. Uma frase carregada de significações imensas e latejantes. O entoar melódico das gaivotas sobrevoando as ondas do mar no alvorecer do verão. A incandescência chamejante de um eclipse solar, reminiscências vivazes e detalhadas de tardes ensolaradas na praia, um etéreo pincelado com tons de lilás e de azul-rosáceo, uma fragrância de margarida dispersa na imensidão do ar: essas eram algumas das ponderações mentais e imagéticas que Arthur projetava em minha mente, enquanto eu, admirada e concentrada, pensava na minha sorte de tê-lo como meu melhor amigo e me impregnava de sua doce e preciosa companhia, tão característico que lhe era se ater à fugacidade, à beatitude e à singeleza dos instantes, pois, assim, era o seu modo particular de alcançar um patamar maior e profícuo de autoconsciência e de sensibilização. Quietude, fascínio e conforto compunham o seu cerne, aqueles seus trejeitos de devaneador saltitavam em todas suas manifestações artísticas, seja na escrita, seja na arte, seja na música. Enquanto divagava sobre ideias mirabolantes, ele fazia movimentos vagarosos com o braço esquerdo e, na mão direita, segurava o cigarro, dando lentas baforadas em direção aos feixes de luz e à poeira suspensa e iluminada, consumindo vários cigarros na mesma voracidade e rapidez com que a vida consumia sua felicidade e seus sonhos.

Por diversas vezes, prendia minha atenção ao verso tatuado em seu antebraço. *A meu lado tudo se faz tarde: amor, gozo, ventura*. Ele explicou-me, certa vez, a razão dessa tatuagem: para se lembrar, cotidianamente, de que as coisas sempre mudariam. — Tudo vai mudar, Isa, os tempos vão mudar... — disse-me na ocasião, de olhos quase entrecerrados, enquanto baforava. Essa percepção da finitude à qual ele era destinado me surpreendia, porquanto era algo que não o assombrava tampouco o entristecia.

Lembro que, em certa tarde de outubro que passamos no sótão, Arthur adormeceu após alguns goles de vinho e umas tragadas. E quando ele acordou, encontrou-me de olhos semiabertos, com a cabeça encostada na parede e algumas gotículas de suor na testa. Senti uma emoção taciturna a se apoderar de mim: o meu fôlego exauria-se. De soslaio, olhei em direção à luz estonteante que atravessava a janela e enquadrava o piso de madeira, procurando desviar a atenção daquela sensação de asfixia, enquanto ele, complacente e ciente do que estava prestes a me acometer, sussurrou-me, de repente, do outro lado do sótão: — Acho que você vai ter uma crise, mas não se preocupe, certo? Só descarregue o peso do coração. Eu estou aqui.

Sorri diante dele e, por um momento, senti que conseguiria abrandar minhas emoções. Mas, de súbito, ao sentir o coração a golpear-me violentamente, principiando uma crise iminente de ansiedade, levantei-me e fui me sentar ao lado dele, na outra extremidade. Com um rubor férvido, sua fisionomia interrogava-me acerca daquela minha brusca mudança, contudo, após fitar-me profundamente por alguns segundos, ele me vislumbrou no limiar do abismo, prestes a ruir pelo descompasso excruciante de meu fôlego. — Me deixe chorar em seu ombro — murmurei-lhe, com a rouquidão quase a sustar minha voz. Sem óbices, ele assentiu e exprimiu a cortesia incomparável de seu sorriso condescendente, enquanto minha cabeça repousou, devagar, sobre seu ombro esquerdo. Ele passou o cigarro para a mão direita e estendeu, convidativo, a esquerda sobre o assoalho, para que eu enlaçasse a minha à dele e não tivesse medo daquela desordem emocional repentina, ao passo que as lágrimas fluíam pelo meu semblante, buscando conter suavemente a intensa inquietação que me consumia.

— Por favor, faça tudo desacelerar — pedi-lhe, em burburinho.

— Já está desacelerando, Isa, confie em mim... — respondeu-me — Apenas respire fundo e se agarre aos detalhes à nossa volta.

Após alguns minutos, a agitação do meu coração amenizou-se ao ouvir o intenso uivar do vento. Abri os olhos e, de imediato, pensei, deslumbrada, que nada era suficiente para exprimir a beleza vasta e colossal daquelas tardes quentes que Arthur e eu usufruíamos ali, no sótão, no lugar mais improvável para se estar. E, no silêncio imenso e despovoado que acolheu o restante daquele entardecer, contemplamos juntos a continuidade da vida despida diante de nós, em um mosaico de luzes e sombras.

2. Noite de fim de ano.

A lembrança daquelas tardes com Arthur me trouxe um forte vazio, após ele ter ido morar em outro estado para trabalhar em uma editora renomada de livros. Quase três anos se passaram desde então. Arthur e eu conversávamos por mensagens de texto e, eventualmente, fazíamos videochamadas para contarmos as novidades e matarmos a saudade,

conquanto a distância. Nesse ínterim, várias coisas aconteceram em nossas vidas e no mundo, em virtude da pandemia. Pensei que nem mesmo tais mudanças seriam capazes de afetar a nossa amizade, mas me enganei. Após o pai de Arthur vir a falecer em decorrência da Covid-19, a energia entre nós se alterou radicalmente. Devido ao cancelamento em massa de voos, ele não pôde retornar a tempo para Fortaleza para se despedir de seu pai e dar-lhe um último abraço, o que intensificou o seu martírio. Suas palavras passaram a conter um tom fúnebre e melancólico, além de certa vagueza e insegurança no tom de voz, como se já não tivesse mais aquela postura de firmeza de outrora perante a vida, o que destoava bastante daquele rapaz, animado, vibrante e convicto que conhecia tão bem. Ele se tornou mais recluso, monossilábico e quieto, o que dificultava a nossa comunicação. Tentei compreender o que ele vinha passando e respeitei o seu tempo e espaço. Aquele anseio de conversarmos e de realizarmos videochamadas se sucumbiu aos poucos, passamos a fazer contato em determinadas e raras ocasiões. Nas vezes que nos comunicávamos por ligação de voz, entristecia-me o silêncio perturbador e incômodo que pairava entre nós, como se ele estivesse ali, do outro lado, apenas por obrigação, para demonstrar que ainda tinha certa consideração por mim. Uma lacuna formara-se entre nós, a ponto de chegarmos à incomunicabilidade por meses e meses. Ele retornou posteriormente para Fortaleza algumas outras vezes, porém de forma bastante breve, apenas para rever a mãe e outros familiares. Pensei que ele passara a ter certa repulsa pela sua cidade natal, um certo desconforto devido à lembrança da perda do próprio pai. Aceitei que até mesmo as amizades mais sinceras e profundas podem esmorecer, devido à ordem natural e incontornável das coisas. Porém, sempre me recordava dele, com o maior carinho possível, e ansiava por reencontrá-lo, por reavivar aquele nosso vínculo e por lhe estender minha mão. Eu não fazia a mínima ideia do sofrimento que ele estava vivenciando tampouco o que estava fazendo para se recuperar emocionalmente.

Sabia que precisava me desprender um pouco mais do passado para não me tornar uma refém do saudosismo, de uma ilusão deletéria capaz de me fazer cega diante da enormidade de perspectivas desnudas no presente e no futuro. Por isso, enxerguei esse distanciamento entre Arthur e eu como um indício de que eu precisava deixar o passado ir de uma vez por todas, mas não era fácil, algo que eu não sabia nominar me prendia ao que fui, às más e boas reminiscências, a certos arrependimentos. Será que aquele meu apego ao sótão é um reflexo do meu medo de seguir, de não encontrar uma razão para viver que não seja ancorada ao passado?, perguntava-me e, ao mesmo tempo, sentia-me desnorteada, como se nada, enfim, fizesse o mínimo de sentido, como se eu estivesse predestinada a remoer, para sempre, perdas, traumas e fracassos. E doía-me mais o receio de nunca mais viver algo deleitoso e catártico como aquelas tardes e outras vivências que passei ao lado de Arthur, vi aquele distanciamento como um lembrete de que, de tempo em tempo, a vida levaria algo bom de mim até não sobrar mais nada. Passei a me acostumar a viver em um modo de sobrevivência, pontuado por uma oquidão excruciante na alma e no coração que nem mesmo eu saberia

explicar o poder de sua devastação sobre mim.

Após quase 3 anos, nas vésperas de Natal de 2020, recebi uma ligação inesperada de Arthur que seria decisiva em nossa história. Tão logo atendi ao seu chamado, ele me perguntou onde eu passaria o réveillon de 2021. Fiquei interrogativa e surpresa com aquela pergunta, respondi que, de praxe, passaria provavelmente o fim do ano em casa. Retrucou que tinha uma ideia melhor: passarmos juntos o réveillon. — Que conversa é essa, hein? — perguntei-lhe com o mesmo tom de surpresa que ele emitiu no dia que o sugeri de passarmos aquela tarde de fevereiro no sótão, o que fez nos lembrarmos e rirmos desse episódio inolvidável. Respondeu-me que voltaria para Fortaleza para passar três dias com a família, mas que queria me ver também e passar o réveillon comigo se fosse possível. Assenti o seu convite com uma animação evidente, mas, tão logo terminamos a breve chamada de voz, sobreveio um medo de que aquele desconforto, que se tornara tão usual em nossas conversas a distância, viesse também a ocorrer em nosso reencontro, de que nossa conversa não fluísse mais como antes, de ter a confirmação fatídica de que nos tornamos apenas velhos conhecidos que se agarram unicamente a fatos passados, a uma comunicação baseada em necrológicos, a um saudosismo melancólico. Porém, mesmo com tal receio, precisava sucumbir finalmente essa dúvida que pairava em minha mente.

Quinta-feira, 31 de dezembro de 2020. Eram 22 horas da noite quando liguei para Arthur e lhe disse para me encontrar atrás do shopping. Tinha ido comprar algumas coisas para comermos durante a virada do ano e algumas poucas bebidas. Combinamos de passar o réveillon na praia, em um ponto mais afastado das luzes cegantes da cidade. Ao entrar no carro, vi sua fisionomia marcada por aquele júbilo de outrora, sorria a todo momento e, de vez em quando, desviava a atenção da estrada para me olhar e sorrir em sincronia comigo, à procura de minha cumplicidade. Flashbacks em minha mente. Lembrei de nossos velhos tempos, de nossas tardes, de nossas aventuras pelo mundo afora. Estarrecidos, cantarolávamos músicas como se fosse o último dia de nossas vidas, tão aflorados estavam os nossos ânimos. As ruas estavam quase desérticas... Assustava-me, com um golpe violento no coração, ver o quanto a pandemia modificou drasticamente a vida de todos. Vez ou outra, alguns fogos de artifício eram explodidos precipitadamente. Pela rodovia iluminada pelos postes, o carro avançava em direção a um trecho da orla que era tranquilo. A sensação era a mesma que eu sentia ao subirmos até o sótão de minha antiga casa, com o medo e o nervosismo diante da possibilidade de sermos pegos no flagra pela minha mãe, enquanto fumávamos e bebíamos às ocultas. Um prazer incógnito pela aventura, pelas descobertas, pela vida sempre foi o que compôs a substância de nossa união. Recordar essa sensação, após tanto tempo, foi um dos maiores privilégios que eu já pude sentir: um retorno à ingenuidade, à vitalidade e à onipotência da mais tenra jovialidade.

À medida que nos afastávamos das luzes cegantes da cidade, o céu ficava

incrivelmente mais azul-escuro e estrelado, enquanto a ventania soprava, intensa, pelas janelas do carro. Aumentei o som. Ele olhou, assustado, para mim, pois sabia que eu tinha ouvidos sensíveis à música alta, mas, como era uma ocasião especial, eu queria que meu coração homérico batesse em frenesi, queria que todo o meu sangue palpitasse estrondosamente, em consonância com a música. Com urgente sede de viver, eu usufruía intensamente de cada segundo, de cada minuto daquelas últimas horas de 2020. Estava intransigente demais para me deixar ser vencida pelas minhas fraquezas emocionais, pela minha ansiedade. Aquele ano tinha sido uma verdadeira provação, almejava redescobrir a emoção incontável de viver, de sentir a adrenalina a se apoderar inteiramente de mim. Tocava uma playlist só com músicas que ouvíamos quando éramos apenas jovens universitários. E, naquela aventura, pudemos reviver, por um breve espaço de tempo, o desejo ardente de viver que nos foi roubado. Não havia brecha para tristeza ou qualquer sentimento capaz de afetar o nosso júbilo sem razão, aquela empolgação súbita, febril, sublime e exorbitante que se apossou da gente. Cantamos, berramos, rimos. O carro avançava na escuridão avassaladora, e a gente seguia sem rumo, apenas em admiração às estrelas que cintilavam sobre nós. Às 23 horas, ele estacionou o carro num posto de gasolina, e de lá, caminhamos até a orla. Estendi uma manta sobre a areia, nos sentamos, ele pegou o isqueiro, tentou queimar repetidamente o cigarro por dentro da camiseta, com uma das mãos em volta da chama trêmula em oposição à fúria da ventania, até finalmente o cheiro de tabaco alcançar as nossas narinas. Levou-o à boca e deu a primeira e vagarosa baforada. A fumaça ondulante e dispersante em meio ao azul portentoso e estrelado do etéreo, na nossa última noite do ano. Depois, de repente, olhei-lo de soslaio ao ouvir o ruído sutil de sua risada contida diante de minha imersão silente, contemplando a quietude da praia deserta, os barcos e as plataformas reluzentes no horizonte, as estrelas e a lua minguante. Sorrimos reciprocamente, conscientes de que meu divagar beirava ao gracioso.

Após três lentas e seguidas baforadas, passou o cigarro para mim. Já quase no fim da terceira tragada, perguntei-lhe, de supetão, se ele tinha algo a me contar antes da meia-noite, alguma coisa não dita, algum esclarecimento, alguma pretensão para o ano vindouro. Ele deu um meio sorriso e fitou o mar. Passei-lhe o cigarro. Por imprudência, deixou que a chama se apagasse, aparentava estar pensativo e sem coragem de me falar algo. Então, de repente, desandou a chorar sem explicação. Um choro forte, pesado, desesperado. Um rubor tomou conta de seu rosto. Seus olhos vermelhos e lacrimosos encontraram os meus. Ele se acalmou, deu um suspiro profundo, sentiu que precisava se desculpar e dar uma explicação acerca daquele pranto iminente. "Me perdoe...", disse ele. "Não, você sabe que não precisa se explicar a mim por nada, por ser você", interrompi-o ao atinar que ele estava envergonhado por ter chorado em minha frente. "Oxente, você é meu melhor amigo, não precisa se envergonhar ou pedir perdão...", continuei, contudo, logo comecei a chorar também. Então, começamos a rir diante daquele pranto recíproco, do quão idiota nós nos

sentíamos por chorarmos tão facilmente. Éramos naturalmente sentimentais à demasia e, por isso, sentíamos um peso hiperbólico sobre nossas existências. Nos abraçamos, enquanto ríamos e chorávamos sem nos preocuparmos com julgamento ou vergonha, pois, afinal, era a gente... Só a gente. Após conseguirmos controlar a lamúria, demos continuidade aos cigarros, às bebidas e aos petiscos. Enquanto baforávamos, preendi minha atenção à fumaça e ao que acontecia entre Arthur, eu e o mundo afora: eis aquele silêncio colossal, que nos acolheu naquela tarde de outubro quando eu tive uma crise de ansiedade. Aquele silêncio fleumático e profundo estava de volta e, com uma potência ainda maior, fez-se onipresente entre nós, como um ser esotérico a nos guiar a uma luz epifânica.

Fumaça eram os resquícios de dores silenciadas, o vazio desmedido de ausências ensurdecedoras e os gritos reprimidos que, rasgando de ânsia nossas gargantas por tanto tempo, finalmente, esvaíam-se, dispersavam-se, ondulantes, de nossas narinas e bocas, de nossas almas e corações, indo de encontro à vida adiante, à claridade nevada do luar, livrando-nos, enfim, do peso excessivo de nossa trajetória labiríntica de viver, da solidão e da obscuridade que nos afastavam da luz da aurora, de um recomeço auspicioso, sem mais tanta dor a carregar no âmago. Tendo tantas coisas inquietantes a serem faladas nas devidas oportunidades, mas sem se permitir verbalizá-las e findá-las, omitindo-as, postergando-as, deixando-as queimarem de profunda ânsia dentro de nós até que, por fim, asfixiem-se, arrefeçam e esfumem-se, formando uma camada densa, acumulativa e inebriante de fumaça, de arrependimentos e frustrações que, um dia, de súbito, após atingir um limite intolerável, se desvanece mediante o anseio, incontrolável e desesperador, de lágrimas e palavras finalmente libertas, seguido de um suspiro de alívio e de um silêncio libertador. Tendo tanto a ser liberto e compartilhado, porém sem coragem suficiente para antes desacorrentar a própria liberdade para se permitir ser com a máxima sinceridade, findar ciclos ultrapassados e prejudiciais, sentir o ápice da dor até finalmente cessá-la e, assim, poder abraçar a esperança e a liberdade reluzentes trazidas pela cura. Aquele silêncio, que se apossou de nós, não era fulminante. Pelo contrário, era confortante, catártico, vasto e anestésico, depois de descarregarmos verbalmente tudo que nos angustiava à demasia. Silêncio era a leveza da vida que pairou sobre a gravidade de nossos corpos e almas, como pétalas sobre nossos cabelos, em meio à fumaça a se dissipar pela ventania e ao céu agraciado pelo luar. O silêncio já não era mais um indício de desconforto, receio ou timidez, não era mais aquele grito reprimido de socorro que consumia os nossos ouvidos e excruciaava nossas gargantas e corações. Silêncio era a iminente libertação das dores enclausuradas e asfixiantes por tanto tempo, em nossos peitos. O silêncio nada nos pedia além de nossa quietude. A atmosfera era etérea... E tudo ao redor era autoexplicativo. Naquele instante prodigioso, confirmei a continuidade de nosso vínculo fraterno, apesar do tempo em que permanecemos distantes um do outro. E, naquela confluência de fumaça, silêncio e luar, reencontramos a vida adentro em sua força mais pura e

profunda.

Fizemos a contagem regressiva até dar meia-noite. E, assim que ocorreu a explosão dos fogos de artifício a iluminarem a superfície escura do mar, abraçamo-nos fortemente. "Te amo", falei-lhe. "Te amo, minha amiga", retribuiu sem qualquer indício de timidez. Por tantas nuances, o réveillon de 2021 ao lado de Arthur foi uma das minhas experiências mais marcantes. Por vezes, disperso-me e devaneio ao lembrar disso, ao refletir que a vida, naquela ocasião especial, projetava as mais inefáveis e aprazíveis sensações, ao recordar das gargalhadas intensas de Arthur diante de meus pensamentos mirabolantes enquanto fumávamos. Queria ter vivido, para sempre, na plenitude daquela noite, nas paisagens dos caminhos secretos que desvendamos perante os olhares de cada um, na companhia da imensidão que compunha nossos mais íntimos e sinceros sonhos, na delicadeza ingênua de desafiar a ligeireza e a finitude do tempo impiedoso, no silêncio de novas esperanças que a explosão dos fogos de réveillon nos suscitou, sob aquele intenso luar. Ali, tive a certeza de que ele, assim como eu, sempre esteve à procura de uma sobrevivência particular: renovando a coragem para viver a sensibilidade de sua existência no correr perigoso e imprevisível dos dias, para se encontrar intimamente consigo na quietude perigosa das madrugadas, para poder tocar a delicadeza da vida por baixo das palavras e das obviedades, para poder se ater àquelas boas recordações que, no caos de determinados dias ou fases, serão a única coisa que impulsionará o nosso frágil anseio de viver — pela esperança insistente de reencontrar a flama, frágil e fugaz, capaz de incendiar a vida adentro.

E, assim, juntos, com a noção de nossa natureza particular, aproximávamos-nos, gradativamente, da coisa mais forte e audaciosa que já nos aconteceu: algo que se assemelhava à esperança, ao amor, à confiança e à permissividade para prosseguir e ser-se, sem a imprecisão, a inércia e a fumaça de aflições passadas. Quando terminamos de fumar o último cigarro, trocamos olhares, sorrimos e ficamos a observar as ondas. De súbito, enquanto estava absorta em pensamentos acerca das incógnitas que o futuro me reservava para aquele ano e afundava os pés na areia, ele disse, com a segurança de um clarividente, que eu, no porvir, ficaria inspirada e escreveria algum texto acerca daquele momento, utilizando personagens fictícios para narrar, com esmero, não só sobre aquele réveillon, mas também sobre a nossa amizade. Em resposta, assenti com a cabeça e ri, pois ele sabia que, na escrita, eu encontrava alguma urgência e clareza de viver, além de certa salvação, conquanto temporária, de meus tormentos, assim como encontrei ao escrever este texto.

Mas não. Nem ele nem eu. Ninguém, afinal, conseguiria expressar, com severa fidelidade aos mínimos pormenores, o que vivenciamos e sentimos naquelas tardes calorentas e naquela noite indelével de fim de ano, naquelas nossas vivências repletas de gargalhadas e confissões ilimitadas, de olhares de cumplicidade e fraternidade, de fumaça a sair de nossas narinas e bocas, do reflexo da lua em nossos olhos aquosos, de luminosidade solar e vertiginosa a evidenciar a poesia de detalhes banais, emblemáticos e

fugazes, de silêncio deleitável acompanhado de pungente luar e do quebrar delirante das ondas. Ninguém captaria o magnetismo tão evidente de nossa simbiose, quando Arthur e eu vislumbramos, tão limpidamente, a vida pelos olhos um do outro, quando ele leu o verso de Hilda Hilst tatuado no seu antebraço e depois olhou, silenciosamente, para mim, antes de me esmiuçar a sua metáfora poética. Ninguém saberia sobre a vastidão de experiências catárticas e exuberantes, encobertas sob a superfície das ações e das palavras, que alcançamos, quando duas ou mais pessoas são convergidas para o indesatável enlace de almas e compreendem a força descomunal que habita no silêncio epifânico, espiritual, transcendente entre os seres. Ninguém depreenderia o quanto aquele "te amo", proferido tanto por mim quanto por ele após o lampejo dos fogos de réveillon, ecoou altamente, em nossas mentes. Ninguém conseguiria explicar o alívio e a gratidão que emanávamos ao atinar que éramos a melhor companhia um do outro. Ninguém, além de nós, presenciou o momento em que a profunda emoção de viver acolheu nossas existências, enquanto cantávamos, exaltadamente, Swing Lynn, Holy Ground e CigaretteDaydreams e gritávamos todos os versos dessas músicas a plenos pulmões, com o carro a 80 km/h pela rodovia deserta, à meia-noite, na iminência de um novo e incógnito ano, contemplando o celeste constelado e límpido, submerso em um azul-escuro extraordinário, naqueles últimos minutos antes de uma nova jornada solar.

Ninguém acreditaria em nós se disséssemos que a eternidade, por alguns microssegundos, tal como a fugacidade de uma estrela cadente, abraçou-nos. Ninguém compreenderia a felicidade esboçada em nossas fisionomias, naquela ocasião, tal qual nunca havíamos sorrido de forma tão ávida, ingênua e vibrante apenas pelo simples fato de estarmos vivos, como se a vida não fosse a nossa eterna antagonista. Ninguém assimilaria a magnitude de meu amor por ele nem a dele por mim. Não. Nunca. Ninguém. A força de nosso elo jamais seria compreendida ou elucidada por outrem. Poderiam ser outras pessoas, poderia ser outro local, poderia ser outro dia, poderia ser um tempo completamente distinto daquele... Mas, por uma razão cosmológica, era a gente, ali, junto, eu e o meu eterno melhor amigo... E nisso havia algo precioso, premeditado, desenhado pela força cósmica que, unindo esforços entre o céu e a terra e alinhando corpos celestes, colidiu nossas órbitas para o encontro fugaz com a beleza incomunicável e o emocionante mistério da vida.

E, ali, à beira-mar, em torno das 5 horas, antes de Arthur me levar de volta para casa, nos abraçamos intensamente, mais uma vez, sob o etéreo alvorecido e estrelado, com nossas mãos e pés impregnados de areia e, sobretudo, com a firmeza inabalável de que nossas almas eram de matéria consubstancial. Abracei-o como se fosse a última vez, apesar de acreditar que nos abraçaríamos muitas outras vezes ao longo de nossas vidas, mas, por amor e precaução, optei por abraçá-lo, lenta e fortemente, pois não sabia quando o veria de novo, já que ele iria embora no dia seguinte e

continuar a trilhar o seu destino pelo mundo. Defronte a imensidade de emoções que nos transpassaram durante a virada do ano, algumas lágrimas, ainda, despontavam-se e molhavam nossas roupas, enquanto céu e mar fundiam-se em uma tela de tons mesclados de rosa, violeta e índigo. Contudo, acalmávamos nossos corações arquejantes pouco a pouco, perante a contemplação do esplendor deslumbrante e tranquilizante daquele primeiro alvorecer de 2021, com o privilégio de ver as gaivotas, iluminadas pelo sol nascente, a sobrevoarem celeremente as ondas.

Por um átimo, quis expressar, de modo entusiasta, sobre o quão incrível foi aquele nosso réveillon, porém optei por permanecer silente e comunicativa com os olhos vermelhos e lacrimejantes. Ele fez exatamente o mesmo: quis falar, mas hesitou, pensou e concluiu que não havia mais o que ser dito, pois nossos olhares, abarrotados de fascínio e regozijo, já expressavam mais do que conseguiríamos mediante simplórias palavras. Não queríamos acordar as memórias que concebemos ali, de tão vívidas e aladas que ainda estavam em nossas cabeças. Queríamos apenas deixá-las envelhecerem sob o belo espectro da nostalgia mais latejante possível e recordá-las, verbalmente, em momentos vindouros e distintos de nossas vidas, como bons velhos amigos que, independentemente do tempo que passe, vão reencontrar, em cada um, o mesmo lar de sempre, com os mesmos cômodos, com as mesmas cores, com a fraternidade, o amor e o refúgio espiritual de forma íntegra, inabalável e imutável, resistentes à inclemência do tempo. Então, continuamos a vislumbrar o horizonte, por uma última vez, antes de irmos embora. Sempre em silêncio de intimidade. Sempre em reverência à força maior a nos enlaçar e impulsionar pela vida afora. Sempre com a cautela de quem protege uma preciosidade impalpável e efêmera. Sempre em veneração aos detalhes cativantes com que a vida ao redor nos presenteava. Enquanto ele se perdia nas sensações que aquela contemplação lhe causava, virei-me levemente de lado e olhei em sua direção: sua silhueta hipnótica e impetuosa, o vento a esvoaçar o seu cabelo em ondas afáveis, o vento gelado e vibrante da manhã a sussurrar em nossos ouvidos, algumas estrelas ainda a reluzirem no firmamento do amanhecer, as gaivotas a sobrevoarem o mar, alguns postes de luz ainda acesos pela avenida e, ao fundo, o céu sublime sobressaía. E, misteriosamente, sabia, com convicção, que aquela imagem diante de mim ficaria cravada na minha mente, pelo resto de minha vida...

*H.
Março, 2023.*

Vitor Hugo Almeida Santos

CRÔNICAS



Arthur, o Tônico

Não se esqueça de brincar e sorrir.

Arthur queria ser o Sonic, ele corria atrás da bola de futebol como um foguete - Mamãe, mamãe quero ser o Tônico. Gritava com alegria. No fim de uma tarde de domingo, ele, sua mãe e suas duas primas foram à praquinha do bairro. Ela levou a bola de futebol e suas primas duas garrafas de água. Porém, antes que fosse, Jasmin, sua mãe, lhe pediu - Vá calçar os sapatos senão eu não levarei a bola - Não, respondeu Arthur, sendo um garotinho teimoso. Ela foi na frente e o deixou para trás para que pudesse calçar os sapatos, ele não quis fazer e saiu correndo em direção a praquinha - Eu sou o Tônico. No caminho, um espinho se agarrou ao seu pezinho, ele se sentou no chão e começou a se contorcer de dor gritando, chamando por Jasmin. A cada segundo que passava seu pezinho inchava mais e mais que todas as pessoas na rua ficaram de coração partido. Jasmin, que tinha uma irmã enfermeira, pediu às duas meninas que fossem chamá-la para tentar retirar o espinho com cuidado e fazer um curativo. Assim que ela fez, Arthur chorou de dor quando foi retirado o espinho que saíram mais lágrimas dos seus olhinhos castanhos do que sangue do seu pezinho. A tia enfermeira então secou seus olhinhos com as mãos e em seguida passou pomada enrolando com uma gaze. Depois que as lágrimas acabaram e estava tudo bem Arthur entendeu que não era bom sair de casa sem estar calçado.



Minibiografia: Ítalo Rafael Lima Dourado. De Sobral-CE. Autor de dois livros de poesias "Úmido ou Episódios Dramáticos de Utilidade" 2020, EditoraMWG e "Outras Horas Úmidas" 2022, EditoraTomaaíumpoema".

HERÓI

Não posso esquecer a pessoa que me ouviu em todas as noites, em que eu estava em meus piores momentos, mesmo você longe de mim, mesmo você não falando comigo igual a antes, mas mesmo assim eu ainda te agradeço por não ter me ignorado naquele dia.

Talvez tenho passado sua imagem em minha cabeça todas as vezes que pensava em fazer uma besteira, mais lembro que você não estava mais por perto para me ajudar a parar de fazer, quando olho pra besteira que fiz sinto que os nossos momentos juntos começam a parar de brilhar em minha mente, sinto que estou a alguns “passos” de te perder novamente, minha mente nunca mais pensou em você de outra forma, só de um grande herói em minha vida.

Gustavo da Silva Santos – 79-99918-5645
2º ano FIC – Colégio Estadual Profº José Aribaldo De Campos Lima
Orientador: Carlos Oliveira Nascimento
Povoado Sítios Novos – Poço Redondo/SE



Gustavo da Silva Santos (Guga), filho de Suely e Genaildo, é natural de Nossa Senhora da Glória/Sergipe, reside em Sítios Novos/Poço Redondo/Sergipe, estudante do 2ª Série do Ensino Médio, textos publicados em Antologias, gosta de lê, escrever e ouvir música.

Pé de amora da infância
(Crônica)

José Marcos Ramos

A fruta da infância, deixava os lábios da menina, arroxeados, como se ela tivesse passado batom. Sentia-se mais adulta, parecida com a irmã mais velha, que já se maquiava. Corria para o espelho, e se admirava. Quando os lábios não estavam como ela imaginava, passava mais amora sobre os lábios e com a língua, fazia o contorno, e ingeria a sobra doce da fruta.

O menino, que morava ao lado, sempre acompanhava o crescimento da adolescente. Às vezes, ela também passava a polpa da amora nas bochechas, deixando a pele branca do rosto, um pouco rosada.

Uma vez, quando os dois estavam debaixo da amoreira, se deliciando da doçura da fruta, ele disse: — Seus lábios estão tão roxos, se você beijar os meus, eles também ficarão roxos!

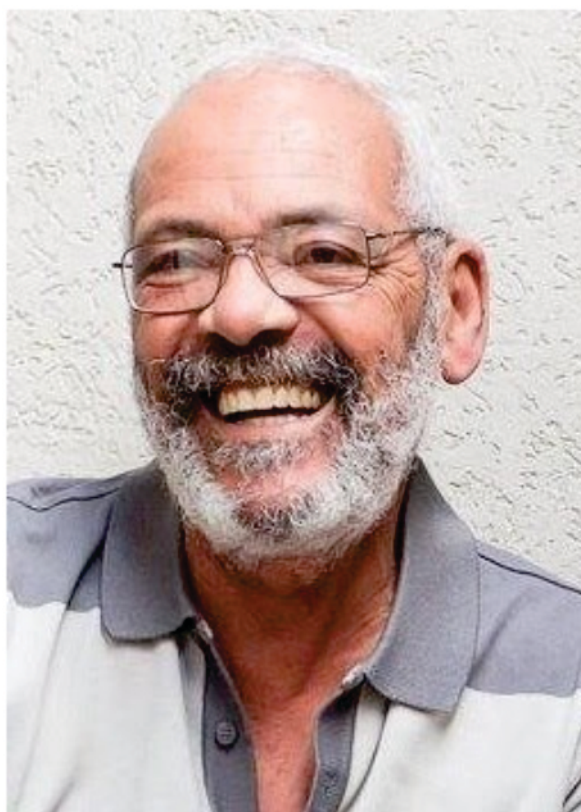
Ela, sem titubear, aproximou-se do menino e beijou-lhe. Foi o primeiro de uma série de beijos.

Hoje, comemorando *bodas de prata*, eles lembram dessa passagem da infância, enquanto se deliciam com a geleia de amora, musse de amora e um delicioso bolo de amora que dividem com os netos debaixo do frondoso pé de amora.

“Você gosta de amora? Pergunta o avô para a netinha. Vou contar ao seu pai que você namora.”

Biografia

José Marcos Ramos, nasceu em novembro de 1950. Estudou francês na aliança francesa, grego clássico na UFMG, e italiano na Fundação Torino, sempre gostou de histórias, (de ouvir da sua mãe e de contar para seus netos), em 1983 publicou Blim e Blom os Sinos de Domingo, um livro infantil de Produção Independente. Já publicou vários poemas, contos e crônicas em coletâneas, suplementos literários e revistas no Brasil e Argentina. Com o advento da Internet, publica seus escritos em um Blog (Manu Propia) e no Instagram @zezinho871



En los primeros años tenía, cierta precaria noción de tararear
“Massachusetts” de los BeeGees...(Junio 2018)

Los muchachos se divierten en el Billie's, jugando a las máquinas del millón, escuchando discos del jukebox, fumando maría y tomando cerveza con grosella...Son los años 60's.

Hace calor, los críos bulliciosos, se mojan en la única fuente del vecindario. En los charcos de agua creados, beben los perros callejeros y crecen las malas hierbas (ésas que nunca mueren)...al mismo tiempo cruza un viejo Moskvitch del 63...Un joven negro les mira desde la ventanilla de cristal, acribillada el sábado a la noche, cuando salieron a divertirse un poco por el barrio...llegaron de improviso los “Killersboys” con armas blancas y de fuego...y todo se disparó.

El padre está tumbado en la cama fumando un cigarrillo, se quita la camisa...hace calor y la mujer observa desde la ventana abierta, con mirada resignada, viendo el guetto en el que habitan tantas familias inmigrantes como la suya, hacinadas en los suburbios de las grandes capitales...

Familias cuantiosas de Harlem, Detroit (Ciudad del Estrecho) o del Bronx, amontonadas en habitaciones herrumbrosas...En las calles, las mujeres refrescan sus ardientes temperamentos. Alguien toca el violín en la tercera esquina. En la timba “la casa de los Arapahoes”, Muhammad Ali, golpea fuerte sus puños, hasta romper los guantes de piel de vaca, en la cara machacada y ensangrentada del contrincante.

El público mafioso vitorea con enormes puros en las bocas y el humo cegando sus ojos (sí, como la canción de ThePlatters) En el callejón de la salida del antro, una pareja abrazada, se besa mientras en el suelo, dos indigentes, tosen bajo gruesos cartones y escupen sangre.

Las bicicletas pisan las sombras de hombres invisibles que viven escondidos en las alcantarillas y desde los cielos echan destellos de lluvia con barro del sur...

Kim BertranCanut

Escola perto do coração da Mãe.

Marjorie de Sousa Morato

Conheço uma Escola pequena e colorida com um Flamboyant vermelho enorme na entrada, onde nos fundos nascem campos de dente de leão. Detrás dos muros gado branco pasta na grama verde, capim gordura e parecem pontos brancos maciços completando as flores leves da escola. Os sábias fazem ninho nas colunas que formam os extensos corredores repletos de salas e recheadas de crianças que falam, pulam e gritam e muitos nem vemos filhotes que abrem a boca aguardando o alimentos. Eles também não enxergam os meninos. Os pardais dão rasantes na quadra coberta para bicarem as migalhas do chão. Entre os pulos dos alunos na Educação Física, as gincanas e campeonatos eles também participam como se fizessem juntamente seus jogos interagindo com seus chirips. Cada ala tem suas singularidades. Uma de flores, outra de minerais. São Margaridas, Opala, Violeta, Ametista e cada um carrega naquele ano está nomenclatura tão bela. No chão a Amarelinha desenhada em tinta grossa, o caracol numerado, o parquinho de brinquedos modernos e anatômicos não são páreos para as crianças que brincam como com nossos bons brinquedos de ferro e por vezes se machucam da mesma maneira. Os murais contam o avanço dos alunos, um misto de tradição e de avanço. Salas com computadores e atividades em cartolinas, papéis de várias gramaturas e muita purpurina. Na sala da Diretora uma imagem de Nossa Senhora de Aparecida, nossa Mãe tão bela, que abraça todos os filhos e os assiste quando chamados a Diretoria. Creio que com um sorriso de cantinho e ouvindo cada palavra e cada suspiro, vendo um a um dos cutucões e chute debaixo das cadeiras, os olhares de ameaças, os choros manhosos e os sustos velados décadas após décadas rindo das artimanhas, compadecendo das dores e dúvidas e sendo visível e apreciada mesmo pelos que não tem ensinamentos religiosos sobre ela. Mas todos os olhos sobem para ela que abraça a Diretora, os professores, os serventes, cantineiras, alunos, os pais, os responsáveis, as plantas, os animais, o gado de fora, o riacho ao lado cercado de árvores, pedras e claro da ida dos meninos ao fim das aulas. Lá há árvores mais altas que as copas se encontram e como uma gruta que abraça o céu parece mesmo um lugar amoroso para um repouso para Nossa Mãe que está entre nós e por nós. Os bem-te-vis por vezes passam por lá e trinam felizes. Bem-te-vi.



Marjorie de Sousa Morato. Amante e entusiasmada pela vida e pelo viver. Resultado de tantas vidas. Mãe, mulher, em movimento. Formada em Psicologia.

À Sombra do Arranha-Céus

Matile Facó

A cidade acorda em uma sinfonia de buzinas e passos apressados. A selva de concreto nunca dorme, e eu, perdida em sua imensidão, me pergunto como vim parar aqui. Minha vida é uma sequência de apartamentos minúsculos e escritórios apertados, todos tão iguais que as paredes cinzentas se fundem em uma só.

Acordei hoje de manhã, com o sol tentando encontrar um espaço entre os edifícios para iluminar meu quarto. Olhei pela janela e vi o mundo lá fora, uma mistura de sonhos despedaçados e aspirações inalcançáveis. Mas o que fazer? A cidade é cruel, mas também é viciante.

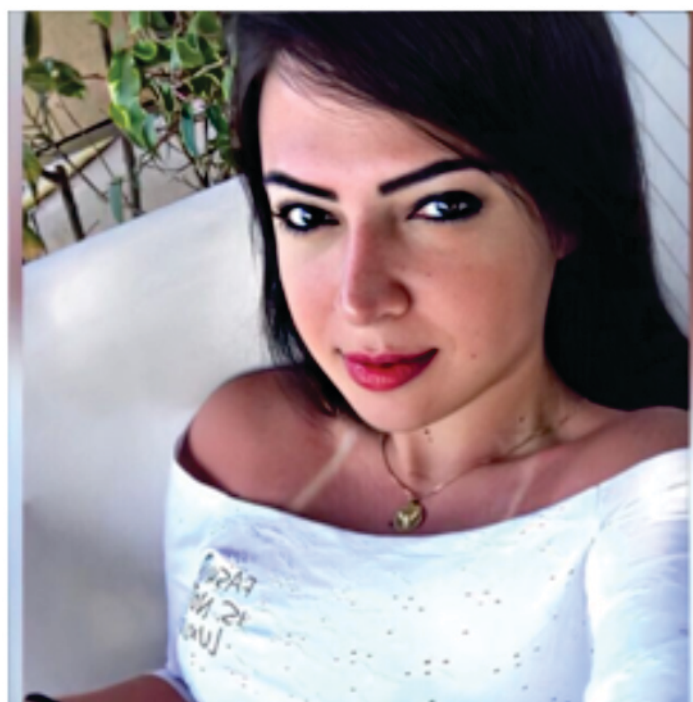
Saí para a rua, juntando-me à multidão anônima de rostos cansados. As pessoas passam por mim como sombras, cada uma com sua própria história enterrada sob camadas de indiferença. Ninguém se importa com o que você é ou de onde veio; todos estão ocupados demais correndo atrás de algo, ou fugindo de alguma coisa.

O café da esquina é o meu refúgio, um lugar onde posso me esconder por um momento do caos lá fora. Sento-me no balcão, peço meu café preto e mergulho em meus pensamentos. Observo as pessoas ao meu redor, imaginando suas vidas, suas histórias não contadas.

A garçonete me olha com um sorriso fraco. Ela deve pensar que sou mais uma daquelas escritoras frustradas em busca de inspiração na xícara de café. Talvez ela esteja certa. Talvez eu esteja presa nesse ciclo sem sentido de trabalho e solidão, procurando algum significado em meio ao concreto e ao metal.

O dia passa como todos os outros, uma série de tarefas e compromissos que me mantêm ocupada, mas não preenchida. À noite, volto para o meu apartamento, onde a solidão é minha única companhia. Abro a garrafa de vinho barato e deixo as palavras fluírem para o papel, tentando capturar a essência desta cidade implacável.

No final, esta é a minha vida, uma busca constante por algo que nunca encontro. Às vezes, me pego olhando para o horizonte, desejando estar em qualquer lugar, menos aqui. Mas, por enquanto, continuo à sombra dos arranha-céus, navegando nas correntes da cidade que nunca dorme, procurando um vislumbre de luz no meio da escuridão.



MiniBiografia: Matile Facó, nascida em Fortaleza, Ceará, é uma mulher multifacetada que transcende os limites da sua formação em Administração de Empresas. Como artista, ela encontra sua expressão nas palavras, nos desenhos e nos sonhos.

Fila de quê?

Vovó Lourdinha é uma senhora muito curiosa que adora andar por aí e segredos da vida descobrir. Quando sai para caminhar na cidadezinha onde mora logo vem uma perguntinha sem demora:- Fila de quê? – (Pergunta toda vez que vê uma fila qualquer). Fila grande ou pequena, com gente estranha ou conhecida, mas logo Vovó Lourdinha faz a mesma investida:- Fila de quê? Chegando na pracinha, já observa uma fila com várias pessoas a aguardar e um cheirinho gostoso que enche todo ar. Vovó Lourdinha se aproxima e pergunta logo sem parar:- Fila de quê? Um senhor com chapéu na mão, um menino com sua mãe de vestido florido, um casal de namorados de mãos dadas e um cheiro gostoso no ar:- Fila da pipoca! – (Respondem todos em coro! E o aroma de pipoca com queijinho faz Vovó Lourdinha suspirar e parar pra comprar.)

Chegando no centro comercial Vovó Lourdinha avista uma nova fila com muitas pessoas no lugar e curiosa não deixa de perguntar:- Fila de quê? Um homem todo arrumado cutuca a moça a sua frente que borra seu batom e pisa no pé do padre que já viu Vovó Lourdinha e desata a tagarelar:- Fila do banco para contas pagar, receber, depositar, sacar, emprestar e, quem sabe até, um dinheiro a alguém que devo pagar. Vovó Lourdinha percebe que não deve é na fila ficar, pois com aquele banco não tem nada pra acertar. Continua sua caminhada passa pela igreja e duas filas na frente da porta principal ela para pra questionar:- Fila de quê? Naquele mesmo momento aparece um casal saindo do casamento. Ele no fraque vestido e ela de véu e grinalda ouvem a fila dizer para a Vovó Lourdinha:- Felicidades ao casal! E uma chuva de arroz cobre a todos e a fila do casamento só se acaba com muitos cumprimentos.

Vovó Lourdinha, voltando pra casa, passa o hospital e logo vê uma fila triste que tem suspiros e choro e mesmo assim faz a pergunta afinal:- Fila de quê? Senhoras e senhores de preto com seus lenços na mão revelam aquele segredo, na fala de uma jovem em tom angelical:- É a fila de um funeral, nos despedimos com tristeza e nos lembramos com

saudade de uma pessoa querida que deixou a nossa vida. Vovó Lourdinha faz um sinal e se despede do pessoal. Caminhando e pensando entende o porquê afinal:- Toda fila traz uma história que tem começo, meio e fim e que se parece com nossa vida com alegrias, tristezas, aromas, desejos, amigos e desconhecidos. E assim em cada fila vamos vivendo e descobrindo os grandes segredos da vida.

Prosinha – Taubaté – SP

Biografia

Plínio Macedo, nascido em Taubaté - SP, atualmente Gestor escolar, Professor de artes, pedagogo, escritor, contador de histórias, artista visual e ator profissional sob o DRT 27486/SP. Seu personagem **Prosinha** é inspirado no pai que conta "causos".



POESIAS



AH! LUA LUAR!

fachos jorram do céu
salpicando de prata
os caminhos terrenos
entornados de poesia
ah! Lua, luar
um escândalo de magia
airosa, faceira, feiticeira
arrepias os apaixonados
atração de toda gente
tão cantada em verso e prosa
nunca envelheces
cheia, nova, charmosa
crescente, minguante
estonteante
vermelha, azul, encantas
quando te escondes
nas beirolas das nuvens
o mar te beija no horizonte
em noites mornas, a te afagar
ah! Lua, luar
aí, te mostras inteira
para o poeta te enamorar
esperam-te chegar
o samba, o bamba
o vinho, o carinho
nas cordas de um violão
personificas a canção
sempre, sempre a inspirar
pérola mater, quilates de ouro
baú de tesouro
divino alento, mulher star
ah! Lua, luar

Beth Elizabeth Iacomini
ALEPON

POETA(S)

insones, tresloucados
voamos além das estrelas
de repente, caímos ao chão
corpo na terra, cabeça na lua
buscando o fim de uma inspiração
rabiscamos emoções no vento
não aceitamos poucos sentimentos
intensidade é intrínseca a nós
muito é pouco, queremos sempre mais
amor e dor conjugam-se indelevelmente
ora somos sol, ora chuva torrencial
necessitando de uma bebida quente
juro que somos gente consciente
encantamos-nos com o voo das borboletas
poesia, nossa arma de defesa no mundo
brincamos com as letras, sim
conversamos com as galáxias
buscamos o significado pleno da vida

Beth Iacomini

INDIRA

de dia
Indira desfila
pela praia
ensolarada
de saia rodada
vendendo coco
cabelo preto
esvoaçante
de noite é Dira
cabelo loiro
dançante
vestido colante
vende seu corpo
o mar vira bar
penumbrante
deixa em casa
seis rebentos
e volta de manhã
com alimentos
leite, pão
ovos, feijão
afaga os filhos
um a um
alimentados
limpos, penteados
caminham para a escola
Indira dorme
quem vai julgar?

Beth Iacomini

Pedro e Amadeu

Pedro olhava para o céu.

Amadeu, para o mar

Um dia, trocaram de posição

Pedro viu sereia e por ela se deixou levar aos reinos debaixo
d'água

Será que Pedro um dia voltará?

Amadeu, hum... Amadeu...

Viu o que Pedro não vira

Uma revoada de pássaros

E então pensou:

Voar, voar, voar, voar, voar, voar, como borboletas

Voar, voar, voar, voar, voar, voar, como vocês fazem

Deixe-me voar junto com vocês, gente minha

Deixe-me voar sobre os sete mares

Deixe-me voar junto com vocês e, no céu cirandar

No céu cirandar

Já! Quero já!

Voava em sua imaginação, enquanto dormia

De volta ao mundo concreto, resolveu unir os dois universos e
fez uma canção aos pássaros e a Pedro, que acabava de voltar!

Amintas Angel Cardoso Santos Silva

A Terra (poema inspirado em ladainha de Capoeira)

AMINTAS ANGEL CARDOSO SANTOS SILVA

Dia 4 de dezembro

No dia 4 de dezembro

É Festa de Iansã, em Salvador

Dia 8 de Dezembro, Padroeira Conceição

E depois, no dia 13,

E depois no dia 13, colega véio,

É a Festa de Santa Luzia, no Pilar

E depois no dia 20, é a vez de São Tomé

E no dia 31,

Bem no dia 31,

É a Festa da Boa Viagem

Dia Primeiro de Janeiro, Procissão no meio do Mar

E depois no dia 6,

Bem depois no dia 6, colega véio,

É a Festa da Lapinha, é Santo Reis

Segunda quinta de janeiro, vem Lavagem do Bonfim

E no dia 27,

Bem no dia 27, colega véio,

É a vez d'Obaluaê

E no 2 de Fevereiro,

É a Festa de Iemanjá

Quinta antes de Carnaval,

Na quinta antes de Carnaval, colega véio

É Lavagem em Itapoã

Sexta-feira trás Quaresma, Sexta-Feira da Paixão

E no dia 13 de junho,

Bem no dia 13 de junho,

É a vez de Santo Antônio

E no dia 24, é a vez de São João

E no dia 29,

É no dia 29, colega véio,

É a Festa de São Pedro

Princípios

Temos hábitos pessoais que dizem quem nós somos, ideais que nos conduzem, como pensamos ou imaginamos, um código de ética, contém regras e discernimento, são leis internas, nascemos e cultivamos durante o crescimento.

Em nossa caminhada é fácil nos perder de nós mesmos, somos testados em nossa vida, afim de nos levar a erros, manter a linha e seguir a diante sem nenhum desgaste, um ato difícil, muitos conseguem, chamamos de caráter.

Com toda complexidade do mundo, conseguir manter integridade, enfrentar as adversidades, sem desviar e manter nossa qualidade, são pequenos atos, mas de muita importância, hábitos que nos mantêm firmes e inspiram confiança.

Escolher seguir valores que nos foram ensinados, sempre visando o futuro, mas nunca esquecer o passado, a vida é um eterno aprendizado, sabendo viver, será valorizado, terá um vida plena, colhendo bem, tudo que tem cultivado.

Alex Manso



Alex Manso, 39 anos, nascido em Belém do Pará, mora em Brasília, onde adquiriu gosto pela literatura, escrita, cinema, qualquer forma artística que conte uma história.

E depois no 2 de Julho, Independência da Nação,
Ê, viva a Bahia!!!
E no meinho de agosto,
Bem no meinho de agosto, colega véio,
Boa Morte em Cachoeira
E no dia 16, é a Festa d`Omolu
No finzinho de setembro,
No finzinho de setembro,
É São Cosme e Damião!
Iê, viva a meu Deus!!! (iê, viva a meu Deus, camará...)
Viva a meu Mestre! (iê, viva a meu Mestre, camará...)
Viva a Bahia! (iê, viva a Bahia, camará...)
E a Minha Mãe!!! (iê, a minha Mãe, camará)
Que me ensinou! (iê, que me ensinou, camará)
A Capoeira (iê, a Capoeira, camaradinho...)
A Ladainha (iê, a Ladainha, camará)
E o Corrido, (iê, jogo de dentro camará!)
Samba de Roda, (iê, Samba de Roda, camaradium...)

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A inteligência humana
transcende a racionalidade.
Cria meios tecnológicos avançados,
não lhe falta habilidade.

O que dizer dos benefícios
em prol da comodidade,
talvez seu uso irrestrito
gere inclusive ansiedade.

Tudo à mão mesmo a distância,
corpos solitários buscam companhia:
pelo contato visual,
se faz até terapia.

Máquinas comandam o cotidiano,
informações úteis ou à revelia,
conviver com assistentes digitais,
esta, a nova mania.

Trazer a realidade e boas vivências,
resgatar o contato direto.
Será que há como favorecer
o consumo e uso corretos?

Fato é que não há retorno,
não se pode regredir.
Maravilhosa é a ciência
que usa a inteligência para nos servir.

Atenção à consciência
e também à empatia,
pode ser artificial a inteligência,
mas nunca a paz e harmonia...

FRESCOR

sopro da natureza
beijo da brisa
me refresco

ALIENAÇÃO PARENTAL

filhos *ping-pong*
amor divergente
emoção em disputa

Escritora e poeta, autora do livro *Aflorar Poetrix* (Scortecci/2022) participou de diversas antologias e coletâneas, membro de cinco academias e da confraria literária *Ciranda Poetrix*, publicações em revistas, blogs, redes sociais, participou de contação de histórias infantis na Rádio Heliópolis e Zumm 87,5 FM pela APEOESP.
Instagram: @angela.ferreira3



Tom e Melodia: lua de mel em Noronha.

Antônio de Medeiros Pereira Filho

Em menos de um ano
Já nos casamos!
A vida é assim
Ou você vive
Ou entra pelo cano...

E lá vamos nós
Para onde?
Viver essa aquarela
A lua de mel
Pra donde?

Gramado?!
Uma passada no mel
Onde mais Deus proponha?
Ponta do mel,
E Noronha!

E assim foi,
Ou melhor, fomos!
Uma ilha,
Um lugar peculiar
Que testemunhou nosso amar!

Graduando em Medicina, Faculdade de Ciências da Saúde (FACS),
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

A beleza em contemplação

Ariane de Medeiros Pereira – Caicó/RN

Contemplar as paisagens naturais trazia a calma que ela necessitava
Com a visão panorâmica do final da tarde em uma ilha desértica
A permitia refletir sobre a imensidão do mar e da grandiosidade da vida
A complexidade do universo a fazia perceber o quanto era pequenina.

Suas aspirações, energias, fazeres e dizeres se tornavam diminutos
O seu querer era mais um, dentre tantos, naquele meio de criação
Agradecia as energias emanadas pelas folhas das árvores
Elas a compreendiam muito mais que qualquer humano.

Ali passava horas a fio, refletindo sobre sua vida e sobre o que desejava
Entendeu que suas emoções estavam conectadas com os seres divinos
E que naquela simbiose de trocas enérgicas existia bem mais que um querer
Agradeceu por tudo e permaneceu sonhando com os momentos esperados!

Não cabia a ela decidir ou impedir que os fluídos jorrassem
Cabia compreender que as escolhas são uma dádiva.
Nem sempre, ao interesse daquela que as desejam,
Mas, com respostas ao universo questionado!

A ascensão das estações da vida

Ariane de Medeiros Pereira – Caicó/RN

Ela cansou de viver aas fases cinzas e chuvosas
Agora, gostava da alegria da primavera com suas cores fortes e vibrantes
Não esquecia que era no outono que se refazia e renascia
Descansou no contentamento do avermelhado que o final da tarde trazia

Lembrou que o mundo era muito mais que um ciclo pequeno e distante
A vida te trazia surpresas inesperadas e em uma dessas novas emoções
Seguia sem muita preocupação e nem emburramento,
Preferia a certeza que o caminho estava recoberto de pétalas alaranjadas.

Somente se aproxime quando tiver a certeza que quer seguir pelo caminho
Veredas não descuidadas, mas cuidadas, bem auspiciosas, amáveis e límpidas,
E quando, não for assim, tenha a firmeza para ser resistente como um cacto
Que se recolhe, se fecha, mas está guardando suas energias para suprir a vida

Na travessia os espinhos se faziam presente, mas as correntezas os limpavam
Em uma pura sinfonia de vem e vai e que sabia a hora exata de terminar
Naquelas desventuras os ciclos se fecharam e despertaram-se novos.
As energias estavam renovadas e o caminho florido. Sigamos!

TODOS OS CAMINHOS LEVAM AO SERTÃO

Carlos Oliveira N

Fui pra região sul não me adaptei
Fui pra região sudoeste não me adaptei
Fui pra região leste não me adaptei
Voltei pro meu Nordeste aonde tudo me adapto
Sertão acolhedor que vivo com muito amor.



Carlos Oliveira Nascimento, filho de Maria Josefa e José Batista, é natural de Aracaju/SE, reside em Nossa Senhora da Glória/SE. É Historiador, Psicopedagogo Clínico e Institucional, cursando Neuropsicopedagogia, com textos publicados em várias Antologias e Revistas on-line dentro e fora do estado de Sergipe, em 2021 foi homenageado pela AGL – Academia Gloriense de Letras, organizador da I Antologia Sítios-novenses de Jovens Escritores & Convidados, fundador do Clube de Leitura Profª Josefa Marques, apreciador e divulgador da Literatura Sergipana. Idealizador da página @uma.boa.leitura10

Poema: Coração

Autoria de Cristiane Ventre Porcini

Coração é palavra de três sílabas
No diminutivo é coraçãozinho, coraçãozito
No aumentativo: coraçãozão
Fica meio esquisito
Às vezes, o coração fica apertado, dentro do peito
Miudinho, miudinho
Que mais parece tatu bolinha.



Pintura de autoria de Cristiane Ventre Porcini: As Bailarinas em óleo sobre tela, de 2019.



Biografia de Cristiane Ventre Porcini:
Formada em Pedagogia, é mãe e amante
do desenho, pintura em tela, música e
poesia. Faz parte da CILA Confraria
Internacional de Literatura e Arte.
Participou pela Cila Confraria das
Antologias Versoletterando II e III.

Redinha

A Redinha da minha infância
Era do outro lado do Rio
Não tinha estrada de Asfalto
A travessia era nas lanchas
De Luiz Romão
Saindo do Cais da Tavares de Lira
Tinha a Redinha-de- Dentro
E a Redinha-de- Fora
Chupar caju nos sítios alheios
Pescar siris nas gamboas
Assistir bumbas meu Boi
O Rio Potengi que te beija
Sentindo sua graça cheia
Comer peixe frito com tapioca
Teu encanto nunca encontrei fora
Tua brisa. Tua placidez Sereia
Na década de 70 Redinha Nova
A Redinha cresceu ficou violenta
Ligada por ponte Estaiada
Não é mais minha Redinha
Com suas águas poluídas
Redinha é Vila em Pombal
Leiria na Beira Baixa
Para mim é uma lembrança
De um barco cheio de saudades

João da Mata Costa

A flor e o beija-flor

Foi por um lindo beija-flor
Que a flor se apaixonou.
Ele a ela beijava todo dia
E um dia ela se declarou.

Mas eis que um triste dia
O beija-flor não apareceu
E de tristeza a flor chorou
Sentia a falta do beijo seu.

O dia foi rápido passando
À noite, ele não apareceu
A rosa de tristeza chorou
Tristonha ela tanto sofreu.

Naquela noite de tristeza
De saudades e amargura
O beija-flor pra ela voltou
Beijou-a com pura doçura.

Daniel Bezerra

A falta de consideração

A grande falta de consideração
É um mal terrível que nos aflige
E que nos atinge, fazendo sentir
Como se o mundo não existisse

É como se fôssemos invisíveis
E assim, ninguém nos notasse
É como se fôssemos um nada
E ninguém não se importasse

O monte de decepção persiste,
E me reconstruo, ergo e resisto,
A desatenção jamais me define,
E a felicidade, luto e conquisto.

Mas eu sei que sou importante
E mereço o respeito e atenção
Porém a falta de consideração
Não me faz menos do que sou

Eu sei muito bem o meu valor
E que ninguém vai me diminuir
Porque eu sou único e especial
Mas dói a falta de consideração

Daniel Bezerra

O carroceiro

Cedo, a carroça
está na estrada.
Vai recolher lixo
na madrugada.

Desprotegido
de uma lona.
Só há neblina,
O acompanha.

Rosto sofrido,
Mão calejada,
Guia a carroça
Muito calado.

Geme a carroça,
Tão carregada!
Cantam as rodas
Na madrugada.

Daniel Bezerra

Que seu coração esteja sempre aquecido

Que seu coração esteja sempre aquecido,
independente do tempo lá fora.

Que somente bons sentimentos e pensamentos,
façam seu coração bater em consonância,
com a mais alta frequência de luz.

Que você possa estender o olhar além,
do teu próprio lugar onde está,
e poder sentir o que o outro sente,
tendo a sagrada compreensão,
de que somos todos seres em evolução,
e ninguém independente do cargo,
condição social ou material,
é melhor que ninguém.

Que seu coração esteja sempre aquecido,
para poder doar uma boa palavra,
um bom gesto e exemplo,
que possam ser copiados e ampliados.

Que o inverno seja uma estação de calor,
no sentido mais amplo do amor e caridade,

Sempre é tempo de se fazer o bem,
não importa a estação ou condição,
todos temos um coração no peito,
que nos foi dado pelo Criador,
no mais profundo ato de amor!

Que seu coração esteja sempre aquecido!



Elza Ghetti Zerbatto

Escritora, poetisa. Terapeuta Reiki Master 3B Método Usui. Participa de várias antologias nacionais e internacionais. Acadêmica Correspondente das Academias: Niteroiense de Letras, Goiás Velho, Fortaleza e Rio Grande do Sul. Ganhadora de prêmios nacionais e um internacional. Participa da Revista Barbante desde 2021 com textos autorais e Revista Danda desde julho de 2022.

Sonhos e Solidão

Na emoção desvairada
senti a dor da solidão.
Cobriu meu corpo de devaneios,
desejos perdidos no chão.

Os mares perderam as águas,
e as nuvens a imensidão.
Perderam-se sonhos e inocência,
na calada da escuridão.

Penetrou nos lábios do abismo
entrando em contradição.
E o sonhos, sem sonhos, cobertos de sonhos,
jogados em vão.

Um abraço quente,
sem braço e sem mão.
Despiu da tatuagem,
do ventre do coração.

Fugi dos pesadelos
que cercavam minha noção.
E meus sonhos por pesadelos
é só solidão.

Fábio Aiolfi



Fábio Aiolfi nasceu no dia 11 de abril de 1988, na cidade de Aracruz/ES. Desde de sua infância manifestou interesse por todos os estilos artísticos. Em 2005, inicia a carreira de ator no espetáculo “A Magia da Água” e seguiu apresentando mais de duas dezenas de peças teatrais. Seu primeiro livro “Entre o Amor e a Fogueira” foi lançado em 2010. Atualmente, viaja pelo Estado do Espírito Santo e postar suas expedições no canal Andarilho Capixaba.



Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano , atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, Essência de Nós e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza.

SER CRIANÇA

Pequenos seres
De grandiosa alma,
Sementes na plantação...
Seu nascimento à toda família acalma.

Hoje , poucos saberes,
Porém germinam devagarinho,
Conhecimentos aprenderão.
Por todo seu belo caminho.

Estrelas aqui colocadas,
Pelas mãos do criador.
Por nós, mestres, são lapidadas,
Com cuidado e muito amor.

De sua essência
Emana luz e muita magia,
Em todo lugar que vai,
A sua eterna alegria à todos contagia.

Ser criança é ser luz todo o tempo..
Sejamos uma eterna criança.
Um sorriso nos lábios a qualquer momento
Abrindo caminho para a esperança.

Fátima Nascimento Leite

ENSINAS O QUE APRENDESTES

Não guardas o que aprendes!
Doas pra multiplicar.
Quando se guarda, se perde,
O conhecimento que deverias doar.

Aquele que divide o seu conhecimento
Aprendeu a grande lição:
De que o maior ensinamento
É repartir com gratidão.

Portanto, caminhas, sempre.
Assim ,sempre aprenderás.
Aprenderás continuamente
Que a lição não termina jamais.

Pois o caminho do conhecimento
É uma a trilha sem fim.
E quem for perseverante,
Será um grande mestre sim.

Ser mestre, todavia,
Não é servir com altivez.
É ensinar com simplicidade
Sem orgulhar – se nenhuma vez.

É ter a humildade na alma
A cada degrau que subir,
E nunca negar uma palavra
A ninguém que lhe pedir.

Fátima Nascimento Leite

Menina curiosa

Marina é uma menina curiosa
Desde bem pequena é muito estudiosa
Ela pergunta sobre tudo
O seu sonho é conhecer o mundo.
Na sala de aula, sempre levanta a mão
Tira as dúvidas e ainda dá opinião
Os professores admiram a estudante
O futuro dela será brilhante.
Desde bebê ela foi apresentada à leitura
Antes de saber ler, ela narrava as gravuras
Lê tudo que estava ao seu redor
Com os livros ela nunca se sente só.

Autora: Iteuane Casagrande

Biografia: Iteuane Casagrande é capixaba, formada em Pedagogia e amante das palavras. Escreve desde a adolescência, inspira-se na vida e nos acontecimentos que ocorrem nela.

Outros tantos
nesse desembaraço
pelas unhas do tempo
onde não assenta a paciência
febris
essa dor do existir que não abranda
estamos nessa contagem repetida
dos mortos em confiança de uma guerra
arde corrosivo
alguém que sorri com uma arma na mão.

Jean Sartief

É pouco o tempo do toque
e onde mal se respirava
agora segue-se os olhos vendados
quase tudo é destroço
territórios invadidos armas drones
o cheiro da morte forrado por todos os lados
e mesmo muito perto
o coração guarda um vazio infinito
nem pássaros ou outros bichos
nenhuma árvore uma uva um figo
nada além do devastado ofício
do homem
e camadas do silêncio dos corpos sobre a terra.

Jean Sartief

Como talvez o primeiro senhor das terras
a mesma maldição do solo
o cultivo do rigoroso ódio ao outro.

Jean Sartief

SONHAR

Quando os sonhos ganham o mundo

A vida viaja...

Pega carona nas nuvens

Invadindo os céus

Descortinando os véus

Sobre as montanhas

Além do que se pode enxergar!

Quando os sonhos pulam os muros

Não há travesseiro duro que impeça os saltos

Tão pouco uma noite gelada que endureça o coração

Pois, a chama que renasce todas as manhãs...

Mantém a paz sempre quentinha

Onde a fé é o conforto a cada dia!

Karine Dias Oliveira



Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro- Pedagoga e professora. Pós-graduada em diversas áreas. Escritora de vários gêneros. Seleccionada em inúmeras publicações, vencedora de Concursos Literários (além de menções honrosas e especiais).

Legado

de teus versos sublimes
de tuas pedras no meio do caminho
das sete faces irresistíveis
me vi...
aprendiz

das quadrilhas amorosas
do colega ao lado, José
do stop que para o mundo
me vi...
pessoa

do preparo de uma canção
do anjo torto em disparada
dentre ser mulher e laranjeira
me vi...
eterna...

poesia e poeta
Drummond



Joyce Nascimento Silva é poeta, professora, pós-graduada em literatura. Suas poesias estão presentes em revistas, antologias, podcasts e concursos literários; recebeu menção honrosa em 2020 e a segunda colocação em 2021.

Rio de Janeiro/RJ

O reconhecimento da beldade

Aconteceu um fenômeno muito belo e raro... Difícil de entender, todas as pessoas até hoje não sabe como isso veio a acontecer, um clarão cinco horas da manhã... No intenso amanhecer, surgiu a beldade em forma de ser humano que veio agradecer, a uma moça esculpida e todos não deixaram de perceber. A sua bela forma estrutural e sua maneira de ser, a beldade veio cumprimentá-la sem nenhuma inveja e veio adorar o seu nascer, e pediu humildemente para a moça nunca lhe desmerecer. Pois ela reconhece a sua estrutura e todo o seu poder, é por isso que ela sempre lhe pede permissão antes de aparecer, a beldade confessa que com a moça tem muito o que aprender. Como se amostrar sem se exhibir... Na melhor hora surpreender, como se posicionar, sem seduzir... Apenas resplandecer, a Lizandra explica que para ser totalmente bonito ou bonita não só basta nascer. Tem que ter humildade, caráter e com isso tem que sempre conviver, não pode mudar de personalidade e postura independente do que acontecer, só assim a beleza aumenta pela pureza que vem a transparecer, a beldade se curva diante de Lizandra e vem a se submeter. Pois ela reconhece a sua estrutura e todo o seu poder, é por isso que ela sempre lhe pede permissão antes de aparecer, passos tranquilos e suaves... Lizandra demonstra para a beldade como se deve impactar sem se conter, olhar fixante ela ensina como dominar o que bem-quiser e como se desenvolver, um respirar sutil ela ensina que nunca deve se render, com um sorriso único ela ensina para todos como a sua autoestima não se limita e só vem a se enriquecer, estilos de roupas curtas ou cumpridas é uma das coisas que lhe fascina em qualquer proceder, e com isso ela dar aula de como a beleza vem a se estender, a beldade anota todas as dicas dia após dia e nunca esquece de agradecer. Pois ela reconhece a sua estrutura e todo o seu poder, é por isso que ela sempre lhe pede permissão antes de aparecer.

Luan Souza Poesias

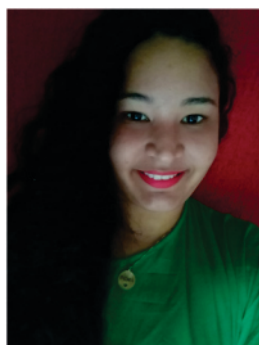
O amor vem no tempo certo

O amor não vem antes.
Nem depois do tempo.
O amor acontece no,
tempo certo.
Não queira nada antes.

Queira o amor no,
tempo de Deus.
Deus sabe o que é,
melhor para você.
O melhor vem de Deus.

Ama a Deus primeiro.
Seja fiel a Deus.
Não queira nada antes.
Nem mesmo depois.
O amor tem um tempo.

Para amar existe um tempo.
Amar requer tempo.
Tempo certo para amar.
Tempo certo para namorar.
Tempo certo para casar.



Biografia:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, poetisa e parodista, Brasileira. Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Participa de diversos concursos literários como: Revistas, Antologias e Coletâneas.

Vela e fogo, talvez.

Pôs em tua mesa de cabeceira,
Velas e fósforos,
Retratos antigos guardados,
E um copo de chá.

O fogo na ponta da vela,
As marcas e rastros,
De uma história não tão bela,
Que ataca seus compassos.

Vela e fogo, talvez,
As marcas na mesa velha,
No canto do quarto,
Por lembranças marcadas.

A mesa marrom bordô,
A xícara azul com flor,
A vela com chamas fracas,
Já não cedem muita luz.

O brilho desta chama,
Quase força não conduz,
E o marco dessa trama,
Amargura reproduz.

As marcas de dedos,
As manchas na xícara,
As fotos já cinzas,
E as pobres velhas margaridas.

Folhas secas e pétalas amassadas,
A marca do papel amarelo,
A tinta da caneta já gasta,
É o que o tempo pode causar.

Vela e fogo, talvez,
Vela e fogo, enfim,
O tempo passa,
E ela queima até um jardim.

Lucas Gois Santos

As manhãs se passam

Os dias passam e as notas do seu perfume estão em mim;
As manhã se passam
E eu fico sem ti.
As tardes vazias
Sem seu cheiro e calor.
A cada nota do seu perfume eu me perdia
E a cada saudade sua que eu sentia
Meu amor por você só cresceria.
Te amo e amo seu jeito de ser
Te amo e amo seu jeito louco de ser.
Te amo e espero um dia te encontrar
Te amo e sei que você nunca vai me amar
Te amo e sem esperar algo em troca
Te amo e amo quando você demonstra
Te amo e amo ser importante pra você
Te amo e com você eu queria viver
Te amo como nunca amei alguém
Te amo e o meu coração você detém
Te amo como nunca amei
Te amo como nunca esperei
Te amo e quero te amar
Mesmo que você não mereça o meu amor.

Lucas Gois Santos

CLAREANDO

Martha Cimiterra

Hoje, só há flores no meu interior.
Os medos fugiram pela porta da frente,
Apavorados pela beleza do dia...
O Sol aqueceu promessas,
Banhou projetos com seus raios potentes
E se instalou no céu, soberano.
As sombras- em sua extensão-
Duplicaram um sonho minúsculo e tímido
Que não ousava se exhibir.
Hoje, só há flores dentro de mim,
Pois meu jardim, regado com amor
Pelas gotas de orvalho da manhã ,
Anunciava o novo dia:
Mais um amanhecer colorido
Na bela seara da vida.

Biografia: Nasci no Rio de Janeiro, mas cresci em Campinas, cidade que adotei de corpo e alma. Professora, tradutora e escritora, tenho três livros infantis publicados e um quarto, no prelo. Escrever foi uma atividade que desenvolvi na maturidade, época de tempo livre e de maior reflexão.

A MARCHA DE JOANINHA

Martha Cimiterra

Pequenina Joanhina,
que caminha tão sozinha
O que você está a buscar
Que não consegue encontrar?
Sendo bonita e vaidosa,
anda que anda bem prosa.
Só diminui essa andança
quando as antenas balança.

Chega no lírio e não para:
tem medo de escorregar.
Copo de leite, esse então?
Não gosta nem de pensar!
A margarida a seduz,
mas não gosta de muita luz.
Girassol é gigante,
vai se perder num instante.
Violeta? Essa é bem frágil;
exige que seja hábil.
Dália é um labirinto,
(Vejam bem que eu não minto!)
Cravo, então, pior ainda,
vira que vira e não finda.
A rosa, bela e formosa,
rainha daquele jardim,
a seduz com seu perfume;
mas, por causa dos espinhos,
Joanhina pega outros caminhos.

Cansada de procurar
sem que nada lhe agrade,
segue por trilhas distantes
com suas patas brilhantes.
Pula pra um outro jardim,
continua ainda a buscar,
até que, encontra, por fim
um lugar onde pousar.
Mas por que toda essa andança?
Não vê que isso só cansa?

Tentando

Eu vivo a cantar o que eu sinto
Eu vivo a viver o que canto
Eu vivo a cantar para viver, mas nem sempre vivo o que tenho cantado
Às vezes me pergunto o que tenho feito
Às vezes tenho medo das minhas perguntas
Às vezes falo demais
Às vezes sorrio demais
Às vezes julgo demais
Às vezes, não, sempre, nunca, eu tento
Eu caio, eu levanto, eu choro
mas de uma coisa eu tenho certeza
eu canto, eu canto, eu canto

Menandro Góes

Sau(dói)dade

A saudade: meu Deus!
Dói quando tenho que voltar pra casa e depois voltar novamente
Dói ter que ser um adulto responsável
Dói ter que fazer as coisas quando não se quer fazer
Dói ter medo de conviver na sociedade
Dói viver
Dói falar
Dói
Ela destrói e dói

Menandro Góes



Meu nome é Menandro Góes Neto, sou estudante do curso Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe, estou atualmente no 5º período, e sou apreciador da literatura que explora o ser humano e os seus sentimentos mais íntimos.

RESENHA



PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A EAD NO BRASIL

SARDI, Rafaela Garcia; CARVALHO, Paulo Roberto de. **A docência na educação a distância: uma análise crítica da prática profissional**, *Psicologia em Estudo*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 1-14, 2022. Disponível em: DOI: [10.4025/psicoestud.v27i0.48799](https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.48799). Acesso em: 08 set. 2023.

O artigo analisado procura descrever como a educação a distância tem impactado a prática profissional dos docentes no Brasil, destacando como esta prática educativa vem moldando não só a educação, mas os paradigmas norteadores do ensino mediado pelas tecnologias digitais. A pesquisa foi realizada por Rafaela Garcia Sardi e Paulo Roberto de Carvalho, ambos professores de psicologia do magistério superior. Como metodologia, os autores resgatam diversos fragmentos extraídos da fala de professores entrevistados, permitindo refletir acerca das diferentes percepções destes profissionais diante das possibilidades trazidas pela EaD na práxi destes profissionais.

Antes de adentrar no esteio metodológico e análise dos dados, os autores apresentam de forma densa, o percurso histórico da EaD no Brasil, trazendo suas motivações, paradigmas, vantagens e desvantagens diante dos modelos tradicionais de ensino. Nesta construção, os autores apresentam cada um dos atores envolvidos na educação a distância moderna (mediada pelas tecnologias digitais), tutores, professores, ambientes de mediação e suas inter-relações. Ao mesmo tempo, perpassam marcos históricos que permitem ao leitor acompanhar as diversas fases da EaD, cada qual reverberando suas tendências e evoluções pedagógicas/tecnológicas. Os autores também enfatizam a trajetória da EaD no Brasil, citando as normativas legais que estabelecem a EaD em nosso país, com destaque para a LDB, a criação da UAB como importante referência de difusão da EaD no território nacional, em associação com o MEC.

A metodologia da pesquisa baseia-se na abordagem qualitativa, com utilização do estudo de caso e entrevistas semiestruturadas. O estudo contou com a participação de três professores, identificados como Emília, Paulo e Rosa, os quais foram submetidos a diversas perguntas, considerando que todos possuem experiência mínima de 1 ano em atividades de docência presencial e mesmo período na docência EaD. Os autores enfatizam que a pesquisa possui aprovação no comitê de ética, estando esta delimitada por parâmetros éticos. Ao mesmo tempo, estabelecem que os elementos teóricos de análise fundamentam-se na Psicologia

Social, direcionada para o mundo do trabalho, com ênfase na educação à distância.

Os autores prosseguem a pesquisa discutindo os dados colhidos durante as entrevistas. Inicialmente os participantes da pesquisa são indagados acerca do ensino presencial, destacando suas particularidades, satisfações pessoais, problemas, vantagens e desvantagens, permitindo inferir que a maioria dos participantes não reprovam o ensino presencial, demonstrando que o mesmo ainda possui importante influência, tanto para professores quanto para estudantes. Nessa perspectiva, os participantes também destacaram os pontos positivos e negativos da EaD, alguns destes trazendo à tona os principais medos e frustrações decorrentes do ensino EaD, principalmente a pouca interatividade, a variedade de público que deve ser assistida pelo professor, a insegurança em certos momentos com o *feedback*, que podem demorar, diferentemente da sala de aula presencial, onde este é quase instantâneo.

Diante das falas dos participantes, os autores concluem que a EaD como prática profissional, representa uma opção valiosa no campo do ensino, ressignificando a prática docente. Tal ressignificação, está associada às novas formas de interação, principalmente pela inibição do contato e controle das formas de aprender. Ao mesmo tempo, os autores pontuam que as tecnologias usadas na EaD, por seu caráter reprodutor, tendem a servir de registro da prática docente, colocando o profissional num ambiente de constante avaliação. Os autores também destacam a cisão dos corpos como elemento de apolitização, devido a impossibilidade dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, discorrem sobre assuntos de interesse comum no ambiente no qual interagem.

De forma geral, o artigo possui boa estrutura lógica, apresentando importante tema e pesquisa, centralizado na psicologia, permitindo ao leitor perceber como a EaD é capaz de introjetar fenômenos sociológicos capazes de impactar a prática docente. Também frisamos a amplitude do estudo, que envolve elementos do ensino como ecossistema de análise, fortalecendo novas pesquisas e discussões no cerne da EaD. O estudo é capaz de refletir sobre a prática docente no âmbito moderno, levando o leitor a compreender as diferentes relações estabelecidas entre os atores constituintes do processo (principalmente docentes e estudantes).

O artigo, por sua clareza e expressividade, como também pela apresentação detalhada de informações e metodologia consistente, é apropriado para todos os segmentos da pesquisa acadêmica, contemplando estudos em nível de graduação e pós-graduação, adensando pesquisas no campo das ciências sociais e afins.



BARBANTE JONHA

E. E. Romão Puiggari

Adryan Junio dos Santos Silva - 11 anos - São Paulo/SP

Enzo de Jesus Santos - 11 anos - São Paulo/SP

Enzo Torres Beggiato - 11 anos - São Paulo/SP

Izabela Carvalho Lopes - 11 anos - São Paulo/SP

Isabella Meireles Abade Soma - 11 anos - São Paulo/SP

Joás Ricardo Castilho Mayto - 11 anos - São Paulo/SP

Lailson Evert Plata Rojas - 10 anos - São Paulo/SP

Luisa Daiane Cabrera Lopez - 11 anos - São Paulo/SP

Maria Clara E Silva Martins - 11 anos - São Paulo/SP

Pyetro Da Silva Mota - 11 anos - São Paulo/SP

Raphael Amaral Guimarães - 10 anos - São Paulo/SP

Thayna Oliveira Silva - 11 anos - São Paulo/SP

Thayná Evellyn Santos Correia - 11 anos - São Paulo/SP

Tiffany Aparecida Teixeira Godoy - 11 anos - São Paulo/SP

Agradecimentos à gestão, docentes, especialmente às professoras incentivadoras:

Elaine Cassola

Mariana Couto Junqueira

Angela Ferreira



ARTES DOS
ALUNOS





Adryan Junio dos Santos Silva - 11 anos

Enzo de Jesus Santos - 11 anos

Enzo Torres Beggiato - 11 anos

Pyetro Da Silva Mota - 11 anos



Joás Ricardo Castilho Mayto - 11 anos



Lailson Evert Plata Rojas - 10 anos



Luisa Daiane Cabrera Lopez - 11 anos

Isabella Meireles Abade Soma - 11 anos

Izabela Carvalho Lopes - 11 anos

Thayna Oliveira Silva - 11 anos



Maria Clara e Silva Martins - 11 anos



Raphael Amaral Guimarães - 10 anos



Thayná Evellyn Santos Correia - 11 anos
Tiffany Aparecida Teixeira Godoy - 11 anos

CONJO

A FLORESTA DOS SEGREDOS.

Era uma vez, numa cidadezinha especial, onde o sol sempre brilhava com alegria, dois irmãos inseparáveis chamados João e Maria. Eles adoravam brincar e competir o tempo todo, brigavam por quem corria mais rápido, pulava mais alto e até por quem comia mais rápido na hora do lanche.

Mas em um dia ensolarado de verão, algo incrível aconteceu. Perto da casa de seus avós, existia uma floresta mágica e encantada. As árvores se estendiam até o céu, com folhas cintilantes como joias. As trilhas na floresta eram feitas de ouro, e o ar puro parecia sussurrar segredos.

Eles ouviam passarinhos cantando músicas felizes, viam borboletas dançando no ar e até fizeram amizade com um esquilo travesso que gostava de brincar de esconde-esconde. A cada canto da floresta, tinha uma surpresa esperando por eles.

Mas o lugar mais incrível de todos era um campo cheio de flores selvagens que pareciam se espalhar para sempre. As flores criavam um tapete mágico de todas as cores, e as abelhinhas zumbiam de flor em flor, fazendo um barulhinho suave e gostoso.

Um dia, enquanto exploravam o campo de flores, João e Maria encontraram algo muito especial: um baú dourado brilhando sob o sol. Seus olhos brilharam de felicidade, e eles sussurraram um para o outro: "Deve ter coisas mágicas dentro".

Mas, para chegar até o baú, eles precisavam superar desafios emocionantes. Pela primeira vez, concordaram em enfrentá-los juntos. O primeiro desafio era atravessar um rio largo e agitado, com água que brilhava como diamantes. Maria, a mais corajosa dos dois, decidiu dar o primeiro passo. João, esperto como sempre, fez uma ponte com galhos e pedras para ajudá-la a atravessar com segurança.

O segundo desafio era subir uma colina íngreme, cheia de árvores altas e caminhos estreitos. Desta vez, João usou toda a sua força, enquanto Maria o ajudava a dar os passos certos. Juntos, subiram a colina, passando por raízes grossas e fazendo amizade com um esquilo curioso que veio cumprimentá-los.

Finalmente, chegaram ao baú dourado, que estava trancado. Com muita determinação, o arrastaram de volta para o campo de flores como verdadeiros exploradores, prontos para descobrir o que estava escondido.

O terceiro desafio era descobrir como levar o baú dourado, que, para surpresa deles, era muito pesado. Com muita criatividade, usaram paus, cipó e flores para fazer uma carruagem improvisada.

Quando abriram o baú com muita expectativa, não encontraram ouro nem joias, mas uma coleção de livros antigos e mágicos. Cada livro era uma porta para mundos mágicos, cheios de histórias emocionantes e conhecimentos incríveis.

João e Maria descobriram que esses livros eram o verdadeiro tesouro da floresta. Aprenderam coisas incríveis, viajaram para lugares mágicos e compartilharam suas descobertas. A magia dos livros os uniu de uma maneira especial, e eles se tornaram amigos inseparáveis. A floresta encantada ensinou uma lição importante para eles: o verdadeiro tesouro está na união e no conhecimento. Os livros são como portas para mundos mágicos, e compartilhá-los fortalece os laços.

João e Maria voltaram para a casa dos avós e contaram sobre essa aventura emocionante, e sempre que podiam, voltavam à floresta, explorando segredos e compartilhando histórias mágicas com todos que encontravam. E nunca mais brigaram, pois agora sabiam que o verdadeiro tesouro está no coração, no amor e nas aventuras da leitura. E assim, viveram felizes, unidos por suas incríveis aventuras na floresta encantada.

POR VITÓRIA EVANGELISTA

BIOGRAFIA:

Vitória nasceu no dia 22 de fevereiro de 2014 em Curitiba, Capital do Paraná, mas logo se mudou com seus pais para a pequena cidade de Morretes. Vivi, como prefere ser chamada, é apaixonada pela natureza, pela leitura, pelas artes e também pelos animais. Sempre muito criativa, adora inventar brincadeiras e criar suas próprias histórias.

CRONICA

CADEADO

Dias passam e novas pessoas também, cotidiano normal que vai e volta. Olá velho amigo, parece que nos reencontramos... Será que é possível continuarmos sonhando?

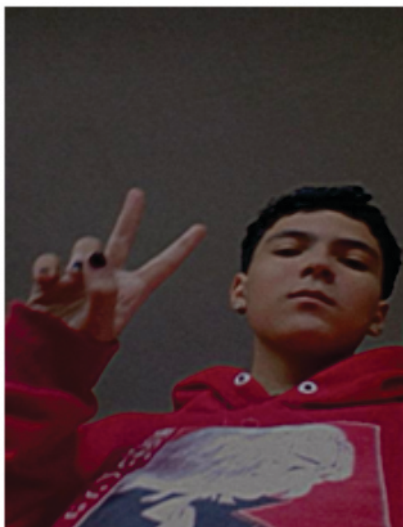
Uma lembrança guardada, sinto-me como um personagem... Não principal.

Eu vou continuar a andar e ainda vou te amar, eu sigo andando e posso me virar.

Mais uma vez meu desespero está me levando a minha cova, que a vários anos estive cavando com minhas próprias desgraças...

Prendo pessoas na minha mente, com cadeados protegidos a unhas e dentes.

Uma vez tomar decisões erradas, como sempre... Isso te faz ser diferente?



Gabriel de Amorim Varão (Amorim), filho de Anastácia e Abílio, é natural de Mauá/São Paulo, reside em Sítios Novos Poço Redondo/Sergipe, estudante do 9º Ano do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Prof. José Aribaldo de Campos Lima, é inspirado por Erison e pelo artista Kurt D. Cobain.

BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA



BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA

Christina Ramalho, poeta e fotógrafa
Murais de rua na cidade de Valparaíso, no Chile (2023)

Expediente

Revista Barbante
Caderno Especial Barbantina
Volume XI - Nº 56 - 31 de outubro de 2023
ISSN 2238-1414

03 anos da Barbantina

Editores

Rosângela Trajano
Samuel de Mattos

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Fátima Leite
Ana Priscila
Angela Ferreira

Diagramação

Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

Revisão dos autores.

